

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS:
ARISTIDES-CATÃO
CENSOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
JOAQUIM PINHEIRO

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora

Joaquim Pinheiro é Professor Associado da Universidade da Madeira e Investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Exerce, desde Outubro de 2016, a função de Coordenador do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades e é também Coordenador do Centro de Desenvolvimento Académico (cda.uma.pt) da Universidade da Madeira, desde 2013.

É membro do projeto DIAITA – Património Alimentar da Lusofonia (em curso) e, além disso, de dois projetos que, em Junho de 2018, foram aprovados para financiamento pela FCT: “Gynecia: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia” (PTDC/FER-HFC/31187/2017) e “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

A sua investigação principal centra-se na análise cultural, literária e textual da obra de Plutarco e de autores gregos do período imperial. Além disso, tem desenvolvido trabalhos na área da retórica, da mitologia clássica e das raízes clássicas da cultura ocidental. Alguns dos trabalhos estão disponíveis online: <https://uma-pt.academia.edu/JoaquimPinheiro>

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Daniela Pereira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS:
ARISTIDES-CATÃO
CENSOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

JOAQUIM PINHEIRO

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor

PLUTARCH. PARALLEL LIVES: ARISTIDES-CATO CENSOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR

TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY

Joaquim Pinheiro

Orcid.org/0000-0002-5425-9865

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

Projeto “BioRom – Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-2079-4

ISBN Digital

978-989-26-2080-0

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2080-0>

 REPÚBLICA PORTUGUESA

© fevereiro 2021

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Unversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PLUTARCO. VIDAS PARALELAS:
ARISTIDES-CATÃO CENSOR
PLUTARCH. PARALLEL LIVES:
ARISTIDES-CATO THE CENSOR

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY

Joaquim Pinheiro
Orcid.org/0000-0002-5425-9865

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade da Madeira
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
University of Madeira
Center for Classical and Humanistic Studies

RESUMO

Em diferentes contextos, Aristides e Catão Censor são paradigmas de figuras históricas que se dedicaram à causa pública. Enfrentando obstáculos de diversa natureza, souberam, apesar dos oponentes à sua estratégia política, manter os seus valores. Por meio da *arete* e da *dynamis* distinguiram-se na *politeia* e atingir a *doxa*. No entanto, como é muitas vezes inerente à atividade política, isso contribuiu para o ostracismo de Aristides e também Catão Censor conseguiu suscitar a inimizade em vários sectores da sociedade romana. Plutarco, selecionando um conjunto de ações, evidencia um aspeto que é transversal na história do pensamento político: o coletivo e o privado. Aristides, mais do que Catão Censor, consegue valorizar o sentido coletivo da sua ação política em detrimento do bem-estar individual. O que para alguns pode ser falta de ambição, para Aristides é respeito pela justiça e pelo coletivo. Quanto a Catão Censor, distingue-se pelo sucesso com que gere o privado, o que pode ser um sinal de mesquinhez ou grandeza de espírito. No exercício das suas funções políticas, procuraram ambos manter uma conduta moral exemplar, ainda que condicionados por diferentes circunstâncias pessoais e também sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Plutarco, Aristides, Catão Censor, biografia, política, *ethos*, história, virtudes

ABSTRACT

In different contexts, Aristides and Cato the Censor (or Cato the Elder) are paradigms of historical figures who dedicated themselves to the public cause. Facing obstacles of different nature, they knew, despite the efforts of the opponents to their political strategy, how to maintain their values. Through *arete* and *dynamis* they managed to distinguish themselves in the *politeia* and reach the *doxa*. However, as it is often inherent in political activity, this contributed to the ostracism of Aristides and also Cato the Censor also managed to arouse enmity in various sectors of Roman society. Plutarch, by selecting a set of actions, is able to highlight an aspect that is transversal in the history of political thought: the opposition between the public and the private sphere. Aristides, more than Cato the Censor, manages to value the collective sense of his political action at the expense of individual well-being. What for some may be lack of ambition, for Aristides is respect for justice and the collective. As for Cato the Censor, he distinguished himself by the successfully managing the private interests, which can be, at the same time, a sign of meanness or greatness of spirit. In the exercise of their political functions, they both sought to maintain an exemplary moral conduct, albeit conditioned by different personal and also social circumstances.

KEYWORDS

Plutarch, Aristides, Cato the Censor, biography, politics, *ethos*, history, virtues

AUTOR

Joaquim Pinheiro é Professor Associado da Universidade da Madeira e Investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Exerce, desde Outubro de 2016, a função de Coordenador do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades e é também Coordenador do Centro de Desenvolvimento Académico (cda.uma.pt) da Universidade da Madeira, desde 2013.

É membro do projeto DIAITA – Património Alimentar da Lusofonia (em curso) e, além disso, de dois projetos que, em Junho de 2018, foram aprovados para financiamento pela FCT: “Gynecia: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia” (PTDC/FER-HFC/31187/2017) e “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

A sua investigação principal centra-se na análise cultural, literária e textual da obra de Plutarco e de autores gregos do período imperial. Além disso, tem desenvolvido trabalhos na área da retórica, da mitologia clássica e das raízes clássicas da cultura ocidental. Alguns dos trabalhos estão disponíveis online: <https://uma-pt.academia.edu/JoaquimPinheiro>

AUTHOR

Joaquim Pinheiro is Associate Professor at the University of Madeira and researcher at the Center for Classical and Humanistic Studies at the University of Coimbra. Since October 2016, he has been the Coordinator of the Department of Languages, Literatures and Cultures of the Faculty of Arts and Humanities and has been Coordinator of the Center for Academic Development (cda.uma.pt) of the University of Madeira, since 2013.

He is member of the DIAITA Project – Lusophone Food Heritage (in progress) and, in addition, two projects that in June 2018 were approved for financing by FCT: “Gynecia: Rodericus a Castro Lusitanus and the ancient medical tradition about gynecology and embryology” (PTDC/FER-HFC/31187/2017) and “Rome sweet Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of identity” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

His main research focuses on the cultural, literary and textual analysis of Plutarch’s *Vitae* and *Moralia*, and Greek authors of the imperial period. In addition, he has developed works in the area of rhetoric, classical mythology and the classical legacy of Western Culture. Some of the works are available online: <https://uma-pt.academia.edu/JoaquimPinheiro>

(Página deixada propositadamente em branco)

“não existe à face ou por baixo da terra quantidade
de ouro suficiente que levasse os Atenienses
a trocarem-na pela liberdade dos Gregos”.

PLUTARCO, *Aristides* 10.5

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL	13
INTRODUÇÃO À <i>VIDA DE ARISTIDES</i>	23
<i>VIDA DE ARISTIDES</i>	37
INTRODUÇÃO À <i>VIDA DE CATÃO CENSOR</i>	81
<i>VIDA DE CATÃO CENSOR</i>	91
<i>COMPARAÇÃO ENTRE ARISTIDES E CATÃO CENSOR</i>	141
BIBLIOGRAFIA	151
ÍNDICE DE NOMES	155

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO GERAL¹

Tanto Aristides como Catão Censor são duas personagens históricas que surgem algumas vezes associadas nos *Tratados Morais*², o que pode ser um indício da metodologia de trabalho de Plutarco na hora de definir o par biográfico. A relação dos dois com os bens materiais e o zelo que colocaram na utilização do erário público terá sido determinante para Plutarco os juntar, pois procuraram os dois levar uma vida simples e frugal³, ainda que com resultados distintos. A relação do ser humano com o dinheiro é um *topos* recorrente na narrativa plutarquiana e que permite avaliar o perfil do biografado. Sucede, por exemplo, com Cícero, que desempenhou, sem dúvida, funções mais relevantes do que Demóstenes, e, ainda assim, deu provas da sua *philanthropia* ('humanidade') e *chrestotes* ('bondade', 'simplicidade'), ao desprezar o dinheiro⁴. Se Aristides não nutria qualquer interesse pelo dinheiro e Catão dava muito valor aos bens e à economia, no caso do par *Demóstenes-Cícero*, é o Romano que recusa as riquezas e o Grego, pelo contrário, aceita dinheiro e por isso foi acusado.

Entre Aristides e Catão Censor existe uma distância temporal de cerca de trezentos anos e entre Nícias e Crasso ou entre Agesilau e Pompeio essa distância ainda é maior. Temos, além

¹ Ao longo deste trabalho, recuperamos algumas reflexões desenvolvidas em Pinheiro (2013).

² Cf. por exemplo, *Conselhos políticos* 805E.

³ Cf. *Comparação Aristides-Catão* 3-4.

⁴ Cf. *Cícero* 3.3.

disso, pares desequilibrados, como os casos de *Címon-Lucúlo* e de *Pérgles-Fáblio Máximo*⁵. Neste último, é notória não só uma acentuada diferença na extensão das biografias, mas também no significado das personagens para as sociedades em que vivem⁶. Se na maioria dos pares a primeira biografia é menos complexa do que a segunda⁷, no caso do par *Aristides-Catão Censor*, é de realçar o patriotismo e a simplicidade de Aristides em face da austeridade e defesa dos valores ancestrais dos Romanos por parte de Catão Censor, ou seja, existe, de facto, uma complementaridade entre as duas biografias do par.

Ainda que seja nos pares *Demétrio-António* e *Coriolano-Alcíbiades* que se apontem vários defeitos aos biografados, também outras figuras mais modelares, como Aristides, Catão Censor, Alexandre ou Flaminio, não estão isentas de erro: Aristides termina a sua vida de forma pouco honrada, deixando os seus descendentes na miséria, pois a pátria ocupava para ele o lugar primacial, e não tinha por isso tempo para a família; Catão Censor, mais pragmático do que Aristides, ocupa-se em demasia com questões monetárias e não consegue, mais importante

⁵ Cf. Stadter (2000) 509, a partir da análise destes pares e de outros (*Nícias-Crasso* ou *Fócion-Catão de Útica*), conclui que as vidas dos romanos do final da República são mais extensas do que as dos gregos, com exceção do par *Alexandre-César*, sugerindo que Plutarco teria mais interesse nas biografias romanas. Poder-se-á também pensar que Plutarco faz isso por se enquadrar melhor na forma como pretende educar os seus leitores, alongando-se em personagens que viveram um momento conturbado e cheio de peripécias, da mesma forma que no seu tempo presente se vivem semelhantes crises políticas, bem como a luta pelo poder.

⁶ O facto de Plutarco ser um cidadão da Beócia e de olhar para a Atenas do século V a. C. com algumas reservas, torna aos seus olhos este par menos desequilibrado do que para o atual leitor.

⁷ Cf. Pelling (2002b) 349-363.

do que isso, manter uma atitude moderada e razoável para com aquilo que é helénico.

Como veremos, são várias as características que permitem a Plutarco estabelecer uma relação entre Aristides e Catão Censor. Em relação à seleção dos heróis para formarem o par biográfico, alguns estudos⁸ lembram a equivalência que Plutarco estabelece entre as épocas grega e romana, nomeadamente a equivalência entre as Guerras Medo-Persas e as Guerras Púnicas⁹ ou a semelhança entre o valor das vitórias¹⁰. Contudo, recordamos que as equivalências não são sistemáticas, mas meramente pontuais, até porque a diversidade de épocas não possibilita a elaboração de um sistema de equivalências.

Segundo Plutarco, tiveram uma entrada tranquila na vida política (*politeia*), até porque, como refere no tratado *Conselhos políticos*, ambos cresceram junto de homens célebres e experientes¹¹: Aristides junto de Clístenes¹² e Catão de Fábio Máximo¹³. Além disso, tiveram uma participação muito relevante em momentos decisivos para as suas pátrias: Aristides participou ativamente nas Guerras Medo-Persas e Catão Censor, por sua vez, na Hispânia, na Segunda Guerra Púnica ou na Batalha de Termópilas (191 a. C.). Note-se que Aristides, Temístocles e Címon têm em comum o facto de terem participado nas Guerras Medo-Persas, mas os seus pares, Catão Censor, Camilo e Lucúlo, respetivamente, não têm nada de substancial em comum. Este pormenor parece reforçar a tese

⁸ Cf. Van der Valk (1982) 301-337.

⁹ Cf. *Comparação Pelópidas-Marcelo* 1.7.

¹⁰ Cf. *Comparação Pelópidas-Marcelo* 1.6, *Comparação Péricles-Fábio Máximo* 2.1; *Comparação Emílio-Timoleonte* 1.2.

¹¹ 805E.

¹² *Aristides* 2.1.

¹³ *Catão Censor* 2.3 e 3.4.

de que Plutarco, como é natural, tenha sentido mais facilidade na escolha das vidas gregas do que das romanas. Por pensar que o vínculo à época histórica não desempenha um papel importante, F. Frazier sugere que “l’essentiel ne reside pás dans l’époque, mais dans l’action”¹⁴. De facto, as biografias de Aristides e Catão Censor concentram-se, sobretudo, na análise ética, em particular na qualidade moral do exercício da *politeia*, abordando também Plutarco na biografia de Catão Censor a relação entre os tradicionais valores romanos e a *paideia* grega.

Quanto às fontes históricas, embora cite um conjunto diversificado de autores, é evidente que Heródoto terá sido, para a biografia de Aristides, o principal suporte de Plutarco, a par de outros historiadores do período helenístico. Para escrever a de Catão, certamente que a narrativa histórica de Tito Lívio terá desempenhado o papel principal, bem como Cícero ou as próprias obras de Catão, como as *Origines* ou o *De agricultura*. Como assinalaremos nos comentários ao texto, muito vezes Plutarco altera, por erro ou de forma propositada, a versão das suas fontes, até porque o seu objetivo não é a descrição dos acontecimentos, mas a do *ethos*. A partir destas duas biografias conseguimos recolher várias informações históricas, mas não nos é possível perceber a totalidade das ações em que os dois estiveram envolvidos. No entanto, o retrato das suas características morais, também enquanto políticos, é bastante completo e permite várias conexões entre as biografias, como a *synkrisis* do par resume.

Muitas vezes, resulta das *synkriseis* o desenho de um homem onde se fundem, numa *krasis* cultural, as qualidades gregas e romanas. Como sucede em outras biografias, note-se que é

¹⁴ Frazier (1987) 69.

na de Catão Censor que se encontram mais elementos sobre a *paideia* grega. Além disso, a *synkrisis* não enfatiza a superioridade do Grego sobre o Romano, enveredando-se por uma análise que resulta num equilíbrio ou numa diferença que nem sempre é fácil de julgar. Catão Censor, por exemplo, participou em combates mais grandiosos do que Aristides, mas do ponto de vista moral talvez a vida do Ateniense esteja mais isenta de faltas, embora a sabedoria política de Catão tenha tido mais resultado prático¹⁵. Por exemplo, no par *Nícias-Crasso*, Plutarco não tem qualquer dúvida em reconhecer a superioridade de Crasso sobre Nícias pela forma como aquele lutou contra César e Pompeio¹⁶. Do mesmo modo, os Gracos têm vantagem pela sua distinta *paideia*¹⁷.

Apesar de não ter como finalidade principal revelar a superioridade de uma personagem em relação à outra¹⁸, Plutarco não deixa de salientar os aspetos que mais distinguem cada uma das vidas que compõem o par biográfico, quer no plano meramente pessoal e privado, quer como membros de uma sociedade, e explicando a que nível participaram na vida pública e com que qualidade, pois Aristides e Catão Censor,

¹⁵ Cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 1.3-4 e ss.

¹⁶ Cf. *Comparação Nícias-Crasso* 2.4.

¹⁷ Cf. *Comparação Ágis/Cleómenes-Gracos* 1.2.

¹⁸ Tal como acontece nos tratados *Sobre a fortuna ou a virtude de Alexandre*, *Sobre a fortuna dos Romanos*, *Sobre a superstição* ou *Da inteligência dos animais*, também nas biografias o propósito do autor é aprofundar valores ou assuntos com implicação na condição humana. Sobre isto, afirma Duff (2002r) 245: “He often uses *synkrisis* not to demonstrate the superiority of one side of the equation over the other, but rather to explore the issues raised as a whole.”; cf. S. Swain (1992b) 101-11. Por exemplo, no tratado *Da inteligência dos animais* não se procura identificar quais os animais mais inteligentes, mas defender a tese de que todos possuem inteligência, ainda que em diferentes graus.

como Êumenes e Sertório, protagonizaram carreiras públicas importantes, mas cujo valor é distinto. É curioso verificar que a *synkrisis* consegue aproximar temporalmente as personagens, esbatendo as distâncias, o que parece provar que é recorrente na história aparecerem personagens, independentemente da cultura que representam, com iguais qualidades e defeitos¹⁹.

Plutarco reconhece no início da *synkrisis*, que, no meio de tantas semelhanças, é difícil notar diferenças entre Aristides e Catão Censor. Ambos empregaram a *arete* e a *dynamis* para chegar à *politeia* e à *doxa*²⁰, ainda que Catão tenha conseguido ser o primeiro em algumas vitórias, como a das Termópilas (191 a. C.), contra Antíoco III da Síria, ao contrário de Aristides que se limitou a ajudar outros a ser os primeiros: Milcíades em Maratona, Temístocles em Salamina e Pausânias em Plateias. Numa avaliação posterior, o biógrafo de Queroneia dirá, no entanto, que Aristides participou nas mais belas batalhas (Maratona, Salamina e Plateias) e Catão não conseguiu com as suas vitórias nada de muito significativo, nem para Roma nem para o Império²¹.

Plutarco não deixa também de apontar o ostracismo de Aristides e a sua derrota por Temístocles como acontecimentos que provam o seu parcial fracasso, enquanto Catão, muito por causa da sua eloquência, conseguiu ficar incólume.²² Também em relação à forma como os dois souberam administrar os bens, aponta diferenças²³. Ora, Plutarco critica, assim, aqueles

¹⁹ Brenk (1992) 4377-9 foi mais longe na análise, estabelecendo uma ligação entre a *synkrisis* e reencarnação da alma.

²⁰ Cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 1.2; em 3.1, considera que a *politeia* a virtude mais perfeita que um homem pode alcançar.

²¹ Cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 5.1.

²² Cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 2.4-5.

²³ *Comparação Aristides-Catão Censor* 3.2.

que, como os Sofistas²⁴, pensam que a justiça só serve para beneficiar os que governam e mesmo os injustos, prejudicando quem a pratica, como parece ser o caso de Aristides²⁵. Conforme o pensamento hesiódico²⁶, é digno de louvor para o biógrafo aquele que consegue conciliar a economia doméstica com a justiça, pois acredita-se que a organização do Estado se começa a construir no seio da família, o que leva o biógrafo a censurar o facto de Aristides ter deixado a sua própria família na miséria. Foi o Estado quem, em virtude dos feitos dele, prestou auxílio aos seus familiares²⁷. Estará, assim, Plutarco a fazer a apologia da riqueza, contradizendo o que havia exposto na narrativa das biografias? É duvidoso, pois parece que tenta sobretudo elaborar um pensamento que realce o seguinte:²⁸ “grandes qualidades são a simplicidade e a autossuficiência”. E estes são os dois princípios que um homem que exerça funções políticas deve observar:²⁹ “O maior recurso para o exercício político não é a riqueza, mas a autarcia, que, não levando a negligenciar os assuntos de Estado, de forma alguma precisa, em particular, de coisas inúteis”. Contudo, atendendo ao facto de o próprio Plutarco ser um aristocrata e de pertencer a uma elite com posses monetárias ser um pré-requisito importante para a vida política, é curioso Plutarco elogiar a origem humilde de Aristides e a frugalidade de Catão. Isto manifesta,

²⁴ Cf. Pl. *Górgias* 482e-483d, *Protágoras* 300c e *República* 343c-e.

²⁵ Em *Comparação Aristides-Catão* 4.6, sintetizar-se-á melhor a condição de Aristides, quando se fala na pobreza involuntária, digna de vergonha, e da pobreza por opção, da qual Aristides é um exemplo, merecedora de admiração.

²⁶ *Trabalhos e Dias* 286 ss.

²⁷ Cf. *Aristides* 27.2 e 27.5.

²⁸ *Comparação Aristides-Catão* 4.5.

²⁹ *Comparação Aristides-Catão* 4.2.

desde logo, que uma vida simples pode ser combinada com a atividade política. Foi o que aconteceu precisamente com Sócrates³⁰ ou Epaminondas. Porém, Plutarco não dá uma resposta explícita sobre qual dos dois modelos prefere: Catão pela forma como faz o justo uso do erário público e o seu desejo em acumular riqueza ou Aristides pelo seu desinteresse pelo dinheiro? Talvez a verdade seja que nenhum dos dois pode ser imitado por completo, o que prova que Plutarco gosta de promover nas biografias um paralelismo cooperante e integrado, uma vez que, da junção das qualidades das duas figuras do par, resulta um modelo mais perfeito para o leitor. Neste caso, a boa gestão de Catão e o espírito pouco materialista de Aristides são dignos de ser evocados, enquanto a *philoploutia*, como motivação central no exercício da *politeia*, é rejeitada.

Como sucede muitas vezes nas biografias, Plutarco introduz na narrativa biográfica uma micro-*synkrisis* com o objetivo de realçar as qualidades ou os feitos do seu herói. Neste caso, descreve Aristides e Catão com a ajuda dos seus antagonistas, Temístocles e Cipião, respetivamente, que revelaram, sem dúvida, uma conduta política diferente, pois o Grego privilegiou mais a discrição, enquanto o Romano mostrou mais inclinação para o protagonismo³¹.

Se, durante a narrativa biográfica, Plutarco não esconde a sua admiração pela dedicação de Catão à família, e os esforços que ele fez por transmitir a que considerava ser a melhor *paideia*, termina a *synkrisis* com uma análise moral, pouco abonatória, sobre o segundo casamento de Catão³², com uma jovem de baixa condição, que o Queronense acha pouco digno

³⁰ Cf. *Aristides* 1.9, 27.3-4, *Catão Censor* 7.1, 20.3, 23.1.

³¹ Cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 5.4.

³² Cf. *Catão Censor* 24.2-9.

de um ancião com um filho já casado, aduzindo várias considerações éticas que só servem para fazer sobressair o carácter impoluto da *arete* de Aristides.

Para a análise da *paideia* nestas duas biografias temos de ter em conta dois aspetos: nada se refere de concreto quanto à formação de Aristides e em Catão temos um exemplo, único entre os biografados de Plutarco, de alguém que defende de forma acérrima os valores e a cultura romana, em detrimento da cultura helénica. Esse tipo de pensamento pode evitar que o Império tenha sucesso³³, o que mostra que, segundo Plutarco, a *paideia* helénica deve constituir a base cultural da nova estrutura político-social.

A atitude de Catão Censor face ao “helenismo”, diferente da de Cipião, enriquece as possibilidades de análise, uma vez que na época de Plutarco a cultura helénica era, em geral, admirada pelas elites romanas. Plutarco estaria a tentar passar uma mensagem aos seus leitores gregos, no sentido de também eles preservarem os valores ancestrais. No entanto, não podemos esquecer que a *paideia*, seja ela romana ou grega, não é o tema principal nas duas vidas. Esse lugar pertence sobretudo ao exercício da *politeia* em prol da pátria ou da *polis*, tendo cada indivíduo quase a obrigação de seguir uma conduta política em que o todo se sobreponha à vontade ou aos caprichos pessoais: o *demosios* em detrimento do *idios*. Nesse aspeto, não deixa de ser significativo que Aristides se superiorize a Catão pela maneira simples e desinteressada como exerceu as suas funções, sem qualquer ambição de protagonismo. Assim, Plutarco prefere expor o carácter, as virtudes e os vícios dos biografados, enquadrando a posição conservadora e defensiva de Catão

³³ *Catão Censor* 23.2-3.

em relação à educação no objetivo mais alargado da temática patriótica.

Catão Censor, ao contrário de Aristides, é muito mais pragmático na ação política, pois tenta equilibrar o sucesso económico com a consolidação política de Roma, sem deixar de perseguir a sua própria glória. Aristides, por sua vez, revela um sentido de justiça admirável, sobretudo em quem desempenhou tão relevantes e exigentes funções.

Para a tradução, seguimos o texto de K. Ziegler (ed.), *Plutarchus: Vitae Parallelae, vol. I, fasc. 1*, Editionem quintam curavit Hans Gärtner, München/Leipzig, 2000. A consulta das edições e traduções, indicadas na bibliografia, foi também bastante útil para a elaboração dos comentários à tradução. Note-se que os nossos comentários à tradução procuraram ter em conta que alguns leitores podem estar menos familiarizados com a cultura clássica.

Por fim, expresso o meu agradecimento à Imprensa da Universidade de Coimbra e à sua equipa editorial, pelo cuidado que colocou nas várias etapas do processo de publicação deste livro. À Doutora Carmen Soares, Coordenadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e ao Doutor José Luís Brandão, Investigador Principal do Projeto BioROM (“Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017) deixo registado o meu agradecimento pelo apoio e confiança para realizar este trabalho. Também agradeço ao Doutor Delfim Leão os vários contributos que deu, sobretudo em relação à biografia de Aristides, ao longo da fase de preparação desta publicação.

INTRODUÇÃO À VIDA DE ARISTIDES

O interesse da biografia de Aristides, um ateniense que viveu entre c. 537 e 467 a. C., reside, em grande medida, no facto de a sua leitura nos ajudar a complementar algumas informações sobre o sistema democrático em Atenas, o conflito entre os Persas e os Gregos ou a forma como Atenas foi afirmando a sua hegemonia. Como acontece na biografia de Pelópidas, em que para definir o protagonista e realçar as suas qualidades se usa a figura de Epaminondas¹, no caso de Aristides é por meio de Temístocles, seu rival durante quase vinte anos – desde a Batalha de Maratona até ao ostracismo de Temístocles² – que se opera semelhante processo³. Por isso, a biografia de Temístocles, em muitos casos, torna-se um complemento útil e necessário para o entendimento da figura de Aristides, filho de Lisímaco⁴. Note-se que Aristides se juntou à facção (*hetairia*)⁵ aristocrática, tendo mantido um aceso confronto com Temístocles, da facção democrática.

¹ Por exemplo, *Pelópidas* 3.2-4-4.

² Cornélio Nepos (*Aristides* 1.1) também refere a oposição entre Aristides e Temístocles: “namque obtrectarunt inter se”; Plutarco, no tratado *Conselhos políticos* 809B, também menciona esta rivalidade.

³ Por exemplo, *Aristides* 2.3 e 22.

⁴ Aristides teve um filho que herdou, como era habitual, o nome do seu pai, personagem principal do diálogo aporético de Platão intitulado *Laques*, onde o valor da *paideia* surge como um dos temas.

⁵ Os agrupamentos políticos na Grécia Antiga representavam uma corrente de opinião, sem um programa ideológico definido. Os membros de um grupo político perfilhavam um conjunto de ideias e ajudavam-se mutuamente em assuntos políticos e judiciais.

Segundo Aríston de Ceos, peripatético do séc. III a. C., a rivalidade entre ambos tem origem numa disputa amorosa⁶. Plutarco não explora muito esta hipótese, até porque a conduta amorosa não é um elemento central na caracterização das suas biografias.

Paralelamente ao tema da *philoneikia* entre Aristides e Temístocles⁷, Plutarco discorre sobre as diferenças de carácter entre ambos, em especial o uso que fazem do poder. Enquanto Temístocles não conseguiu desempenhar de forma imparcial o seu poder, Aristides foi, em geral, intransigente na defesa da imparcialidade, mesmo quando se tratava de interesses de pessoas amigas ou de pessoas que o tinham ajudado no seu percurso político. Por isso, logo que perceberam as intenções de Aristides, os que até esse momento o tinham apoiado, depressa o abandonaram. A propósito destes apoios políticos, note-se que Aristides sempre teve consciência dos seus inconvenientes, uma vez que a sua ascensão política, ao contrário da de Temístocles, foi conseguida de forma muito solitária, por não querer participar em injustiças nem dar expectativas de futuros benefícios aos seus apoiantes. Para Aristides, o bom cidadão deve esforçar-se por fazer e dizer aquilo que é útil e justo⁸. No entanto, o exercício da política testemunha que nem sempre o que é justo se torna, necessariamente, útil. Tendo a percepção

⁶ Cf. fr. 20 W; *Aristides* 2, 3-4; *Temístocles* 3.2; segundo Duff (2002) 97: “Similarly, Plutarch mentions the youthful passion (πάθος) of Aristides and Themistokles over the favours of a certain Stesilaos of Keos; but he uses it not as an item of their rivalry (φιλονεικία) later in life (*Arist.* 2.3-4; cf. *Them.* 3.2). Sexual conduct is rarely included as an indicator of character in its own right; it does not itself play a very large role in Plutarch’s estimation of a statesman’s worth in the *Lives*.”

⁷ A propósito das diferenças entre Aristides e Temístocles, vide Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 23.3.

⁸ Cf. *Aristides* 2.6.

disso, Aristides esforçou-se por manter a equidade entre a justiça e a utilidade, e no caso de ser necessário optar por uma, prefere seguir aquilo que é justo.⁹

Sem se deter em questões relacionadas com a formação de Aristides, a pobreza, a justiça e o amor pela pátria¹⁰ merecem realce especial na composição do *bios* de Aristides¹¹, tal como a prática da virtude, que, fundada na razão, brota da atividade pública do herói. Assim, Plutarco descreve ações concretas de Aristides, a partir das quais nos é possível entender o *ethos*.

Ao longo da biografia é notória a preocupação em indagar e confrontar as fontes¹², citando-se vários autores¹³: Demétrio

⁹ Na biografia de Fócion, o ‘bom’, Plutarco também reflecte sobre o confronto, em situações de crise ou outras de maior tensão, entre os valores morais e a necessidade política ditada pelo momento; quanto ao sentido de justiça de Fócion, vide *Fócion* 22.3 e *Conselhos políticos* 808A, nestes casos Fócion não cede a alterar a justiça, mesmo se tratando de familiares. Agesilau, na biografia de Plutarco, será o contra-exemplo.

¹⁰ Cf. Pérez Jiménez (1980). Note-se que para este estudioso o patriotismo é a qualidade mais realçada por Plutarco; podemos encontrar um argumento a favor desta tese em *Sobre se um ancião deve ter atividade política* 797A: “De facto, nem Aristides em Atenas nem Catão em Roma tiveram muitas vezes o poder, mas entregaram a sua vida inteira ao serviço da pátria”; a *philopatria* é, sem dúvida, um valor apreciado por Plutarco, mas quando o patriotismo se torna exacerbado é muitas vezes nocivo e inoportuno, como prova a biografia de Fócion; em Pinheiro (2006) 23-24, desenvolvemos alguns dos traços do carácter de Aristides.

¹¹ Apesar de esta introdução não contemplar a comparação entre o texto de Plutarco e o de Cornélio Nepos (vide Ramon Palerm (1992) 81-112), gostaríamos de referir que são notórias as semelhanças que se podem encontrar, levando os estudiosos da *Quellenforschung* a acreditar que ambos seguiram a mesma fonte moralizante para escreverem a vida de Aristides, à qual Plutarco juntou as suas próprias convicções morais. Cf. Pérez Jiménez (1980) 152-3.

¹² Por exemplo, *Aristides* 1.2-8, 5.9-10.

¹³ Sobre as fontes que Plutarco usou, vide Limentani (1964) XI e ss.

de Falero, Panécio de Rodes, Idomeneu de Lâmpsaco, Aríston de Ceos, Clidemo, Teofrasto, Ésquines, Calístenes, Jerónimo de Rodes, Cratero da Macedónia, Aristóxeno e Aristóteles. Além destas fontes, socorreu-se também de Tucídides e Platão. Embora quase não refira Heródoto, a nossa melhor fonte para o estudo das Guerras Medo-Persas, Plutarco certamente que teria por perto a sua obra ao escrever esta biografia, mas, ainda assim, são de notar várias diferenças, sobretudo o facto de, na historiografia herodotiana, Aristides não ter um papel tão decisivo nas três batalhas em que participou (Maratona, Salamina e Plateias). Ainda em relação às fontes usadas, Plutarco não menciona Éforo e Fânias de Êreso, este citado na biografia de Temístocles, mas terão sido valiosos apoios para a caracterização de Aristides. Ainda que não tenha sido uma das principais figuras das batalhas de Salamina e de Plateias, a intervenção de Aristides como estrategista fica marcada pela coragem, pela determinação e pela lucidez nos momentos de maior dificuldade. A falta de acribia histórica de Plutarco é bem notória quando, por exemplo, refere que Aristides, após a vitória de Plateias, terá decretado que a vida pública fosse um direito comum a todos e que os arcontes fossem eleitos de entre os atenienses. Porém, segundo Aristóteles¹⁴, só a partir de 457-6 a. C., altura em que Mnesitides atinge o cargo, os membros da terceira classe soloniana, os zeugitas, tiveram acesso ao cargo de arconte, permanecendo vedado aos da quarta classe, os tetas.

Plutarco aborda no *incipit* da biografia o tema da condição social de Aristides, um elemento relevante para a análise do *ethos*, até porque depois se relaciona a condição social do Ateniense com os possíveis benefícios que a sua vida política lhe

¹⁴ *Constituição dos Atenienses* 26.

possa ter trazido, apresentando duas versões diferentes (*logoi diaphoroi*): uma primeira versão, segundo a qual Aristides viveu na pobreza (*penia*), não se identificando, contudo, a fonte; e uma segunda versão, apoiada na obra *Sócrates* do gramático e orador peripatético Demétrio de Falero¹⁵, que procura provar a riqueza (*euporia*) de Aristides. Apoiando-se em Idomeneu de Lâmpsaco e em Panécio de Rodes, Plutarco refutará, em absoluto, cada um dos argumentos de Demétrio de Falero. Adverso à luxúria e à ostentação, Plutarco reforça a pobreza de Aristides¹⁶, considerando, desse modo, a *penia* voluntária um valor. A propósito deste assunto, M. B. Artacho escreveu o seguinte: “El culpable en su origen de esta atribución parece haber sido el diálogo *Calias* de Esquines de Esfesto, en el que se pretendió hacer de Aristides un “anti-Calias”¹⁷. La figura de Arístides “El Justo” parece que fue transferida en tiempos de Sócrates a la de Arístides “El virtuoso”, por lo que la escuela socrática y quizás también la cínica exaltaron la pobreza de Sócrates, asimilando a ésta aquélla de Arístides”¹⁸. Quer com isto dizer que, apesar dos cargos, dos títulos e das vitórias que a vida pode proporcionar, fruto da sorte ou do mérito, conseguir manter a simplicidade (*apheleia*) é sinónimo de excelência para Plutarco, sobretudo para quem exerce funções políticas, uma vez que a nobreza de espírito vale mais do que qualquer quantia

¹⁵ Terá participado, segundo alguns, na fundação do Museu e da Biblioteca de Alexandria, além de ter governado, em nome da Macedónia, a cidade de Atenas, entre 317 e 307 a. C.

¹⁶ Cf. *Aristides* 5.6, 24.1, 25.3-9, 27.1-7; *Comparação Aristides-Catão Censor* 3-4.

¹⁷ Cf. *Aristides* 25.4-9=Aesch. Socr., F.36 Dittmar.

¹⁸ Artacho (2001) 337 n.1.

em ouro¹⁹. C. Pelling²⁰, sobre o papel da pobreza nas biografias de Aristides e Catão, afirma: “Aristides’ poverty will be important to his literary presentation of the pair, both confirming the famous incorruptibility and making it more remarkable”. Segundo o pensamento plutarquiano, a *apheleia* e a *autarkeia* garantem a liberdade do indivíduo, enquanto a luxúria apenas conduz à escravidão²¹. Esta reflexão será complementada e aprofundada na biografia de Catão Censor.

Outro aspeto abordado na biografia é a forma como Aristides concilia a justiça e a utilidade na ação política²². Um episódio emblemático sobre a dificuldade de se aliarem estes dois elementos ocorre quando Aristides se recusa a apoiar o plano de Temístocles, que projetava o incêndio da armada naval dos inimigos, embora isso resultasse na supremacia de Atenas na Grécia²³. Para Aristides, prevalece o valor da *dikaiosyne*, atitude que merece a aprovação de Plutarco²⁴. Também por isso, Aristides gozava junto dos Atenienses de grande autoridade (*dynamis*) e reputação (*doxa*), granjeadas pelo caráter evidenciado nas batalhas decisivas de Maratona

¹⁹ Stadter (1997) 75-78 reflete, de forma interessante, sobre a riqueza e a pobreza no contexto específico da participação na vida pública por parte de Aristides e de M. Pórcio Catão.

²⁰ Pelling (2002a) 144-5.

²¹ *Sobre o amor à riqueza* 523D; *Comparação Licurgo-Numa* 4.7

²² Cf. *Conselhos políticos* 817D. Em *Sobre o controlo da ira* 458C, ao tratar das ações que se executam em estado colérico, Aristides, juntamente com Camilo, Q. Cecílio Metelo e Sócrates, é mencionado como um exemplo de benevolência e moderação.

²³ Pérez Jiménez (2004) 134-5 acha que o facto de Aristides considerar essa medida injusta é um sinal do sentimento pan-helénico, da mesma forma que Plutarco elogia Agesilau por não concordar com a entrega de algumas cidades aos Persas pelos Espartanos (cf. *Agesilau* 23.2-3), ou seja, aos termos da paz de Antálcidas.

²⁴ *Aristides* 22.3-4.

e Plateias. Essas qualidades têm todas um sentido coletivo, uma vez que Aristides se define por aquilo que faz em prol da pátria e não tanto por aquilo que consegue para si próprio²⁵. Tendo o homem público por primeiro dever o bem comum²⁶, também a relação entre justiça e utilidade se define por esse parâmetro, como defende A. Pérez Jiménez²⁷, ao apontar três tipos de conflito que se podem gerar: entre a justiça e a utilidade própria, entre a justiça, o interesse pessoal e o público, e, por fim, entre a justiça e a utilidade pública. Se, por um lado, existe justificação para cometer injustiças em benefício da pátria, também há casos em que o rigor pode pôr em causa o interesse público²⁸, o que revela que Plutarco tem preferência pela justiça pública. De tal modo Aristides coloca a Hélade acima de tudo, que dirige a Temístocles palavras sensatas, para evitar constrangimentos pessoais que coloquem em causa o bem superior que é a pátria. O patriotismo de Aristides, pela forma como assume que a defesa da liberdade da Hélade é um valor prioritário, torna-se, em simultâneo, o principal objetivo do herói e uma virtude, certamente muito apreciada por Plutarco, que vive numa época em que essa liberdade está ameaçada pelo Império²⁹. Apesar de ter a seu encargo um assunto tão importante, a constituição económica da Simaquia de Delos, e que certamente agitaria vários interesses, Aristides provou que entendia a *politeia* como um serviço pelo bem público e não para tirar proveito pessoal dele³⁰. Depois da sua morte, nem ele próprio mereceu um túmulo digno

²⁵ Cf. *Aristides* 23.1.

²⁶ Cf. *Fócion* 2.7-9.

²⁷ Pérez Jiménez (2004) 127-136.

²⁸ cf. e.g. *Marcelo* 42.4 e *Fócion* 32.6-7.

²⁹ Cf. *Aristides* 10.5; em 17.8, Calícrates dá a vida pela Hélade.

³⁰ Cf. *Aristides* 24.2.

dos seus feitos em prol da Hélade, nem a sua família e nem as suas próprias filhas, que casaram graças a um dote suportado por fundos públicos, herdaram bens que lhes evitassem a pobreza³¹. Note-se que também o notável exercício de Aristides na Simaquia de Delos³² permite a Plutarco acentuar as diferenças entre este e Temístocles, que o próprio Aristides considera um perigo para a cidade. Enquanto para Temístocles a maior virtude de um estrategista assentava na capacidade de antever os movimentos do inimigo, para Aristides o uso idóneo, e nunca em benefício próprio, dos dinheiros públicos era mais digno de louvor. Também Teofrasto de Éreso (frg. 136W) confirma a seriedade e a retidão de Aristides no tratamento dos assuntos de Estado e na proteção da justiça. De facto, na sua *politeia*, Aristides soube manter uma atitude equilibrada (*eustatheia*), pois não se enviaidia com as honras e perante as dificuldades agia com serenidade, qualidades indispensáveis para os que exercem cargos de liderança³³.

Eleito estrategista em 478, Aristides foi, na companhia de Címon, ao encontro de Pausânias para subtrair Chipre e Bizâncio ao domínio Persa³⁴, ocasião que Plutarco aproveita para realçar a *praos* ('doçura' ou 'afabilidade') e a *philanthopia* de Aristides, e a preferência deste em usar meios justos, pacíficos e respeitadores dos princípios para atingir o poder. Refira-se, no entanto, que, se é verdade que Plutarco admira Aristides

³¹ Cf. *Aristides* 27.1-3.

³² Pelo facto de os aliados de Atenas louvarem o tributo fixado por Aristides (quatrocentos e sessenta talentos; cf. Tucídides 1.96), Plutarco compara esta época à de Cronos, ou seja, à Idade de Ouro (cf. *Aristides* 24.3), uma comparação tradicional, pois aplicara-se, por exemplo, a Pisístrato.

³³ Cf. *Aristides* 3.4, 4.6-7 e 5.1-2.

³⁴ Cf. Tucídides 1.94.

por não cometer injustiças, também não censura deliberadamente Temístocles por este afirmar que não desejaria ocupar um posto com o qual os seus amigos não tivessem vantagem sobre os inimigos³⁵.

Pela forma como exerceu a *politeia*, a virtude de Aristides assemelha-se à da divindade³⁶, ao mesmo tempo que cria uma conexão modelar entre o herói, o *nomos* ('lei')³⁷ e o interesse público³⁸. O filho de Lisímaco conquistou, assim, o direito de ser conhecido como "justo", no fundo, a qualidade moral mais elevada a que um político pode aspirar³⁹.

Desta forma, a sua principal virtude consistia no valor que atribuía à justiça⁴⁰. Porém, não ganhou o cognome "o justo" por ter sido responsável por alguma nova constituição ou por ser um legalista, mas antes pela probidade que imprimiu à sua carreira e por ter sabido conciliar a justiça com os interesses da *polis*. Além disso, este cognome resulta de uma conduta paradigmática, bem diferente de outros cognomes atribuídos a reis e tiranos, que derivam do uso da força e da violência, como "Raio", "Águia", "Falcão", entre outros⁴¹.

Como facilmente se consegue prever, um homem com estas características suscita o apoio de alguns e o ódio de muitos. Temístocles, seu rival, começou a passar a ideia aos Atenienses

³⁵ Cf. *Aristides* 2.5-6.

³⁶ Cf. *Aristides* 6.3-5.

³⁷ Cf. *Aristides* 2.6, com recurso a vocabulário normativo.

³⁸ Cf. *Aristides* 13.2.

³⁹ Heródoto afirma que Aristides era "o melhor e mais justo homem em Atenas" (8.79.1); também Agesilau, Fócion e Numa são considerados homens justos, embora tenham cometido injustiças necessárias (cf. *Fócion* 3.8).

⁴⁰ Para uma análise do conceito de justiça na biografia de Aristides, vide Artacho (2001) 337-344.

⁴¹ Cf. *Aristides* 6.2.

de que os tribunais tinham perdido a sua função por causa da determinação de Aristides em julgar tudo. Para Temístocles, estava-se a preparar, na clandestinidade, uma monarquia sem vigilância. Como reagiu o povo? Embalado pelas vitórias e achando-se merecedor de honrarias, não apreciava o facto de Aristides gozar de uma reputação superior à da maioria. Por isso, reuniram-se e condenaram-no ao ostracismo. Para Aristóteles⁴², o ostracismo é, basicamente, uma forma de banir e exilar da cidade todos os que se tornam uma ameaça, por causa de usufruírem de muito poder. Apesar de não haver entre os estudiosos uma posição unânime quanto ao autor e ao ano em que se instituiu este procedimento legal ateniense, atribui-se, em geral, a Clístenes a sua criação, por volta de 508-7 a. C. Trata-se de uma medida preventiva que exilava por um período de dez anos um cidadão incómodo, ou seja, com excesso de poder e que poderia tornar-se um tirano. O povo escrevia em pedaços de cerâmica (os *ostraka*) o nome daquele que queria ver condenado. Cada ano a assembleia (*ekklesia*) votava a continuidade ou não da condenação. Não se confunda este procedimento com o desterro, uma vez que este previa a apreensão dos bens do condenado. De acordo com a tradição, o último condenado ao ostracismo foi Hipérbolo, provavelmente em 417 a. C⁴³.

Quais os motivos da condenação de Aristides ao ostracismo? Plutarco aponta duas causas: a inveja (*phthonos*) pela sua reputação e o receio de que Aristides instaurasse a tirania. Aristóteles⁴⁴, porém, justifica a condenação com o facto

⁴² Cf. *Política* 1284a.

⁴³ Cf. *Aristides* 7.3-4; vide ainda Tucídides 8.73 e Plutarco, *Alcibíades* 13.4-9 e *Nícias* 11.

⁴⁴ Cf. *Constituição dos Atenienses* 22.7.

de Aristides, defensor de uma economia mais conservadora, se ter oposto ao plano de construção de trirremes proposto por Temístocles, com o objetivo de desenvolver novas formas económicas. Assinale-se que posteriormente, em 471 a. C., o próprio Temístocles será condenado ao ostracismo e o único que não o acusou nem se alegrou com a adversidade do seu rival foi precisamente Aristides, o que denota bem o seu carácter.

Na verdade, se os Atenienses pensavam que Aristides poderia vingar-se da condenação ao ostracismo, passando a lutar pelos Persas contra os Gregos, é manifesto que não conheciam o amor que nutria pela pátria. Como escreve Plutarco: “Não acertaram na opinião sobre este homem, pois ainda antes desse decreto animou e impeliu constantemente os Gregos a defenderem a sua liberdade”⁴⁵. Atitude contrária tomou Coriolano que se juntou aos Volscos, contra quem antes havia combatido, para atacar Roma, enquanto Alcibíades agiu como Aristides⁴⁶ (cf. *Temístocles* 12. 6-8), embora seja necessário referir que Alcibíades tanto apoiou os Espartanos e os Persas como lutou contra eles, ganhando, por causa da sua volubilidade, a desconfiança de todos.

Recorde-se, ainda, o notável exercício de Aristides na Simaquia de Delos. Esse facto permite a Plutarco acentuar as diferenças entre Aristides e Temístocles. Enquanto para Temístocles a maior virtude de um estratega assentava na capacidade de antever os movimentos do inimigo, para Aristides o uso idóneo, e nunca em benefício próprio, dos dinheiros públicos

⁴⁵ *Aristides* 8.1.

⁴⁶ *Temístocles* 12.6-8.

era mais digno de louvor. Por sua vez, no *Górgias*⁴⁷ de Platão, Sócrates profere as seguintes palavras sobre a possibilidade de encontrarmos um homem virtuoso entre os que ocupam o poder:

“(...) embora os homens que se tornam mais perversos pertençam sempre ao grupo dos poderosos, nada impede que também neste grupo se encontrem pessoas de bem, e estas serão mesmo particularmente dignas de admiração, dado que é difícil, Cálicles, e digno de todo o elogio, viver de acordo com a justiça quando se dispõe de todas as possibilidades para fazer o mal. Homens destes são poucos; no entanto, alguns houve nesta e noutras cidades, e continuará por certo a haver cidadãos excelentes nesta virtude de tratar segundo a justiça os assuntos que lhes são confiados. Um, que se celebrou aos olhos de todos os Gregos, foi Aristides, filho de Lisímaco. Mas a maioria dos poderosos, meu caro, são maus.”

Plutarco termina a biografia com um louvor ao virtuosismo da Hélade⁴⁸: “Ainda nos nossos dias a cidade de Atenas oferece numerosos exemplos desta humanidade e benevolência, e, por causa disso, é, com razão, admirada e emulada”. Percebe-se, em definitivo, que Aristides, “homem pobre e do povo”⁴⁹, encarna os nobres valores da sua pátria. À semelhança do que acontece em outras biografias (*Rómulo*, *César*, *Pérgles* ou *Fócion*), evidencia o caráter do herói pela sua entrega a uma causa pública, ou seja, a sua *arete politike* que em muito ultrapassa as ambições

⁴⁷ 526 a (trad. de Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1992).

⁴⁸ *Aristides* 27.7.

⁴⁹ *Aristides* 6.1.

individuais. Ao contrário da maioria, Aristides cultivou a virtude, em detrimento de uma atividade política marcada pelo desejo da imortalidade e pela usurpação do poder.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE ARISTIDES

1. 1. Aristides, filho de Lisímaco, era descendente da tribo de Antióquida e do demo Alópece. Diferentes versões circulavam sobre a riqueza dele: segundo uma, Aristides passou a vida numa profunda pobreza e, depois da sua morte, deixou duas filhas que ficaram durante muito tempo sem casar por falta de recursos. 2. Porém, Demétrio de Falero¹ opondo-se a esta versão transmitida por muitos, afirma, no *Sócrates*, que conhecia um terreno, em Falero, pertença de Aristides, onde ele está sepultado. Como prova da abundância da família de Aristides aponta, em primeiro lugar, o cargo de arconte epónimo², cargo que obteve ao ser o primeiro de entre os descendentes de famílias que tinham elevadas fortunas, a quem chamavam *pentacosiomedimnos*³; em segundo lugar, o ostracismo; 3. por fim, e em terceiro lugar, o facto de ter depositado no santuário

¹ *FGrH* 228 F 43. Diógenes Laércio (5. 75-83), além de indicar a sua vasta e variada obra, salienta a experiência política de Demétrio de Falero (c. 350-280 a. C.), discípulo de Teofrasto. Outro acontecimento a que, geralmente, se associa o nome de Demétrio de Falero é à fundação do Museu e Biblioteca de Alexandria.

² Aristides foi arconte epónimo em 489-488 a.C. No ano seguinte, segundo Aristóteles (*Constituição dos Atenienses* 22.5), os arcontes passaram a ser eleitos pelo povo, mediante sorteio de quinhentos candidatos designados pelo *demos*.

³ Aqueles que, por possuírem terrenos de grande dimensão, conseguiam obter, anualmente, quinhentas medidas de cereal, sendo que cada *medimnos* equivale a cerca de cinquenta e dois litros. A classificação dos cidadãos segundo a quantidade de terra que possuíam foi criada por Sólon (cf. Plutarco, *Sólon* 18); na *synkrisis* deste par, Plutarco volta a referir-se às classes sociais (1.3).

de Dioniso como oferenda da vitória na função de corego⁴ umas trípodas, que ainda estavam expostas no nosso tempo, conservando a seguinte inscrição: “Antióquida venceu, Aristides era o corego e Arquêstrato o instrutor do coro”. 4. Se bem que este último argumento pareça ser realmente o mais forte, é o que tem menos valor. Na verdade, também Epaminondas, que, como todos os seres humanos sabem, se criou e viveu no meio de grande pobreza, e Platão, o filósofo, suportaram coregias que não eram irrelevantes em honras, um como corego de um coro masculino de flautistas, o outro de um coro de crianças de dança; neste caso assumiu a despesa Díon de Siracusa, no de Epaminondas, foi Pelópidas. 5. De facto, para os que são bons não existe uma guerra sem anúncio e sem tréguas contra os dons vindos dos amigos, mas, embora julguem vis e abjetos os dons destinados a serem guardados ou à ganância, não afastam quantos possuem uma certa ambição desinteressada e honra. 6. No entanto, Panécio⁵, sobre a trípode, afirma que Demétrio se enganou por causa da homonímia. Pois, desde as Guerras Medo-Persas até ao fim da Guerra do Peloponeso apenas dois Aristides surgem inscritos como coregos vencedores e nenhum desses era o filho de Lisímaco, mas um tinha por

⁴ A coregia (*choregia*) era uma forma de serviço público (*leitourgia*) por parte de cidadãos com capacidade económica para suportar as despesas inerentes à constituição do coro. Nos concursos dionisiacos, designavam-se dezoito coregos (dez para os ditirambos, cinco para a comédia e três para a tragédia). Em 405 a. C., por causa da crise económica provocada pela Guerra do Peloponeso, os coregos tiveram de assumir os custos das Grandes Dionísias.

⁵ fr. 131 v. Str; Panécio de Rodes (c. 180-110 a. C.) foi um filósofo estoico, com muita influência no pensamento romano. Uniu-se ao círculo de Cipião Emiliano, que era filohelénico, e era um fervoroso defensor da subordinação da ambição privada em relação ao bem do Estado.

pai Xenófilo e o outro era de uma época muito recente, como provam as letras, pois revelam uma forma de escrita posterior a Euclides, e Arquéstrato, um dos nomes da inscrição, ninguém o regista como instrutor de coros nos tempos das Guerras Médicas, mas ocorre com abundância durante a Guerra do Peloponeso. Por isso, deve-se examinar melhor o argumento de Panécio. 7. Incorre no ostracismo todo aquele que se considera superior a muitos por causa da sua reputação, génese ou poder da palavra. Por isso mesmo, Dámon, o mestre de Péricles, foi condenado ao ostracismo, porque parece que era alguém extraordinariamente sábio⁶. 8. E quanto ao arcontado de Aristides, Idomeneu⁷ afirma que não foi designado pelo sorteio de favas, mas pela eleição dos Atenienses. Se passou a arconte após a Batalha de Plateias, como o próprio Demétrio escreveu, é muito verosímil que, por causa de tão grande reputação e tão importantes sucessos, ele fosse digno pela sua qualidade de um cargo que aqueles que participavam no sorteio atingiam mediante a sua riqueza. 9. Mas é evidente que Demétrio ambiciona excluir não só Aristides, mas também Sócrates, da pobreza, como de um grande mal. Na verdade, deste afirma-se que possuía não só uma casa, mas também setenta minas que Críton lhe tinha emprestado a juros⁸.

⁶ Em *Péricles* 4.1-3, Plutarco afirma que Dámon era um ἄκρος σοφιστής ('eminente sofista'), mas a razão de ter sido condenado ao ostracismo decorre do facto de se ter envolvido em intrigas e também é uma consequência de se ter revelado *philotyrannos*.

⁷ *FGrH* 338 F 5; Idomeneu de Pâmpsaco (c. 325-270 a. C.) foi discípulo de Epicuro e autor de uma história sobre os políticos atenienses desde o ano 510 a. C.

⁸ Em Platão, *Apologia de Sócrates* 38b, Sócrates afirma que não tinha dinheiro.

2. 1. Aristides foi companheiro de Clístenes, aquele que estabeleceu a democracia após a deposição dos tiranos, mas por emular e admirar sobretudo homens como o lacedemónio Licurgo ligou-se à facção aristocrata e teve como opositor Temístocles, filho de Néocles, que era a favor do povo. 2. Com efeito, alguns afirmam que sendo os dois crianças e tendo sido educados em conjunto se distinguiam um do outro em tudo, tanto na seriedade e na diversão, como na ação e na palavra, e também que, de imediato, as naturezas se revelaram a partir daquela rivalidade: a natureza de um era hábil, temerária, astuta e capaz de agir de forma rude em todas as situações; a outra, fundada num carácter firme e reta para aquilo que é justo, não tolerava, de modo algum, a mentira, a chocarrice, o engano, nem trejeito de brincadeira. 3. Segundo Aríston de Ceos⁹, a inimizade deles, que foi tão longe, teve uma origem amorosa. 4. De facto, os dois desejavam Estesilau, nascido em Ceos, que era bem mais esplêndido no aspeto e na forma do corpo do que os da sua idade, e não suportaram com moderação a paixão, nem abandonaram a rivalidade ao esmorecer a beleza do jovem, mas, como se isso lhes tivesse servido de exercício, lançaram-se na atividade política, com entusiasmo e mantendo a divergência. 5. Quanto a Temístocles, ao juntar-se a uma facção política, adquiriu uma proteção e um poder não desprezíveis, de modo que a quem disse que governaria bem os Atenienses, se fosse igual e imparcial com todos, ele respondeu: “Jamais! Acaso me sentaria em tal trono sem que os meus amigos obtivessem mais de mim do que os estranhos?” 6. Aristides, pela sua parte, seguiu a atividade política por ele mesmo, como

⁹ Fr. 20 W; filósofo peripatético que dirigiu o Liceu e escreveu, entre outras obras, biografias de Heraclito, Sócrates e Epicuro (cf. Diógenes Laércio 7.163)

se fosse o seu próprio caminho, sem querer, em primeiro lugar, cometer injustiças com os companheiros ou ser molesto por não condescender com eles, e depois, ao ver que o poder dos amigos impulsionava não poucos a cometer injustiças, manteve-se vigilante, julgando digno de ser bom cidadão somente aquele que praticasse e proferisse coisas virtuosas e justas.

3. 1. Não obstante, como Temístocles se envolvia em muitas coisas de forma temerária e se opunha a Aristides, rompendo com toda a sua política, este de alguma maneira também se viu forçado, contra a sua opinião, a opor-se à ação de Temístocles, quer para se proteger, quer para diminuir o poder deste, que crescia com o favor da maioria, por julgar que deixar de lado algumas coisas proveitosas era melhor para o povo do que Temístocles afirmar-se por ter o domínio de todos os assuntos. 2. Por fim, quando Temístocles, em certa altura, levou à prática algo que era necessário, Aristides, opondo-se e vencendo, não se conteve, mas afirmou ao sair da assembleia que não existiria salvação para os assuntos atenienses se não lançassem ao Báratro¹⁰ tanto Temístocles como ele próprio. 3. E, numa outra ocasião, fazendo ao povo uma proposta, que suscitava contra ela objeção e rivalidade, ele impôs-se. Porém, no momento em que o proedro¹¹ se preparava para questionar o povo, ele renunciou ao decreto, por compreender pelos próprios discursos que a proposta era inconveniente. 4. Muitas vezes apresentava propostas por meio de outros, a fim de que Temístocles, por causa da rivalidade com ele, não fosse um obstáculo para aquilo que é

¹⁰ Local donde se lançavam os condenados à morte.

¹¹ Os *proedroi* passaram a presidir às assembleias a partir do ano 378 ou 377. Na época de Aristides, essa função cabia ao *epistates*, que era eleito de entre os cinquenta prítanes. Logo, trata-se de um erro de Plutarco.

conveniente. Aristides revelava um equilíbrio admirável perante as alterações políticas, pois não se engrandecia com as honrarias e mantinha-se imperturbável e sereno na desgraça; acreditava que era necessário entregar-se, de igual forma, à pátria e participar na vida pública sem recompensas e desinteressadamente, quer a nível monetário, quer em relação aos louvores. 5. Por isso, ao que parece, quando no teatro se recitaram os jambos compostos por Ésquilo sobre Anfiarau:

De facto, não quer parecer justo, mas sê-lo,
recolhendo, com inteligência, os frutos do sulco profundo,
donde as respeitáveis decisões brotam¹²,

todos voltaram o olhar para Aristides, pelo facto de aquela virtude se referir sobretudo a ele.

4. 1. Era o mais vigoroso a opor-se, em defesa do que é justo, não apenas à parcialidade e ao benefício, mas à cólera e à inimizade. 2. Diz-se, por exemplo, que uma vez ao acusar um inimigo em tribunal, não querendo, após a denúncia, os juízes ouvir o acusado, mas de imediato pedir o voto contra ele, Aristides saltou a suplicar pelo acusado, para que fosse ouvido e julgado segundo a legalidade¹³. Numa outra ocasião, em que julgava um processo entre dois particulares, ao dizer um deles que o oponente tinha incomodado Aristides muitas vezes, ele respondeu: “Bom homem, é melhor dizeres se ele te causou algum mal. Pois, eu julgo-te a ti e não a mim!”. 3. Quando foi

¹² *Os Sete contra Tebas* 592-4; no primeiro verso alterou-se de *aristos* ('melhor') para *dikaios* ('justo').

¹³ Vários vocábulos pertencentes ao campo lexical do processo legal, em particular, com o ato de acusar ou sobre quem recai a acusação: διώκω, κατηγορία, κινδυνεύω, κρίνω. Uma das características deste par biográfico é o uso recorrente de vocabulário jurídico.

eleito comissário dos rendimentos públicos, demonstrou que não só os que partilhavam o cargo consigo, mas também os que o tinham exercido antes dele, tinham roubado muito, em especial Temístocles:

Na verdade, é um homem sábio, mas sem domínio da mão.¹⁴

4. Por isso, segundo conta Idomeneu¹⁵, Temístocles, depois de ter reunido muitos contra Aristides, acusou-o no acto de prestar contas e envolveu-o numa condenação por roubo. Porém, sentindo-se indignados os primeiros e melhores na cidade, não só foi absolvido da multa, como foi novamente designado arconte para a mesma função. 5. Fingindo arrepender-se das suas anteriores ações e revelando-se mais dócil, agradava aos que roubavam o erário público, não os investigando, nem sendo rigoroso, de maneira que estes, enchendo-se de bens públicos, honravam em excesso Aristides e intercediam junto do povo em seu favor, esforçando-se para que fosse de novo eleito arconte. 6. Quando se preparavam para votar de mão levantada, ele repreendeu os Atenienses ao dizer: “Quando vos governei com fidelidade e justiça, fui ultrajado. Mas depois de deixar perder muitos bens do erário público para os que roubam, passo a ser um cidadão admirável. 7. Eu envergonho-me, sem dúvida, mais com a presente honra do que com a anterior condenação e angustio-me por vós, por vos merecer mais glória o que é condescendente com os perversos do que aquele que preserva os bens públicos”. 8. Depois que pronunciou esta palavras e provou os roubos, silenciou os que há pouco

¹⁴ Trímetro iâmbico de uma comédia de Êupolis, apresentada em 412 a. C.

¹⁵ *FGrH* 338 F 7.

gritavam e testemunhavam em seu favor, mas recebeu o louvor genuíno e justo dos melhores.

5. 1. Quando Dátis, enviado por Dario com o pretexto de infligir um castigo aos Atenienses, por causa de terem incendiado Sardes¹⁶, mas com a verdadeira intenção de aniquilar os Gregos, se dirigiu a Maratona com toda a frota e devastava a região, Milcíades, dos dez estrategos eleitos pelos Atenienses para a guerra, era o que tinha maior prestígio e Aristides era o segundo em fama e capacidade. 2. E, nesse momento, ao aderir ao plano de combate de Milcíades, não foi pequeno o impacto causado; como durante um dia exercia o mando cada estrategos, quando chegou o cargo a Aristides, este confiou-o a Milcíades, ensinando aos companheiros que obedecer e deixar-se dirigir por aqueles que pensam bem não é ignominioso, mas um motivo de orgulho e uma segurança¹⁷. 3. Deste modo, ao acalmar a rivalidade entre os estrategos e exortando-os a que abraçassem uma só proposta, necessariamente a melhor, fortaleceu Milcíades, que ficou poderoso com a continuidade do seu mando. De facto, cada um deles renunciava já a mandar por um dia, confiando o mando a Milcíades¹⁸. 4. Na batalha, a falange que mais sofreu foi a parte central do exército dos Atenienses e ali, tendo resistido os Bárbaros durante mais tempo contra a tribo da Leóntida e da Antióquida, Temístocles e Aristides lutaram de forma brilhante perto de cada uma delas. Um era da tribo Leóntida e o outro da Antióquida.

¹⁶ Refere-se à revolta das cidades jónias contra os Persas, em 498 a. C.

¹⁷ Como em outras partes da biografia, Plutarco realça a ação de Aristides como educador.

¹⁸ Cf. Heródoto 6.111 ss.: refere este episódio entre os estrategos, mas não alude ao papel de Aristides, nem a Temístocles; cf. Plutarco, *Temístocles* 3.4.

5. Por conseguinte, os Atenienses, tendo feito voltar os Bárbaros para as naus e vendo que não navegavam em direção às ilhas, mas que eram repelidos violentamente pela ação do vento e do mar para o interior da Ática, com o receio que fosse tomada a cidade, desprovida de defensores, apressaram-se a ir para a cidade com nove tribos, onde chegaram no mesmo dia¹⁹. 6. Tendo sido deixado em Maratona, junto à sua própria tribo, como guardião dos prisioneiros de guerra e dos despojos, Aristides não atraíou a sua fama, embora houvesse prata e ouro em grande quantidade, vestimentas de todo o tipo e outras inefáveis riquezas que se encontravam nas tendas e nas naus capturadas, nem sentiu desejo em tocar-lhes, nem permitiu que outro o fizesse, exceto alguns que às escondidas se aproveitaram²⁰. 7. Entre eles estava Cálias, o portador do archote. Ao que parece, um dos bárbaros prostrou-se junto dele, pensando que era rei por causa da cabeleira e da faixa. Depois da súplica e tomando-o pela mão direita, mostrou-lhe uma grande quantidade de ouro enterrada num fosso. 8. Sendo o mais cruel e mais iníquo dos homens, Cálias arrebatou o ouro e matou-o, para que não fosse contar a outros. Por isto, conta-se que também os da sua família são chamados pelos poetas cómicos ‘os ricos do fosso’, zombando dessa forma do lugar onde Cálias descobriu o ouro. 9. De seguida, Aristides exerceu o cargo de arconte epónimo²¹, ainda que Demétrio de Falero²² diga que ele desempenhou essas funções pouco antes de morrer,

¹⁹ Como tem sido apontado por vários estudiosos, é pouco provável que a distância entre Maratona e Atenas tenha sido feita pelos soldados num dia apenas.

²⁰ Na *synkrisis* deste par (4.7), alude a este gesto de magnanimidade de Aristides em relação à riqueza.

²¹ Após a batalha de Maratona, em 490/489 a. C.

²² *FGrH* 228 F 44.

depois da batalha em Plateias. 10. Porém, nos registos depois de Xantípides²³, em cujo mandato Mardónio foi vencido em Plateias, não é possível encontrar entre os muitíssimos nomes nenhum Aristides homónimo, enquanto após Fenipo, durante o arcontado do qual ele venceu a batalha em Maratona, Aristides surge logo inscrito como arconte.

6. 1. A justiça foi de todas as virtudes de Aristides a que provocou maior sensação entre a maioria por fazer dela um uso mais contínuo e comum. 2. Por isso, sendo um homem pobre e do povo recebeu o nome mais régio e divino de ‘Justo’. Isto não provocou inveja a nenhum dos reis ou tiranos, pois regozijavam-se em ser chamados Poliorcetas, Ceraunos, Nicátors e alguns Águias e Falcões²⁴, preferindo, ao que parece, a fama da violência e da força à da virtude. 3. Na verdade, a divindade, a quem desejam com ardor associar-se e inteiramente assemelhar-se, parece distinguir-se por três coisas: incorruptibilidade, força e virtude. Destas, a virtude é a mais venerável e divina. De facto, a incorruptibilidade coincide também com o vazio e os elementos²⁵; por sua vez, os sismos, os raios, as rajadas de ventos e as cheias têm um grande poder. No entanto, nada participa da justiça e da lei, a não ser o que é divino por pensar e reflectir. 4. Por isso, também são muitos os que sentem três coisas perante a divindade: inveja, medo e respeito; parece que sentem inveja dos deuses e consideram-nos ditosos pela sua incorruptibilidade e eternidade, e também os temem e

²³ Xantípides foi arconte em 479/8 a. C. e Fenipo em 490/89 a. C.

²⁴ Trata-se de epítetos de monarcas da época helenística: Demétrio Poliorcetes (‘o sitiador de cidades’), Ptolomeu Cerauno (‘o raio’), Seleuco Nicator (‘o vencedor’), Pirro Aetos (‘o águia’), Antíoco Hierax (‘o falcão’).

²⁵ A referência ao ‘vazio’ e a ‘elementos’ tem sido vista como um sinal da filosofia epicurista.

reverenciam pela sua autoridade e poder, mas amam-nos, reverenciam-nos e adoram-nos pela sua justiça. 5. Porém, embora os que se encontrem nesta situação desejem a imortalidade, que a nossa natureza não recebeu, e o poder, que a maioria das vezes depende da sorte, já em relação à virtude, o único dos bens divinos que está em nós, colocam-na em último lugar, pensando de forma errada, porque a justiça torna divina a vida no poder, numa grande prosperidade e no exercício de funções, ao contrário da injustiça que a torna selvagem.

7. 1. Com efeito, sucedeu a Aristides que, após ter sido amado no início pelo seu nome, foi depois invejado, sobretudo pelo facto de Temístocles ter espalhado entre o povo o rumor de que Aristides, estando a tornar inúteis os tribunais ao julgar e sentenciar tudo, omitia a preparação para ele próprio de uma monarquia sem escolta. Talvez já o povo, que estava eufórico com a vitória e se considerava digno das mais elevadas honras, detestasse que o nome dele fosse merecedor de uma reputação acima da maioria; 2. vindo de todas as partes para a cidade, condenaram Aristides ao ostracismo²⁶, pondo à inveja da sua reputação o nome de medo da tirania²⁷. Na verdade, o ostracismo não era um castigo para uma ação maldosa, mas designava, por conveniência, a humilhação e a repressão do orgulho e da força mais opressora, o que era, de facto, uma consolação humanitária da inveja, sem ser irremediável, mas traduzia a hostilidade contra o que causa dano num exílio de dez anos. 3. Porém, quando alguns começaram a submeter a

²⁶ Aristides foi ostracizado em 482 a. C.; cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 22.7.

²⁷ Não se sabe, em concreto, qual terá sido a principal razão para a condenação de Aristides ao ostracismo. Aristóteles, no texto supra citado, parece indicar que a principal razão foi a oposição de Aristides à política naval de Temístocles, mas não há certeza.

esta prática homens de origem humilde e perniciosos, tendo sido Hipérbolo²⁸ o último de todos a ser ostracizado, cessaram de o fazer. Diz-se que Hipérbolo foi condenado ao ostracismo por causa da seguinte razão. Alcibíades e Nícias, que detinham o poder na cidade, eram rivais. 4. Como o povo estava a ponto de votar o ostracismo e parece que ia escrever o nome de um dos dois, eles, após negociarem uns com os outros e reunirem os apoiantes de ambos para acertar uma mesma posição, procuraram condenar Hipérbolo ao ostracismo. Por causa disto, o povo indignado, porque o procedimento foi maltratado e ultrajado, abandonou-o por completo e aboliu-o. 5. Era então este, para descrevê-lo de forma resumida, o procedimento observado. Cada um tomava o óstraco²⁹ e, depois de escrever o nome dos cidadãos que queria desterrar, levava-o para um lugar da ágora que estava rodeado por uma cerca de madeira em círculo. 6. Os arcontes, em primeiro lugar, contavam o número total de óstracos que ali estavam; se os que levavam eram menos de seis mil, o ostracismo ficava sem efeito. De seguida, após colocar, em separado, cada um dos nomes, o nome escrito pela maioria era ostracizado por meio da proclamação do arauto por dez anos, continuando a gozar dos seus bens. 7. Numa ocasião, quando estavam a escrever os óstracos, conta-se que um homem analfabeto e rústico, depois de entregar o óstraco a Aristides, que era um dos que ali se encontrava, pediu-lhe que escrevesse o nome de Aristides. Admirado, perguntou-lhe se Aristides lhe tinha feito algum mal, “de modo algum”,

²⁸ Foi condenado ao ostracismo em 417 a. C.

²⁹ O *ostrakon* (no plural, *ostraka*), de onde deriva o vocábulo ostracismo, é um fragmento em cerâmica que era usado como material de escrita, sobretudo em votações, mas também há registo de *ostraka* usados como recibo de impostos, no Egito. Também foram encontrados *ostraka* latinos perto de Cartago.

respondeu, “nem conheço esse homem, mas chateia-me ouvir chamar-lhe por todo o lado ‘o Justo’”. 8. Ao ouvir isto, Aristides nada respondeu, mas escreveu o seu nome no óstraco e restitui-o. Já se encontrando afastado da cidade, elevou as mãos ao céu e fez uma súplica, ao que parece, diferente da de Aquiles³⁰, que nenhum acontecimento surpreendesse os Atenienses que obrigasse o povo a recordar Aristides.

8.1. No terceiro ano, quando Xerxes avançava pela Tessália e pela Beócia contra a Ática, após a abolição da lei³¹, votaram por decreto o regresso dos ostracizados, sobretudo temendo que Aristides, unindo-se aos inimigos, corrompesse e fizesse passar muitos dos cidadãos para o lado do Bárbaros; não acertaram no juízo do homem que, ainda antes desse decreto, passava a vida a exortar e a incentivar os Helenos para a liberdade, e depois do decreto, quando Temístocles era o estratega com plenos poderes³², cooperava e aconselhava em todas as coisas, fazendo, em prol da salvação comum, muito célebre o seu inimigo. 2. Como Euribíades³³ decidiu abandonar Salamina, as trirremes bárbaras, conduzidas durante a noite e tendo rodeado o estreito em círculo, ocuparam as ilhas, sem que ninguém previsse o cerco, então Aristides chegou de Egina, navegando de forma

³⁰ Plutarco refere-se às palavras que Aquiles profere quando decide retirar-se do combate (*Iliada* 1.240).

³¹ Aristides foi condenado ao ostracismo em 482 a. C. e, por proposta de Temístocles, foi aprovada a abolição da condenação (cf. *Temístocles* 1.1), em 480 a. C. Aristóteles, no entanto, refere-se a ‘quatro anos’ (*Constituição dos Atenienses* 22.8).

³² *Autokrator*: trata-se daquele que entre os nove estrategos exercia o poder. Neste contexto, o título parece ser um anacronismo, pois só aparecerá durante a Guerra do Peloponeso, durante a expedição à Sicília, em 415 a. C. (cf. Tucídides 6.72).

³³ Espartano que desempenhou a função de estratega da frota naval grega na batalha de Salamina.

temerária entre as naus inimigas. 3. Entrou durante a noite na tenda de Temístocles, chamando-o só a ele à parte disse: “nós, Temístocles, se somos sensatos, abandonando já a nossa vã e infantil disputa, começemos uma rivalidade libertadora e bela para nós, no combate para salvar a Hélade: tu como chefe e estrategista, eu ajudando e dando conselhos. Posto que também agora sei que és o único que tomas as melhores decisões, ao mandar empreender, com a maior celeridade, uma batalha naval nos estreitos. 4. E, embora os aliados procedam contra ti, os inimigos parecem colaborar. De facto, o mar já está repleto, em círculo e por detrás, de naus inimigas, de tal modo que a necessidade, mesmo aos que não querem, conseguiu que fossem homens bons e lutadores. Na verdade, não resta caminho para a fuga”. A estas coisas, respondeu Temístocles: “Eu não desejaria que nisto fosses melhor que eu, mas tentarei esforçar-me neste belo mando por ultrapassar-te nos feitos”. E, ao mesmo tempo, depois de lhe contar a cilada urdida por ele contra o bárbaro³⁴, exortou-o a convencer Euribíades e a explicar-lhe que era impossível salvar-se sem lançar um combate naval; de facto, Aristides gozava de mais crédito do que ele. 6. Por isso, o coríntio Cleócrito³⁵ disse a Temístocles, na reunião de estrategistas, que nem Aristides estava satisfeito com o plano dele, pois, embora estivesse presente, mantinha-se em silêncio; Aristides respondeu que não se manteria em silêncio se Temístocles não tivesse dito o melhor. E que nesse momento se mantinha tranquilo não por causa da indulgência daquele homem, mas porque aprovava o seu plano.

³⁴ Cf. Heródoto 8.75 e Plutarco, *Temístocles* 12.3-5.

³⁵ Cf. 20.2; vide Heródoto 8.59-61: fala de um coríntio, mas dá-lhe o nome de Adimanto.

9.1. Os comandantes da frota dos Helenos iam pondo em prática estas coisas. Aristides ao ver que Psitália, uma pequena ilha situada no estreito em frente de Salamina, estava cheia de inimigos, fez embarcar em naus auxiliares os mais audazes e belicosos de entre os cidadãos; desembarcou em Psitália e, após travar um combate contra os bárbaros, matou-os a todos, exceto os que eram ilustres, os quais foram capturados vivos. 2. Entre eles havia três filhos da irmã do rei, chamada Sandace, que Aristides remeteu de imediato a Temístocles; dizem que eles, segundo um certo oráculo, por conselho do adivinho Eufrântides, foram sacrificados a Dioniso selvagem³⁶, antes do combate. 3. Tendo rodeado a pequena ilha por todas as partes com hoplitas, Aristides deteve-se a vigiar os que eram arrastados para ela, para que não perecesse nenhum dos amigos, nem escapasse nenhum dos inimigos. 4. De facto, parece que o maior tumulto das naus e a parte mais violenta da batalha se deu neste local. Por isso, foi erigido um monumento em Psitália. 5. Após a batalha, Temístocles, para pôr à prova Aristides, dizia que era belo o ato levado a cabo por eles, mas que faltava o melhor: apoderar-se da Ásia na Europa, navegando muito rapidamente para o Helesponto e cortando a ponte de naus. 6. Mas quando Aristides, exclamando em voz alta, lhe pediu para pôr de lado o plano, mas, em vez disso, refletir e procurar a forma como expulsar rapidamente o Medo da Hélade, para que, aprisionado pela falta de fuga com tão grande força, não tomasse por necessidade uma atitude defensiva, então Temístocles enviou novamente, em segredo, o eunuco Arnaces, um dos prisioneiros, mandando-o dizer ao rei que os Gregos se

³⁶ Hesíodo, *Teogonia* 300; ‘Omestes’, epíteto de Dioniso; *Temístocles* 13.3; menciona-se um sacrifício humano a Dioniso Omestes antes da batalha da Salamina.

preparavam para navegar contra as pontes, mas que ele próprio os dissuadiria, por querer salvar o rei³⁷.

10.1. Xerxes, aterrado com isto, apressou-se a ir para o Helesponto, mas Mardônio, que tinha o corpo de homens mais experimentado do exército, ficou para trás com trinta mil homens; era temido pela firme esperança que depositava na infantaria, ameaçando os Gregos e escrevendo o seguinte: “Vencestes com madeiras marinhas homens de terra firme, que não sabiam manejar o remo. Mas, agora, a ampla terra dos Tessálios e a bela planície dos Beócios favorecem o combate de bons hoplitas e cavaleiros”. 2. Enviou, em particular, aos Atenienses uma carta e propostas da parte do rei³⁸, prometendo-lhes reedificar a cidade, doar muito dinheiro e constituí-los senhores dos Gregos, se permanecessem fora da guerra. 3. Os Lacedemónios, temerosos após terem recebido esta informação, enviaram a Atenas embaixadores, para pedirem aos Atenienses que deixassem partir as crianças e as mulheres para Esparta e que aceitassem tomar da parte deles alimentos para os anciãos; na verdade, havia uma profunda necessidade entre o povo, por ter perdido a sua terra e a cidade. 4. Não obstante terem ouvido os embaixadores, depois de Aristides ter redigido um decreto, responderam de forma admirável, declarando que concediam o perdão aos inimigos se acreditassem que todas as coisas se podem comprar com riqueza e dinheiro, pois não conheciam nada melhor que estes, mas estavam irritados com os Lacedemónios, porque

³⁷ Em *Temístocles* 16, Plutarco também faz alusão a este episódio. No entanto, em Heródoto 8. 108-10, é o próprio Temístocles que propõe o plano de navegar contra a ponte de naus, logo não é um ardil, mas é Eurílates, e não Aristides, que se opõe às intenções de Temístocles.

³⁸ Segundo Heródoto (8.140), é o rei Alexandre I que leva a Atenas esta mensagem.

apenas viam a pobreza e a necessidade em que agora estavam os Atenienses, mas esqueciam o seu valor e a sua honra quando os exortavam a lutar por alimentos em prol da Grécia. 5. Aristides, tendo redigido este decreto e conduzido os embaixadores para a assembleia, mandou que explicassem aos Lacedemónios que não existe à face ou por baixo da terra quantidade de ouro suficiente que levasse os Atenienses a trocarem-na pela liberdade dos Gregos³⁹. 6. Apontando para o sol, disse aos que estavam junto de Mardónio: “Enquanto este percorrer aquele caminho, os Atenienses combaterão os Persas sobre a terra dilacerada e os templos profanados e queimados”. Além disso, decretou que os sacerdotes pronunciassem maldições contra alguém que enviasse emissários para tratar da paz com os Medos ou abandonasse a simaquia dos Gregos.

7. Por Mardónio ter invadido pela segunda vez a Ática⁴⁰, os Atenienses fizeram de novo a travessia para Salamina. Aristides, por seu lado, tendo sido enviado à Lacedemónia para repreendê-los da sua indolência e negligência, por abandonarem, de novo, Atenas aos Bárbaros, pediu-lhes que socorressem o que ainda se podia salvar da Grécia. 8. Embora tenham ouvido estas coisas, os éforos⁴¹ pareciam, durante o dia, continuar a divertir-se e a manter-se despreocupados em festejos, pois eram as Jacíntias⁴². Porém, durante a noite, escolhendo cinco mil espar-

³⁹ Por exemplo, Calícrates dá a vida pela Hélade (cf. 17.8).

⁴⁰ Mardónio ocupou na sua totalidade a Ática em 479 a. C.

⁴¹ Designação dos magistrados espartanos. Os cinco éforos eram eleitos anualmente pelos cidadãos e o mais velho dava o seu nome ao ano. Entre os outros, tinham o poder de controlo da ação dos reis e também algumas funções judiciais.

⁴² Festas em honra de Jacinto, amante de Apolo; vide Xenofonte, *Helénicas* 4.5 e Pausânias 3.10.1 e 4.19.4.

tiatas⁴³, indo cada um destes acompanhado por sete hilotas⁴⁴, enviaram-nos sem o conhecimento dos Atenienses. 9. Quando Aristides se aproximou para, de novo, os repreender, eles disseram-lhe, com risos, que pronunciava tolices e que estava a dormir, pois o exército já estava em Oresteus⁴⁵, avançando contra os estrangeiros – na verdade, chamavam ‘estrangeiros’ aos Persas; Aristides disse-lhes que não era oportuno eles divertirem-se, enganando os aliados em vez dos inimigos. Assim foram os acontecimentos, segundo Idomeneu⁴⁶. 10. Mas no decreto de Aristides, ele não consta como embaixador, mas Címon⁴⁷, Xantipo⁴⁸ e Mirónides⁴⁹.

11. 1. Eleito com mão levantada como estrategista com plenos poderes para a batalha⁵⁰, Aristides tomou oito mil hoplitas e chegou a Plateias. 2. Ali também Pausânias, que comandava todo o exército grego, se uniu aos Espartanos, e afluíram um grande número de outros gregos. A totalidade

⁴³ Ao contrário dos periecos (habitantes da Lacedemónia, em geral), os espartiatas em sentido mais restrito viviam na cidade de Esparta e tinha direito pleno de cidadania.

⁴⁴ Nome atribuído aos servos ou escravos em Esparta, descendentes dos antigos habitantes do Peloponeso e que foram submetidos pelos Dórios na Lacónia. O estado espartano tinha direito de manumissão sobre os hilotas, que além de não terem direitos políticos, estavam também obrigados ao trabalho que fosse necessário, no campo e em casa.

⁴⁵ Cidade da Arcádia, a cerca de 40 km de Esparta.

⁴⁶ *FGrH* 338 F 6.

⁴⁷ Estrategista ateniense, filho de Milcíades. Além de outros feitos, ajudou Aristides a conseguir a lealdade dos Gregos, na Ásia Menor e ilhas, a favor de Atenas e a ele se deve um desempenho decisivo na vitória sobre os Persas em Eurimedonte (c. 466 a. C.).

⁴⁸ Pai de Péricles. Teve um papel muito relevante na vitória dos Gregos sobre os Persas em Mícale (479 a. C.).

⁴⁹ Um dos estrategistas gregos na batalha de Plateias (479 a. C.).

⁵⁰ Como foi referido antes (cf. 8.1), trata-se de um anacronismo, uma vez que os dez estrategistas tinham, nesta altura, o mesmo poder.

do acampamento dos Bárbaros, que se estendia ao longo do rio Asopo, parecia não ter termo por causa da sua grandeza, mas à volta das bagagens e das posses mais valiosas levantaram uma muralha quadrangular, em que cada um dos lados media dez estádios⁵¹. 3. Certamente que Tisâmeno da Élide⁵² fez um vaticínio comum para Pausânias e para os Gregos, e predisse a vitória para aqueles que se defendessem e não atacassem primeiro. A Aristides, que tinha enviado mensageiros a Delfos, o deus respondeu que os Atenienses seriam superiores se suplicassem a Zeus e a Hera Citerónia, a Pã e às ninfas Esfragítides, e fizessem sacrifícios aos heróis⁵³ Andrócrates, Lêucon, Pisandro, Damócrates, Hipsión, Actéon e Poliido, e se fizessem uma batalha na sua própria terra, na planície de Deméter Eleusínia e de Core⁵⁴. 4. Evocada a resposta do oráculo, Aristides mostrou-se preocupado. Na verdade, os heróis aos que ordenava prestar sacrifícios eram fundadores de Plateias e a caverna das ninfas Esfragítides é num cume do Citéron, voltado para onde o sol se põe no Verão, no qual também havia um oráculo antes, segundo dizem, e muitos dos habitantes locais estavam possuídos, aos que chamavam ‘possuídos pelas ninfas’⁵⁵. 5. Relativamente à planície de Deméter Eleusínia e como daria a vitória aos Atenienses se fizessem o combate na

⁵¹ O estádio (*stadion*) era uma medida grega com uma dimensão entre 170 a 200 metros. Por exemplo, a pista de corridas de Olímpia tinha um estádio.

⁵² Cf. Heródoto 9.34-36.

⁵³ Os sete heróis mencionados terão dado origem às principais famílias de Plateias.

⁵⁴ Ou Cora. Trata-se de Perséfone, filha de Deméter. Os Mistérios de Elêusis eram celebrados em honra das duas deusas, atribuindo-se a Deméter a fundação dos Mistérios, como forma de celebrar a saída de Perséfone do Hades.

⁵⁵ Em grego, *nympholeptos*.

sua própria terra, de novo dava a ordem de retirada para a Ática e trasladaria a guerra para ali. Então, Arimnesto⁵⁶, estrategista dos Plateienses, imaginou em sonhos que ele, interpelado por Zeus Salvador⁵⁷ sobre o que os Gregos tinham decidido fazer, disse: “Senhor, amanhã conduziremos o exército para Elêusis e lutaremos aí com valentia contra os bárbaros, conforme o oráculo pítico”. 6. O deus disse que eles estavam por completo enganados. Na verdade, aconteciam ali mesmo em Plateias os vaticínios píticos e que descobririam se os procurassem. Isto pareceu ser claro para Arimnesto, pois ao acordar chamou rapidamente os mais experientes e anciãos, e por meio do diálogo e da partilha de dúvidas com estes descobriu que, perto de Hísias⁵⁸, por baixo do Citéron, há um templo muito antigo chamado Deméter Eleusínia e Core. 7. Assim, de imediato, tomando consigo Aristides, levou-o ao local, que era dotado de boas condições para colocar em ordem de combate a tropa de infantaria perante uma cavalaria mais poderosa, porque o sopé do Citéron tornava impróprio para manobras a cavalo os limites da planície contíguos ao templo. 8. Ali perto também havia um templo dedicado ao herói Andrócrates, rodeado por um bosque sagrado de árvores frondosas e umbrosas. Para que o oráculo que dava esperança na vitória em nada ficasse incompleto, decidiram os Plateienses, após Arimnesto ter exposto a sua opinião, eliminar as fronteiras de Plateias com a Ática e dar o território aos Ateninenses, de modo que se lutasse pela Grécia na sua terra, conforme o oráculo. 9. Sucedeu que este ato de generosidade dos Plateienses chegou a ser tão conhecido

⁵⁶ Também desempenhou o papel de estrategista em Maratona (cf. Heródoto 9.72).

⁵⁷ Em grego, *soter*.

⁵⁸ Localidade perto de Plateias.

que, sendo Alexandre já rei, muitos anos depois, ao erguer as muralhas de Plateias, anunciou nas Olimpíadas, por meio de um arauto, que o rei concedia isto aos Plateienses pela sua audácia e grandeza de espírito, posto que concederam o seu território aos Gregos na guerra médica e revelaram ser os mais benévolos⁵⁹.

12.1. Os Tegeatas julgaram justo disputar um lugar na formação do exército com os Atenienses; como os Lacedemónios ocupavam sempre a ala direita, eles queriam ter a esquerda, elogiando, assim, muito os antepassados deles⁶⁰. Como os Atenienses ficaram irritados, Aristides, chegando-se à frente, disse: 2. “O presente momento não é propício para discutir com os Tegeatas sobre a nobreza de nascimento e valentia. Porém, a vós, Espartanos, e aos demais Gregos, dizemos que o lugar não dá nem retira valor. Qualquer que seja o lugar na formação que vós nos concedais, procuraremos, organizando-o e defendendo-o, não desonrar os combates travados no passado⁶¹. 3. De facto, não vimos aqui para enfrentar os aliados, mas para lutar com os inimigos, nem para elogiar os pais, mas para oferecermo-nos a nós próprios como homens bons para a Grécia. Desta forma, este combate demonstrará quanto é digna para os Gregos a cidade, o chefe e o soldado”. 4. Depois de ouvir estas palavras, os membros do conselho e os generais aprovaram o pedido dos Atenienses e deram-lhes a outra ala⁶².

⁵⁹ Este anúncio também é referido por Plutarco em *Alexandre* 34.2.

⁶⁰ Como sucede muitas vezes nas biografias, Plutarco, por ter outro objetivo, comprime ou resume o relato histórico. Para uma versão mais completa, vide Heródoto 9.26-28.

⁶¹ É normalmente entendida como uma alusão à batalha de Maratona.

⁶² Cf. Heródoto 9.27. Tal como Plutarco, Heródoto não indica o nome dos Atenienses que fizeram a interpelação.

13. 1. Estando a Grécia em suspenso, e especialmente perigosas as coisas para os Atenienses, homens de famílias ilustres e de grandes riquezas, que ficaram pobres por causa da guerra, viam, junto com o dinheiro, perecer o poder deles na cidade e a reputação. Outros, porém, que eram honrados e tinham poder, reuniram-se secretamente numa casa, em Plateias, e conspiraram para derrubar o estado democrático⁶³ e, se isso não tivesse sucesso, para arruinar o Estado e entregá-lo por traição aos Bárbaros. 2. Enquanto isto decorria no acampamento, e já muitos estavam corrompidos, Aristides, apercebendo-se da situação e temendo o momento presente, decidiu não negligenciar o assunto, mas também não revelá-lo por completo, porque a investigação, procurando o limite do justo em vez do conveniente, ignorava a quantas pessoas chegaria. 3. Então, tomou oito entre os muitos envolvidos e dois desses, Ésquines Lampreu e Agásias Acarneu, os primeiros a quem foi anunciada a decisão, que também tinham a maior acusação, saíram em fuga do acampamento. Deixou sair os outros, permitindo aos que ainda estavam escondidos que tivessem confiança e que se arrependessem, sugerindo que se queriam escapar de forma reta e justa às acusações para com a pátria tinham a guerra como grande tribunal.

14. 1. Depois disto, Mardónio, com o que parecia trazer maior vantagem, intentou uma ação contra os Gregos, lançando a cavalaria toda junta contra eles, que estavam situados, à exceção dos Megarenses, aos pés do Citéron, em lugares fortificados e rochosos. 2. Estes, em número de três mil, estavam acampados mais nas partes planas. Por isso, pereceram ignominiosamente por causa da cavalaria, que se lançou sobre eles

⁶³ Esta conjura aristocrática não é referida nas fontes históricas, nem está identificada a fonte que Plutarco terá usado.

e os atacou por todos os lados. 3. Por conseguinte, enviaram rapidamente um mensageiro a Pausânias para pedir auxílio, porque não conseguiam só por eles resistir ao grande número de Bárbaros. 4. Depois de ouvir isto, Pausânias observou que o acampamento dos Megarenses também já estava coberto por uma grande quantidade de dardos e flechas e se encontravam circunscritos a um pequeno espaço, pois ele próprio era incapaz de repelir os cavaleiros com a pesada falange de hoplitas dos Espartanos. Então, propôs aos outros estrategos e comandantes dos Gregos que estavam à sua volta a emulação da valentia e da honra, para ver se alguns aceitavam suportar o combate na primeira linha e prestar auxílio aos Megarenses. 5. Enquanto os outros sucumbiam, Aristides⁶⁴, suportando o combate em prol dos Atenienses, enviou Olimpíodoro, o mais resoluto dos comandantes, com trezentos eleitos postos às suas ordens e arqueiros misturados com eles. Depois de estes se terem preparado rapidamente e avançado para a corrida, Masístio, comandante da cavalaria, homem quer admirável pela sua força e grandeza, quer extraordinário pela beleza corporal, logo que os viu, voltou o seu cavalo e lançou-se contra eles. 6. Como eles suportavam o embate e ripostavam, deu-se um combate duro, ocupando-se como se nele se intentasse de tudo. Porém, quando o cavalo ferido por uma flecha fez tombar Masístio, ele, tendo caído sob o peso das armas, não se conseguia levantar e mesmo assim era difícil de ser dominado pelos Atenienses que o ameaçavam e feriam, pois estava protegido não só no peito e na cabeça, mas também nos membros com ouro, bronze e ferro. Porém um matou-o, ferindo-o com a ponta do dardo onde o elmo deixava entrever o olho, e os outros Persas fugiram

⁶⁴ Heródoto (9.21.3) não refere a ação de Aristides, mas sim Diodoro (9.30.4).

abandonando o morto. 7. Os Gregos compreenderam a grandeza do seu sucesso, não por causa da quantidade de mortos – na verdade, eram poucos os que jaziam no chão –, mas pela dor dos Bárbaros. 8. Em honra de Masístio, cortaram o cabelo a eles próprios e também aos cavalos e mulas, e, assim, encheram a planície de gemidos e prantos, porque haviam perdido o que era em muito o primeiro homem pelo seu valor e poder, depois, certamente, de Mardónio.

15. 1. Após este combate equestre, ambos os lados interromperam a luta por muito tempo. De facto, a partir das entranhas das vítimas, os adivinhos previram a vitória para os que se mantivessem na defensiva, tanto para os Persas como para os Gregos, mas se atacassem, a derrota. 2. De seguida, Mardónio, como lhe restavam víveres para poucos dias, enquanto o número dos Gregos aumentava sempre ao afluírem outros, não conseguiu manter mais esta situação difícil. Decidiu, então, atravessando no momento do amanhecer o Asopo, atacar de surpresa os Gregos, e deu a ordem aos generais pela tarde. 3. No entanto, um homem a cavalo, precisamente a meio da noite, aproximou-se do acampamento dos Gregos, mas ao ser apanhado pelos guardas pediu que o levassem à presença de Aristides, o Ateniense. Logo que foi recebido, disse: “Sou Alexandre⁶⁵, rei dos Macedónios, enfrentando os maiores perigos venho até vós por indulgência, para que o imprevisto não vos perturbe e vos faça combater pior. 4. De facto, amanhã Mardónio lutará contra vós, não por uma honrada esperança, nem por confiança, mas por dificuldade de provisões, embora os adivinhos proibam o combate, tendo em conta os auspícios

⁶⁵ Trata-se de Alexandre I, rei da Macedónia entre c. 495 e 450 a. C. Segundo a versão de Heródoto (9.44.2), tem intenção de se encontrar com os estrategos gregos, sem referir Aristides.

funestos dos sacrifícios e as respostas dos oráculos, e um grande desalento e consternação se tenha apoderado do exército. Porém, a necessidade leva-o a tentar, com audácia, a sorte em vez de suportar a extrema dificuldade sem qualquer ação”. 5. Depois de dizer estas coisas, Alexandre pediu a Aristides que considerasse e lembrasse aquilo, mas que não o dissesse a outro. Este, contudo, retorquiu que não era correto esconder estas coisas de Pausânias, pois a ele cabia o comando. Mas para os outros propôs que permanecesse em segredo antes do combate, e, se a Grécia vencesse, ninguém ignoraria a solicitude e o valor de Alexandre. 6. Dito isto, o rei dos Macedônios partiu de novo, e Aristides, aproximando-se da tenda de Pausânias, contou as conversas, e, assim, mandaram chamar os outros generais e ordenaram que tivessem em ordem o exército, como se o combate fosse de imediato.

16. 1. A respeito disto, conta Heródoto⁶⁶, Pausânias enviou uma mensagem a Aristides, pedindo que, passando os Atenien-ses para a ala direita, os colocasse frente aos Persas, pois eles lutariam melhor no combate, por terem confiança na sua forma de combater, e ganho experiência com a anterior vitória⁶⁷, reservando para ele mesmo a ala esquerda, por onde iam atacar os Gregos que estavam do lado dos Medos. 2. Certamente os outros estrategos consideravam Pausânias irrefletido e insuportável por manter a restante força no seu local e mudá-los apenas a eles, para cima e para baixo, como a hilotas, lançando-os contra a parte mais belicosa. 3. Porém, Aristides dizia-lhes que se enganavam por completo; se recentemente tinham lutado

⁶⁶ Cf. 9.46-7.

⁶⁷ Tendo em conta que os Espartanos haviam perecido na batalha de Termópilas, não seriam as suas forças compostas por soldados experientes no combate com os Persas.

com os Tegeatas pela ala esquerda e se vangloriavam por terem sido os preferidos, agora, que os Lacedemónios lhes cediam voluntariamente a ala direita e lhes entregavam de algum modo o comando, nem amariam a glória, nem considerariam ganância não lutar contra indivíduos da mesma raça e parentes, mas com os Bárbaros, inimigos por natureza⁶⁸. 4. Os Atenienses, por causa disto, trocaram então, muito favoravelmente, de posto com os Espartanos, e uma mensagem corria entre eles transmitida de boca em boca, dizendo que “nem os inimigos se apresentariam com melhores armas, nem com espíritos mais afoitos do que aqueles que lutaram em Maratona, mas que os arcos eram os mesmos, as mesmas vestimentas de cores diversas e o mesmo ouro sobre os corpos sem vigor e os espíritos cobar-des. 5. No entanto, se entre nós, as armas e os corpos eram também os mesmos, maior seria, com as vitórias, a confiança. O combate não se faz apenas por causa das terras e da cidade, como para aqueles, mas pelos troféus de Maratona e Salamina, para que não parecesse que aqueles eram de Milcíades ou do acaso, mas dos Atenienses”. 6. Deste modo, eles estavam com pressa na mudança de posições. Mas os Tebanos, ao compreenderem isso por meio dos desertores⁶⁹, contaram isto a Mardónio, e este de imediato, quer por temer os Atenienses, quer por ambicionar cair sobre os Lacedemónios, fez avançar os Persas para a ala direita, e mandou os Gregos que estavam com ele ficar em frente dos Atenienses. 7. Ao efetuar-se a mudança de posição de forma evidente, Pausânias, mudando de novo de posição, ocupou a ala direita, e Mardónio, tal como estava desde o princípio, tomou a ala esquerda, em frente aos

⁶⁸ Como sucede várias vezes na sua obra, Plutarco aproveita para revelar a sua oposição a guerras internas entre Gregos.

⁶⁹ Versão não confirmada por Heródoto 9.47.

Lacedemónios. 8. O dia terminou sem atividade. Deliberando os Gregos, pareceu-lhes bem passar o acampamento para a frente e ocupar um local abundante em água, porque as correntes de água próximas tinham sido maltratadas e destruídas pelos Bárbaros que eram superiores em cavalaria.

17. 1. Quando sobreveio a noite e os estrategos se encami-nharam para o acampamento designado, o exército não estava muito resoluto em segui-los e a manter-se unido, mas, na medida em que se levantaram desde as primeiras defesas, muitos dirigiram-se para a cidade dos Plateienses, e ali gerou-se a confusão com a dispersão e o acampamento sem ordem. Assim, sucedeu aos Lacedemónios que, de forma involuntária, ficaram atrás dos outros. 2. Na verdade, Amonfáreto, homem resoluto e temerário, como há muito tempo ansiava pelo combate e não suportava os muitos adiamentos e atrasos, dando, então, de forma clara o nome de fuga e deserção à mudança de posição, disse que não abandonaria o seu posto, mas permaneceria ali com os seus companheiros para resistir a Mardónio. 3. Quando Pausânias, aproximando-se dele, lhe disse que estas coisas que se faziam estavam decididas e determinadas pelos Gregos, Amonfáreto, levantando com as mãos uma pedra enorme e lançando-a aos pés de Pausânias, disse que este era o seu voto⁷⁰ em relação ao combate e que as resoluções e decretos cobardes dos outros os mandava passear. 4. Pausânias, perplexo com esta situação, mandou chamar os Atenienses que já se estavam a ir embora, pedindo-lhe que esperassem para marcharem juntos e ele próprio conduziu a restante força para Plateias, com o objetivo de fazer movimentar Amonfáreto. 5. Nisto surpreendeu-os o dia, e Mardónio – na verdade não lhe escapou que os Gregos

⁷⁰ Parece fazer referência a uma forma de votação anterior às regras democráticas que seriam instituídas no século V a. C.

tinham abandonado o acampamento – tendo a sua força disposta em ordem de batalha lançou-se contra os Lacedemónios com um grande grito e bramido dos Bárbaros, como se não estivesse para iniciar um combate, mas antes para capturar os Gregos que fugiam. 6. Por pouco não foi isso que sucedeu. Pois, observando o que acontecia, Pausânias reteve a marcha e mandou que cada um tomasse o seu posto para o combate, mas esqueceu-se, seja por causa da cólera contra Amonfáreto, seja por ter ficado perturbado com a rapidez dos inimigos, de dar o sinal aos Gregos. 7. Por isso, não acorreram em auxílio nem de imediato nem de maneira compacta, mas aos poucos e de forma separada, e quando já se lutava corpo a corpo. Como ao fazer sacrifícios não obteve bons auspícios, Pausânias ordenou aos Lacedemónios que, após colocarem os escudos junto dos pés, permanecessem imóveis e confiassem nele, sem repelir os inimigos, enquanto ele fizesse de novo um sacrifício. 8. Entretanto os cavaleiros atacavam, e já chegavam os dardos que iam atingindo alguns dos Espartanos. Mas, nesse momento, Calícrates, que dizem que era em aspeto o mais belo dos Gregos e o maior em estatura naquele exército, ao ser ferido e caindo disse que não lamentava a morte por ter vindo, efetivamente, da sua casa para morrer pela Grécia, mas porque morria sem ter usado a mão. 9. A situação era, certamente, terrível, mas a moderação dos homens era admirável. De facto, não afastavam os inimigos que atacavam, mas, esperando a ocasião por parte da divindade e do estratega, sendo atingidos e caindo nos seus postos mantinham-se firmes. 10. Uns afirmam⁷¹ que alguns dos Lídios, enquanto Pausânias fazia sacrifícios um pouco fora da linha de combate e formulava preces, caíram sobre ele de

⁷¹ Não menciona as fontes, mas refere-se a um ritual anterior às Guerras Medo-Persas; vide *Licurgo* 18.2.

repente, arrebatando e atirando por terra os utensílios para o sacrifício, e ainda que Pausânias e os que estavam junto dele, como não tinham armas, atingiram-nos com varas e látigos. Por isso, ainda agora, como imitação daquele ataque, celebram-se, em Esparta, as flagelações dos efebos em volta do altar e depois disso a procissão dos Lídios.

18. 1. Irritando-se com o que sucedia, enquanto o adivinho abatia vítimas umas a seguir a outras, Pausânias voltou-se para o templo de Hera com os olhos lacrimosos e, levantando as mãos, suplicou a Hera Citerónia e aos outros deuses que protegem a terra de Plateias que, mesmo não estando destinado que os Gregos vencessem, ao menos que fosse possível sofrer depois de fazer algo e demonstrar aos inimigos as suas obras, pois tinham marchado contra homens valentes e ansiosos por lutar. 2. Enquanto Pausânias fazia essas invocações aos deuses, juntamente com as imprecações, tornaram-se evidentes as entranhas das vítimas e o adivinho anunciou a vitória. Então, tendo sido dada a todos a ordem para formar contra os inimigos, a falange de repente tomou o aspeto de um animal feroz predisposto para o combate e eriçado, e nesse momento tomou conta do pensamento dos Bárbaros o facto de que teriam de lutar contra homens que combateriam até à morte. 3. Por isso também, depois de se protegerem com muitos escudos de vimes, lançaram flechas contra os Lacedemónios. Estes, ao mesmo tempo que se protegiam por meio da formação dos soldados com os escudos unidos, avançavam e, ao atacar, tiravam os escudos de vimes, ferindo com as lanças os rostos e os peitos dos Persas; derrubavam muitos inimigos, que caíam não em vão, nem com desânimo. 4. De facto, tomando as lanças com as mãos desnudas, quebravam a maior parte, e iam ao encontro das espadas desembainhadas não de forma indolente, mas fazendo uso de facas e sabres, puxando os escudos e cerrando fileiras resistiram

durante muito tempo. 5. Os Atenienses, por sua vez, durante esse tempo ficaram inativos à espera dos Lacedemónios, mas quando o grande clamor dos combatentes se espalhou e chegou, ao que dizem, um mensageiro da parte de Pausânias, contando o que estava a acontecer, puseram-se rapidamente em movimento para ajudar. 6. Ao avançarem pela planície em direção ao tumulto, foram atacados pelos Gregos que estavam do lado dos Medos. Aristides, logo que os viu, avançando muito, gritava, tendo os deuses gregos por testemunha, que renunciassem ao combate e não fossem um impedimento para eles, nem colocassem obstáculos aos que defendiam aqueles que corriam perigo em favor da Grécia⁷². Mas quando viu que não lhe obedeciam e se dispunham para o combate, então, renunciando a obter ajuda ali, lançou-se contra eles, que eram cerca de cinquenta mil⁷³. 7. Mas de imediato a maioria cedeu e retirou-se, já que também os Bárbaros se afastaram, e o combate deu-se, segundo se conta, sobretudo com os Tebanos, pois os principais e mais poderosos entre eles eram muito favoráveis aos Medos e conduziam a multidão que os seguia não por sua vontade, mas obrigada por um governo oligárquico⁷⁴.

19. 1. Deste modo a guerra dividiu-se em dois momentos. Os Lacedemónios, em primeiro lugar, repeliram os Persas, e um espartano de nome Aimnesto⁷⁵ matou Mardónio, golpeando-lhe a cabeça com uma pedra, tal como lhe havia vaticinado

⁷² Na narrativa herodotiana (9.61), não se menciona que se tenha evitado o combate com os Gregos que estavam no campo oposto.

⁷³ Cf. Heródoto 9.32.2.

⁷⁴ Realce-se a forma como Plutarco, natural da Beócia, procura justificar a atitude dos Tebanos; vide Tucídides 3.62.3.

⁷⁵ Há dúvidas quanto a este nome por haver discrepâncias nos manuscritos: Aimnesto ou Arimnesto.

o oráculo de Anfiarau⁷⁶. 2. De facto, Mardónio enviou ali um homem lídio e outro que era cário a Ptoó⁷⁷. Enquanto a este, o intérprete falou em língua cária, ao lídio, que ador-meceu no templo de Anfiarau, pareceu-lhe que um servidor do deus se aproximava e lhe ordenava que se fosse embora; mas porque não queria fazer isso, arremessou-lhe uma grande pedra à cabeça, de tal maneira que acreditou que o homem golpeado teria morrido. Conta-se que assim sucederam estas coisas. Quanto aos fugitivos, fecharam-nos nas paliçadas de madeira. 3. Após terem feito perecer, no mesmo combate, a trezentos homens dos mais ilustres e dos principais, os Atenienses, um pouco depois, puseram em fuga os Tebanos. Na verdade, logo que se iniciou a fuga, chegou junto dos Atenienses um mensageiro para que sitiasssem os Bárbaros encerrados nas paliçadas. 4. Assim, permitindo que os Gregos se salvassem, correram em auxílio para as fortificações, e surgindo, de repente, aos Lacedemónios que não tinham, de todo, destreza nem experiência para o assalto a uma fortificação, tomaram o acampamento com uma grande matança de inimigos. 5. Pois diz-se que dos trezentos mil fugiram com Artabazo⁷⁸ quarenta mil, enquanto dos que combateram pela Grécia caíram ao todo uns mil trezentos e sessenta. 6. Cinquenta e dois destes eram Atenienses, todos da tribo da Ajântide, como disse Clidemo⁷⁹, a que combateu melhor. Por isso, os Ajântidas ofereceram às ninfas Esfragítides, em honra da vitória, o sacrifício ordenado

⁷⁶ Adivinho que tomou parte na ação dos Sete contra Tebas.

⁷⁷ Monte da Beócia que tinha um santuário dedicado ao herói Ptoó.

⁷⁸ Este comandante do lado persa não concordou com Xerxes em deixar Mardónio na Grécia (cf. Heródoto 9.66.1).

⁷⁹ Autor do século IV a. C. que escreveu uma história de Atenas, intitulada *Atthis* ou *Protogonia* (quatro livros) e uma outra obra com o título de *Exegético*; cf. *FGrH* 323 F 22.

pela Pítia, suportando os gastos com dinheiro públicos. Por sua vez, os Lacedemónios perderam noventa e um homens, os Tegeatas dezasseis. 7. É certamente admirável que Heródoto⁸⁰ afirme que só estes chegaram ao combate com os inimigos, e nenhum dos outros Gregos. De facto, o número de mortos e os monumentos testemunham que o êxito foi o resultado de uma empresa comum, e, se apenas três cidades tivessem combatido e as outras permanecessem sem mover-se, jamais teriam gravado o altar da seguinte maneira⁸¹:

Quando os Gregos, graças ao poder da vitória, por ação de Ares, após expulsar os Persas, erigiram este altar comum
a Zeus Eleutério, por uma Grécia livre.

8. Este combate teve lugar no quarto dia do mês Boedró-mion, de acordo com o calendário e, segundo os Beócios, quatro dias antes de terminar o Panemo, data em que ainda agora se reúne o conselho grego em Plateias e os Plateien-ses fazem sacrifícios a Zeus Eleutério em honra da vitória. 9. Porém, não deve causar admiração a diferença de datas, já que ainda agora, quando os estudos de astrologia são mais exatos, cada um fixa de maneira diferente o princípio e o fim do mês⁸².

⁸⁰ 9.85.

⁸¹ Epigrama atribuído a Simónides (fr. 107 D). Suprimindo o segundo verso, repete este epigrama em *Da malícia de Heródoto* 873B; cf. Pausânias 9.2.5.

⁸² Como em outras partes da sua obra, Plutarco revela o seu gosto pela astronomia. A diferenças de datas para a batalha de Plateias encontra-se na própria obra de Plutarco, uma vez que no tratado *Da glória dos Atenienses* 349E indica o terceiro dia do mês Boedrómion (Setembro).

20. 1. Depois disto, ao não concederem os Atenienses aos Espartanos o prêmio da vitória, nem lhes consentirem levantar um troféu, por pouco poderiam ter deitado a perder as ações dos Gregos, desunidos por armas, se Aristides não tivesse dado muitos conselhos e instruído os companheiros, sobretudo Leócrates e Mirónides, contendo-os e persuadindo-os a conceder o mando aos Gregos. 2. Então reunidos em conselho os Gregos, o megarense Teogíton disse que teriam de dar a outra cidade o prêmio da vitória, se não queriam provocar uma guerra civil. Depois disto, ao levantar-se Cleócrito, o Coríntio, deu a impressão de que pediria o prêmio para os Coríntios. Pois Corinto⁸³, depois de Esparta e Atenas, gozava da maior honra. Porém, pronunciou um discurso surpreendente e que agradou a todos em favor dos Plateienses, e aconselhou a eliminar as rivalidades, concedendo o prêmio àqueles cuja honra não faria sofrer nenhum dos dois. 3. Depois de pronunciar estas palavras, Aristides foi o primeiro que esteve de acordo em nome dos Atenienses, e depois Pausânias em nome dos Lacedemónios. Reconciliados desta maneira, dividiram oitenta talentos para os Plateienses, com os quais reconstruíram o templo de Atena⁸⁴, erigiram a sua estátua e embelezaram o templo com pinturas, que se mantiveram em pleno estado até hoje, e os Lacedemónios, por um lado, construíram um monumento por sua conta e os Atenienses outro em separado. 4. Quando consultaram o oráculo sobre os sacrifícios, o pítio respondeu-lhes que construísem o altar de Zeus Eleutério, mas não ofereceram sacrifícios antes de apagar o fogo na região, porque

⁸³ Segundo Heródoto, os Coríntios não participaram na batalha de Plateias, mas Plutarco no tratado *Da malícia de Heródoto* 873A duvida dessa opinião.

⁸⁴ Este templo é descrito por Pausânias 9.4.1-2.

tinha sido contaminado pelos Bárbaros, e de acender um fogo puro trazido do lugar comum de Delfos. 5. Assim, os chefes dos Gregos, percorrendo o território, obrigavam de imediato a apagar todos os fogos a quem os utilizavam, e um plateiense, Euquidas, depois de se apresentar para aceitar trazer o mais rapidamente o fogo do deus, dirigiu-se para Delfos; purificando o corpo e após se lavar coroou-se com loureiro, e tomando o fogo do altar, de novo regressou a Plateias a correr e lá chegou antes de o sol se pôr, completando no mesmo dia mil estádios. 6. Mal saudou os cidadãos e entregou o fogo, de imediato caiu e de forma breve expirou. Os Plateienses, como sinal de admiração por ele, sepultaram-no no templo de Ártemis Eucleia, gravando o seguinte tetrâmetro:

Euquidas após correr para Pito regressou no mesmo dia.

7. A Ártemis, muitos chamam e consideram Eucleia, mas alguns dizem que foi filha de Héracles e Mirto, filha de Menécio⁸⁵, irmã de Pátroclo, que morreu virgem e recebe honrarias junto de Beócios e Lócrios. 8. Na verdade, erigiram um altar para ela e uma estátua em todas as ágoras, e as noivas e os noivos prestam-lhe culto antes do casamento.

21. 1. Após estes acontecimentos, Aristides, na assembleia comum dos Gregos⁸⁶, propôs como decreto que se reunissem, a cada ano, em Plateias, os delegados e os embaixadores dos Gregos, e que se celebrasse a cada cinco anos o concurso dos Eleutérios; 2. que houvesse um exército grego de dez mil hoplitas, mil cavaleiros e cem naus para a guerra contra os

⁸⁵ Um dos Argonautas.

⁸⁶ Heródoto não faz referência a esta assembleia. Tucídides (2.71.2-4) atribui papel relevante a Pausânias e não a Aristides.

Bárbaros, que os Plateienses permanecessem invioláveis e sagrados, fazendo sacrifícios ao deus em favor da Grécia. Aprovadas estas propostas, os Plateienses comprometeram-se a oferecer sacrifícios a cada ano em honra dos Gregos que pereceram e ali jazem. 3. E ainda agora fazem isso da seguinte maneira. Durante o mês de Memactérion⁸⁷, que, para os Beócios, é Alalcoménio, enviam uma procissão no dia dezasseis, que é precedida pelo toque de uma trompeta, que ao nascer do dia dá o sinal de guerra; e seguem-na carros repletos de mirto e coroas, um touro negro e uns rapazes de condição livre que levam ânforas com libações de vinho e leite, e cântaros de azeite e perfume. 4. Pois, não é permitido a nenhum escravo participar naquela cerimónia, devido aos homens que morreram pela liberdade. Depois de todos vem o arconte dos Plateienses (ao qual durante o resto do tempo não é permitido tocar o ferro, nem levar outro vestido a não ser que seja branco), que veste nesta ocasião uma túnica cor de púrpura e, munido de uma espada, avança para os sepulcros pelo meio da cidade com uma urna do depósito do arquivo. 5. De seguida, após tomar água da fonte, ele próprio lava as estelas, unge-as com perfume e, sacrificando o touro sobre a pira e exortando a Zeus e a Hermes Ctónio, convida os melhores homens que morreram pela Grécia para o jantar e para a libação de sangue. 6. A seguir, misturando vinho numa cratera e derramando-o, exclama: “Brindo pelos homens que morreram em prol da liberdade dos Gregos”. Com efeito, ainda agora os Plateienses preservam estes ritos.

22. 1. Quando os Atenienses voltaram à cidade, Aristides viu que desejavam retomar a democracia⁸⁸, e julgando, por

⁸⁷ Trata-se do mês de Novembro.

⁸⁸ Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 23.

um lado, que o povo era digno de cuidado pela sua coragem, e, por outro, que não era fácil contê-lo por ter a força das armas e o orgulho das vitórias, propôs como decreto que a atividade política fosse comum a todos e que os arcontes fossem eleitos entre todos os Atenienses⁸⁹. 2. Ao declarar Temístocles perante o povo que tinha uma resolução e uma proposta que não deviam tornar-se públicas, mas que eram proveitosas e úteis para a cidade, ordenaram que apenas Aristides as ouvisse e examinasse com ele⁹⁰. 3. Tendo Temístocles revelado a Aristides que projetava incendiar o ancoradouro dos Gregos, e, dessa forma, tornar os Atenienses os mais poderosos e os soberanos de todos, Aristides, aproximando-se da assembleia do povo, afirmou não existir ação mais útil nem mais injusta que aquela que Temístocles projetava empreender. 4. Depois de ouvirem estas palavras, os Atenienses ordenaram a Temístocles que abandonasse o plano. Tal era, sem dúvida, o amor do povo pela justiça e tal a credibilidade e a segurança que o povo tinha neste homem⁹¹.

23. 1. Quando foi enviado para a guerra como estrategista, junto de Címon, Aristides viu que Pausânias e os outros chefes espartanos eram insuportáveis e hostis para os aliados; então, com a doçura e humanidade que punha no relacionamento, com a companhia de Címon, sendo harmonioso com eles e imparcial nas ações militares, Aristides apoderou-se do

⁸⁹ Cf. Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 26; parece pouco provável que fosse de entre todos os cidadãos, mas de entre aqueles que pertenciam às duas classes sociais mais altas, os *pentacosiomédimos* e os cavaleiros.

⁹⁰ *Aristides* 22.3-4; em *Flaminino* 11.4, Plutarco afirma que a coragem (*andreia*) e a prudência (*phronesis*) são muito importantes, mas que ser justo é o melhor bem.

⁹¹ Plutarco escreve o mesmo na biografia de Temístocles (20.1-2).

comando, que tirou aos Lacedemónios, não por meio das armas, dos navios e dos cavalos, mas de forma benevolente e diplomática⁹². 2. De facto, sendo os Atenienses amados pelos Gregos por causa da justiça de Aristides e moderação de Címon, a ganância e o carácter severo de Pausânias ainda os tornou mais desejados. Pois, Pausânias relacionava-se sempre com os chefes dos aliados com cólera e de forma rude, e castigou muitos deles com golpes ou colocando-lhes uma âncora de ferro obrigava-os a ficar de pé durante todo o dia. 3. Não era permitido a ninguém apanhar palha, nem feno, nem se aproximar de uma fonte para prover-se de água antes dos Espartanos, mas os serventes afastavam com açoites os que se acercavam. Numa ocasião, ao querer Aristides repreender e instruir estas coisas, Pausânias, apresentando-se em pessoa, disse que não tinha tempo e não o ouviu. 4. A partir disto, os almirantes e generais dos Gregos aproximaram-se, sobretudo os de Quios, Samos e Lesbos, e tentaram convencer Aristides a que recebesse outra vez o comando e atraísse para si os aliados, que há muito tempo desejavam afastar-se dos Espartanos e passar para o lado dos Atenienses⁹³. 5. Aristides respondeu que percebia a necessidade e a justiça das suas razões, mas que se requeria uma ação que, obtendo a confiança, não deixasse de novo a maioria mudar de opinião. Então, conjurados Ulíades de Samos e Antágoras de Quios, assaltaram, perto de Bizâncio, a trirreme de Pausânias, que se tinha feito ao mar antes, tomando-a pelo meio. 6. Ao aperceber-se da manobra, Pausânias ergueu-se e ameaçou encolerizado que, em pouco tempo, demonstraria que os homens não tinham atacado a sua nau, mas a sua própria

⁹² Semelhante afirmação surge na biografia de Címon (6.2).

⁹³ Cf. Tucídides 1.95-96 e Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 23.2-4.

pátria; ordenaram-lhe, então, que partisse e agradecesse à Fortuna que o acompanhou na batalha em Plateias. Na verdade, por ainda sentirem os Gregos respeito perante aquela é que não lhe aplicavam um justo castigo. Por fim, depois de desertarem, passaram para o lado dos Atenienses. 7. Então, também a grandeza admirável de Esparta brilhou, porque ao se aperceberem de que os seus chefes estavam a ser corrompidos pela grandeza do poder, renunciaram voluntariamente à hegemonia e cessaram o envio de chefes para o combate, preferindo ter cidadãos prudentes e que permanecessem fiéis aos costumes a ter o governo sobre toda a Grécia⁹⁴.

24. 1. Os Gregos pagavam um certo tributo para a guerra enquanto a hegemonia pertencia aos Lacedemónios, mas, por quererem que se determinasse também um que fosse equitativo para cada cidade, solicitaram entre os Atenienses a mediação de Aristides e incumbiram-no de examinar o território e os recursos para depois fixar o tributo de cada um, de acordo com o seu valor e poder⁹⁵. 2. Embora tivesse sido detentor de um poder tão grande, e, por assim dizer, a Grécia ter depositado apenas nele todos os assuntos, abandonou o cargo pobre, inclusive mais pobre do que quando o assumiu. A forma como elaborou o registo dos bens foi não só clara e justa, como também conciliadora e coerente com todos. 3. De facto, tal como os antigos celebravam como era a vida no tempo de Cronos⁹⁶, assim também os aliados dos Atenienses celebravam o ‘tributo de Aristides’, chamando-o de boa

⁹⁴ Cf. Tucídides 1.95; Plutarco afirma o contrário de Aristóteles (*Constituição dos Atenienses* 23.2).

⁹⁵ Sobre a formação da Simaquia Ático-délica, vide Tucídides 1.96-99 e Aristóteles, *Constituição dos Atenienses* 23.4-5.

⁹⁶ O texto refere-se, sem dúvida, à idade do ouro (cf. Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 110 ss.).

sorte da Grécia, e mais quando em não muito tempo se duplicou e, mais tarde, se triplicou. 4. Com efeito, o que Aristides determinou foi uma quantidade de quatrocentos e sessenta talentos⁹⁷. Péricles juntou a isso quase uma terça parte, pois Tucídides⁹⁸ afirma que, quando começou a guerra, chegavam da parte dos aliados seiscentos talentos aos Atenienses. 5. Quando Péricles morreu, os demagogos, aumentando-o, atingiriam pouco a pouco um capital de mil e trezentos talentos, não tanto porque a guerra se tornou dispendiosa e com muitos custos por causa da sua duração e vicissitudes, como por terem aliciado o povo a partilhar o dinheiro, os gastos com as representações teatrais e as construções de estátuas e santuários⁹⁹. 6. Assim, usufruindo Aristides de um grande e admirável nome por causa da distribuição dos tributos, Temístocles, com gozo, disse que o elogio não era próprio de um homem, mas de um saco para guardar ouro, vingando-se, assim, de forma desigual da franqueza de Aristides. 7. De facto, quando numa ocasião Temístocles afirmou que a maior virtude de um general era conhecer e prever as estratégias dos inimigos, Aristides respondeu: “Temístocles, essas coisas são necessárias, mas o que é verdadeiramente belo e próprio de um general é ter o controlo das mãos”¹⁰⁰.

25. 1. Aristides fez jurar os Gregos e jurou pelos Atenienses, e depois das preces lançou para o mar pedaços de

⁹⁷ A mesma quantidade é referida por Tucídides 1.96 e Cornélio Nepos, *Aristides* 3.1.

⁹⁸ Cf. 2.13.

⁹⁹ Plutarco, na biografia de Péricles (12.1-4), afirma que foi Péricles quem deu início ao uso dos tributos dos aliados para a construção de obras públicas em Atenas.

¹⁰⁰ Em *Temístocles* 4.3, Plutarco também alude à tendência de Temístocles para se aproveitar dos bens públicos.

ferro incandescentes¹⁰¹. Quando mais tarde as circunstâncias obrigaram a governar, ao que parece, com mais firmeza, ele mandou que os Atenienses atirassem para as suas costas o perjúrio e que tratassem dos assuntos de forma conveniente. 2. Em resumo, Teofrasto¹⁰² afirma que este homem em assuntos da sua vida pessoal e com os cidadãos foi extremamente justo, e que nos assuntos públicos agiu muitas vezes de acordo com os princípios da pátria, o que exigia com frequência a injustiça¹⁰³. 3. De facto, contam que quando se decidiram, por proposta dos Sâmios, trasladar de Delos para Atenas as riquezas, contra os tratados, aquele disse que isso não era justo, mas conveniente¹⁰⁴. E, por fim, apesar de ter conduzido a cidade a governar sobre tantos homens, ele permaneceu na pobreza e continuou a amar a glória, mesmo sendo pobre, não menos que aquela que advinha dos troféus. 4. Isto pode ser demonstrado pelo seguinte. Cálías, o portador do archote, era seu parente. Os seus inimigos, pedindo para ele a pena de morte, depois de o acusarem com moderação de acordo com aquilo de que o tinham acusado, expuseram perante os juízes uma outra razão diferente da causa: 5. “Sabeis que Aristides, filho de Lisímaco, é motivo de admiração entre os Gregos. Que bens julgais que tem em casa, quando o vedes subir à tribuna perante o público com tal túnica corroída? Por acaso não vos parece que quem passa frio à vista de todos deve também passar fome em casa e carecer das outras coisas necessárias? 6. Sem dúvida, Cálías,

¹⁰¹ Semelhante ritual é descrito em Heródoto 1.165.

¹⁰² Cf. fr. 136 W.

¹⁰³ Cf. 13.1-3.

¹⁰⁴ Note-se que o traslado do tesouro se deu em 454 a. C., por ordem de Péricles, quando Aristides já tinha morrido.

o mais rico dos Atenenses¹⁰⁵, seu primo, olhava com indiferença para a necessidade dos filhos e da mulher de Aristides, embora ele tenha usado muito esse homem e tirado partido muitas vezes do poder que ele tem junto de vós”. 7. Ao ver que por causa disso a maior parte dos juízes manifestava o seu descontentamento e estava irritado contra ele, Cálias chamou Aristides para lhe pedir que testemunhasse perante os juízes como muitas vezes lhe deu muitas coisas e, apesar de lhe pedir que aceitasse, não quis Aristides, respondendo que era mais conveniente para ele ter orgulho na sua pobreza do que a Cálias na sua riqueza. 8. De facto, é possível ver muitos que usam bem e com proveito o dinheiro, mas não é fácil encontrar quem suporte a fome com nobreza. Com efeito, envergonham-se da pobreza os que são, involuntariamente, pobres. Quando Aristides testemunhou estas coisas a favor de Cálias, não houve nenhum dos que o ouviram que não saísse a desejar mais ser pobre como Aristides do que rico como Cálias. 9. Estas coisas foram, desta forma, registadas por Ésquines, o socrático¹⁰⁶. Platão¹⁰⁷, pela sua parte, declara que, de entre os homens de grande fama e renome em Atenas, apenas Aristides era digno de ser referido. Pois, Temístocles, Címon e Péricles encheram a cidade de pórticos, riquezas e muita charlatania, enquanto Aristides conduziu a sua política para a virtude. 10. Deu também grandes sinais de equidade na sua relação com Temístocles. Pois apesar de o tratar como inimigo em quase todo o percurso político e de ter sido ostracizado por culpa

¹⁰⁵ Lísias, *Sobre os bens de Aristófanes* 48, refere que ele teria uma riqueza avaliada em cerca de duzentos talentos.

¹⁰⁶ Cf. fr. 136 W. Ésquines foi discípulo de Sócrates e autor de vários diálogos (*Alcibiades*, *Cálias* ou *Milcíades*, entre outros).

¹⁰⁷ Cf. *Górgias* 519a e 526b.

dele, quando Temístocles se submeteu ao mesmo processo que ele ao ser acusado perante a cidade¹⁰⁸, não pensou vingar-se, mas, enquanto Alcmeón, Címon e muitos outros o maltrataram e acusaram, só Aristides não lhe fez nem lhe disse nada de vil, nem se aproveitou da desgraça do inimigo. Da mesma maneira que não o invejou antes quando vivia dias prósperos.

26. 1. Uns dizem que Aristides morreu¹⁰⁹ no Ponto ao fazer uma navegação numa missão para tratar de assuntos públicos, outros que foi em Atenas por causa da velhice, com honra e admiração por parte dos cidadãos. Cratero da Macedónia¹¹⁰, por sua vez, disse as seguintes coisas sobre a morte deste homem. 2. Assim, conta que, após o desterro de Temístocles, o povo se encheu de insolência e apareceu um grande número de sicofantas, que, acusando os melhores e os mais poderosos homens, inspiraram o ódio de muitos, exaltados com a sua prosperidade e poder. 3. Entre estes, também Aristides foi condenado por corrupção, acusando-o Diofanto de Anfítrope de ter recebido dinheiro dos Jónios por altura do pagamento dos tributos. Aristides como não tinha dinheiro para pagar a multa de cinquenta minas, embarcou e morreu na Jónia. 4. Sobre isto, Cratero não apresentou nada escrito como prova, nem um processo judicial, nem um decreto, ainda que estivesse acostumado a referir de forma correta tais documentos e a citar os que servem de fonte. 5. Todos os outros, ao tratarem as faltas cometidas pelo povo contra os generais, abordam-nas em

¹⁰⁸ Temístocles foi condenado ao ostracismo em 471 ou 470 a.C. e já se encontrava em Argos quando foi condenado por alta traição, por causa do seu filomedismo; (cf. Tucídides 1.128-135); em *Temístocles* 24.6, Plutarco refere que Leobotes foi um dos acusadores e não Alcmeón.

¹⁰⁹ Aristides terá morrido cerca do ano 467 a. C.

¹¹⁰ *FGrH* 342 F 12. Não se sabe se este é o filho de Cratero, diádoco de Alexandre Magno.

conjunto, mencionando o desterro de Temístocles, a prisão de Milcíades, a multa de Péricles e a morte de Paques em tribunal, que se suicidou sobre a tribuna ao ser condenado, mas de Aristides relatam somente o ostracismo e em nenhuma parte referem tal condenação.

27. 1. E note-se que o sepulcro dele está exposto em Falero e que, segundo dizem, foi a cidade que o construiu para ele, pois Aristides nada deixou para a cerimónia fúnebre. 2. Contam que as filhas dele foram dadas em esposais graças ao Pritaneu, pois a cidade financiou com bens públicos o casamento, ao decretar que se desse três mil dracmas, a título gratuito, para cada uma delas. Ao filho Lisímaco o povo deu cem minas de prata e igual número de plectros em terra cultivada¹¹¹, e consignou-lhe outras quatro dracmas ao dia, por decreto de Alcibiádes¹¹². 3. Depois, Lisímaco ao morrer deixou uma filha de nome Polícrite, para a qual, como refere Calístenes¹¹³, o povo decretou um alimento igual ao dos vencedores olímpicos. Demétrio de Falero¹¹⁴, Jerónimo de Rodes¹¹⁵, o músico Aristóxeno¹¹⁶ e Aristóteles¹¹⁷ — se é que se pode considerar o pequeno livro *Sobre a nobreza*¹¹⁸ como uma obra autêntica de Aristóteles — contam que Mirto, neta de Aristides, viveu com o sábio Sócrates, que já tinha uma mulher, mas acolheu-a, por ela estar desamparada pela sua pobreza e

¹¹¹ Cem plectros correspondem a cerca de nove hectares.

¹¹² Trata-se do avô do famoso Alcibiádes.

¹¹³ Cf. *FGrH* 124 F 48. Filósofo e historiador que acompanhou Alexandre Magno na sua expedição pelo Oriente.

¹¹⁴ Cf. *FGrH* 228 F 45.

¹¹⁵ Peripatético que se dedicou, sobretudo, à história da literatura.

¹¹⁶ Cf. fr. 58 W. Peripatético que ficou conhecido pelas suas biografias e tratados dedicados à música.

¹¹⁷ Cf. fr. 84.

¹¹⁸ Esta obra não chegou até nós.

carecer dos bens essenciais. 4. De qualquer forma, a todos estes autores, Panécio opôs-se com suficientes argumentos nos escritos sobre Sócrates¹¹⁹. Demétrio de Falero, por sua vez, diz, no *Sócrates*, que se recorda de um Lisímaco, homem bem pobre, neto materno de Aristides, que, sentado junto ao santuário a que chamam de Íaco, ganhava a vida com uma tabuinha que servia para interpretar sonhos. 5. Depois de propor um decreto a favor da mãe e da irmã desta, persuadiu o povo a dar-lhes uma pensão de três óbolos por dia. O próprio Demétrio afirma que, enquanto legislador, fixou um dracma, em vez de três óbolos, para cada uma das mulheres. 6. E não é nenhuma admiração que o povo se preocupasse desta forma com os que viviam na cidade, pois, quando souberam que a neta de Aristogítion¹²⁰ vivia de forma humilde em Lemnos, sem encontrar marido por causa da sua pobreza, fizeram-na voltar a Atenas, e, após casá-la com um homem de boa família, deram-lhe como dote um terreno em Pótamo. 7. Por dar ainda nos nossos dias muitos exemplos dessa humanidade e generosidade, a cidade é, com justiça, admirada e invejada.

¹¹⁹ Cf. fr. 132 v. Str.

¹²⁰ Autor do assassinato do tirano Hiparco, em 514 a. C. (cf. Tucídides 1.20 e 6.53-57).

INTRODUÇÃO À VIDA DE CATÃO CENSOR

Catão Censor (Marcus Porcius Cato)¹, o “Demóstenes romano”², protagonizou uma atividade política extremamente preenchida, na Hispânia, na Segunda Guerra Púnica ou na Batalha das Termópilas (191 a. C.), tendo sido tribuno militar (214 a. C.), questor (204), edil (199), pretor (198), cônsul (195)³ e censor (184), as magistraturas do *cursus honorum*⁴. Por ter vivido 85 anos (234-149 a. C.), assistiu e participou em vários acontecimentos que ditariam o domínio do espaço mediterrâneo por Roma. Apesar disso, a sua biografia, como já foi realçado, concentra-se na análise ética, em particular na qualidade moral do exercício da *politeia*, abordando ainda a relação entre os tradicionais valores romanos e a *paideia* grega.

No exercício das suas funções políticos revelou uma grande capacidade de liderança, fazendo uso de uma invulgar capacidade retórica, muitas vezes mordaz, além de uma enorme probidade no uso do erário público, como testemunha a *Lex Porcia de sumptu provinciali*, em que procura eliminar gasto supérfluos.

¹ Sobre a figura de Catão, além da bibliografia que indicaremos em nota ao longo das próximas páginas, foi-nos muito útil a leitura do livro de Pimentel (1997).

² *Catão Censor* 4.1.

³ Depois de cônsul, serviu novamente como tribuno militar por sua vontade (cf. *Catão Censor* 12.1).

⁴ Cf. *Catão Censor* 3.3: Plutarco faz referência ao *cursus honorum* e como Catão Censor partilhou com Valério Flaco as mais elevadas magistraturas.

Catão⁵ era um homem conservador e conhecido por, numa época em que Roma começava a estabelecer o seu poder imperial, tentar defender os valores e os costumes ancestrais dos Romanos. A biografia de Plutarco oferece-nos vários elementos sobre a sua *paideia* e a relação que manteve com a cultura grega. Plutarco refere-se a Nearco, um pitagórico, que participou na formação inicial de Catão e que foi, por intermédio daquele que tomou conhecimento de alguns princípios platónicos sobre a alma. Essas lições terão ajudado a consolidar duas características fundamentais do carácter de Catão: a frugalidade e o autocontrolo. Muito importante ainda, é a referência à educação tardia na *paideia hellenike* e na língua de Homero, em especial os ensinamentos retóricos tirados de Tucídides e Demóstenes, particularmente deste, sendo a obra de Catão uma prova de que em muitas situações adotou as expressões gregas⁶. Prova disso são os vários testemunhos sobre o conhecimento que Catão Censor teria da cultura grega que são descritos ao longo da biografia⁷. Além da sua capacidade oratória, Catão, ainda que mantendo reservas em relação à influência helénica⁸ e privilegiando, como Mário, Sula e Crasso, os valores tradicionais dos Romanos revela conhecimentos da história e da cultura grega, quando alude a Epaminondas, Péricles e Temístocles ou quando compara a atitude de Políbio — o conhecido historiador grego que fazia parte do conjunto de reféns entregues a Roma após a derrota de Pidna, e que viveu durante dezassete anos em Roma, integrando o círculo dos Cipíões — com a de Ulisses, no famoso

⁵ Cf. *Catão Censor* 1.3.

⁶ Cf. *Catão Censor* 12.5-7.

⁷ Cf. *Catão Censor* 4.1, 8.14 e 9.3.

⁸ Sobre Catão e o helenismo, vide Gruen (1995) 52-83.

episódio homérico do Ciclope. No entanto, Catão, um καὶνὸς ἄνθρωπος (em latim, *homo nouus*)⁹, é mais conhecido pelas atitudes que toma em prol dos valores romanos.

Plutarco relata-nos o episódio da embaixada de filósofos que chega a Roma¹⁰, no ano 155, entre os quais se encontravam o neoplatónico Carnéades e o estoico Diógenes. Os jovens romanos, seduzidos pelas suas palavras, acorrem em massa aos seus discursos, em especial aos de Carnéades. De tal forma que os jovens se entusiasmaram pela filosofia, deixando de parte outras paixões, ao mesmo tempo que outros Romanos também se sentiram atraídos com os ensinamentos desses filósofos e surpreendidos com o efeito que provocaram nos jovens. Precisamente por temer os efeitos da embaixada, Catão decide afastar os filósofos da cidade.¹¹ Teria Catão tomado esta atitude por causa de Carnéades? Plutarco, apoiando-se em fontes que não especifica, diz-nos que não.¹² Não seria, então, nada de pessoal contra Carnéades, mas resultava da atitude anti-helénica, ou melhor, romanocêntrica de Catão, tema que Plutarco não deixa de aproveitar na biografia, tal como o patriotismo havia sido uma característica muito explorada na figura de Aristides.

Quanto à oposição de Catão Censor em relação à *paideia hellenike*¹³, que tinha seguidores na República¹⁴, por ser contra a influência dos Gregos nos costumes e nas artes romanas, fez com que procurasse evitar o contacto do seu filho com as

⁹ Cf. *Catão Censor* 1.2.

¹⁰ Cf. *Catão Censor* 22.

¹¹ Cf. *Catão Censor* 22.4-7

¹² Cf. *Catão Censor* 23.1.

¹³ Cf. *Catão Censor* 23.1-6.

¹⁴ Sobre o filo-helenismo na República e os seus opositores, vide Gruen (1986r) 260-266.

matérias helênicas, exercendo ele próprio a função de educador, até porque considerava a educação grega um entrave e motivo de desconcentração para os grandes objetivos romanos. Essa posição defensora da romanidade, a qual não aceita a helenização da cultura romana, vai ao ponto de Catão preferir as suas receitas caseiras, em detrimento de médicos gregos, para curar o filho e a mulher. Por isso, refere Plutarco, Catão terá perdido, por influência divina, o filho e a mulher¹⁵.

Para Catão, prevalece a defesa dos costumes autóctones, pois a sedução pelo helênico desviará Roma da obtenção de grandes vitórias. Assim, diríamos que a posição de Catão em face dos Gregos é uma “estratégia cultural”¹⁶, pois ele é acima de tudo um defensor da cultura romana e não um inimigo da Grécia. Por isso, critica aqueles que, como A. Postúmio Albino, um filo-helênico, imitando Fábio Pictor e Cíncio Alimento, escrevem uma história de Roma em língua grega.

Recorrendo certamente a diversas fontes para definir as principais características do *ethos* de Catão, Plutarco entende, também, ser oportuno introduzir a sua própria interpretação da atitude evidenciada pelo Romano: os factos provam que Roma se tornou grande na medida em que passou a conhecer a *paideia hellenike*, posição natural num heleno culto como o Queronense. Esta posição, em parte contida no tratado *Sobre a fortuna dos Romanos*, surge aqui expressa de forma direta e ganha ainda maior evidência por ser proferida na biografia de um Romano que olha para os valores helênicos como uma ameaça. Adianta, ainda, que Catão desprezava a filosofia grega e que desconfiava dos Gregos que exerciam a medicina em Roma, pois, da mesma maneira que Hipócrates se havia recusado a dar

¹⁵ Cf. *Catão Censor* 24.1.

¹⁶ Expressão de Gruen (1995) 80.

apoio ao rei Persa por ele ser um bárbaro inimigo, também os Romanos, que para alguns Gregos não passavam de bárbaros, não poderiam confiar nos médicos gregos. Por conseguinte, o próprio Catão, sem dúvida um homem com engenho e cultura, terá escrito um tratado de medicina para uso doméstico, que incluía dietas à base de legumes e pequenos bocados de carnes magras, regime que garantiu a Catão uma longa vida, embora, com alguma ironia, nos diga Plutarco que, por castigo divino, a sua mulher e o filho, mesmo com esse regime, morreram.

Talvez por querer demonstrar os efeitos da atitude anti-*paideia* helénica de Catão, Plutarco aborda o tratamento pouco humano que Catão dava aos escravos, do mesmo modo que o seu casamento, no final da vida, com uma jovem escrava, cujo nome não é mencionado, é revelador de falta de moderação¹⁷. Se a cultura pode ser um elemento determinante na ação do *ethos*, como várias biografias o atestam, também não deixa de ser verdade que uma educação correta não garante que o homem deixe de cometer erros. O que parece evidente é que a *paideia* não diz respeito a um momento pontual, mas é um processo contínuo, de constante *prokope* ('progresso')¹⁸.

Como homem dedicado à sua esposa¹⁹, Licínia, e ao filho, Catão considerava que era mais digno de louvor um bom marido do que um grande senador.²⁰ Na verdade, não negli-

¹⁷ Cf. *Catão Censor* 24.1-8: na versão plutarquiana, Catão faz do seu segundo casamento quase uma manifestação patriótica, uma vez que o seu desejo é deixar mais filhos para proveito próprio e da pátria.

¹⁸ Sobre o conceito de *paideia* em Plutarco, vide Pinheiro (2013) e Xenophontos (2016).

¹⁹ Cf. *Catão Censor* 20.2.

²⁰ *Catão Censor* 20.3.

genciou a educação do seu filho²¹, procurando, também nesse processo, defendê-lo dos perigos de uma educação contrária aos genuínos valores romanos.²² Plutarco enfatiza o empenho que Catão colocou na educação do seu filho, elogiando, em paralelo, a temperança e a doçura de Sócrates, mesmo em condições tão adversas, como a de ter uma mulher complicada e filhos néscios. Deixando para segundo plano as suas tarefas políticas²³, Catão, além de acompanhar de perto momentos tão ternurentos como o banho ou a mudança de cueiros, assume a função de primeiro mestre do filho, prescindindo do escravo Quílon, por querer inculcar no filho nobres virtudes, que não estivessem sujeitas à deturpação de um escravo, ou seja, à mercê de princípios e hábitos helênicos. Chegou mesmo a escrever um livro, as *Histórias*, para transmitir os valores ancestrais dos Romanos ao filho e para que ele tivesse consciência histórica e do passado romano. No final do texto, Plutarco acaba por estabelecer uma conexão entre a *paideia* de Catão e a vida virtuosa, isto é, a *paideia* é essencial para formar o *ethos* e dotá-lo das melhores *aretai*. O costume entre pais e filhos ou sogros e genros de tomar banho sem roupa, hábito próprio dos gregos e, por isso, criticado por Catão, é um exemplo elucidativo do processo recíproco de assimilação cultural, pois os Romanos influenciaram os Gregos a fazer o mesmo com as mulheres.

²¹ Igual virtude é apontada a Licurgo, que não entregou os filhos dos espartanos a um qualquer pedagogo, encarregando-se ele próprio da sua educação. Péricles, pelo contrário, contratou um escravo, Zópiro, para ensinar Alcibíades (cf. *Licurgo* 16.3-5; *Alcibiades* 1.3).

²² *Catão Censor* 20.3-9.

²³ Atitude diferente da de Coriolano, que sempre colocou os assuntos da pátria à frente da preocupação com a mãe, a mulher e os filhos (cf. *Coriolano* 33.9).

Apesar de viver numa época em que Roma, atendendo à sua dimensão, ia assimilando hábitos de vida diversos²⁴, Catão continuava fiel aos costumes do passado, por fazer da austeridade²⁵, da recusa do supérfluo e dos prazeres e da firmeza de espírito os princípios basilares da sua vida. Por causa do seu gosto pela austeridade, Catão admirava Mânio Cúrio²⁶, facto também lembrado por Cícero²⁷. Apesar das suas vitórias sobre os Samnitas, os Sabinos e sobre Pirro, rei do Epiro, que expulsou da Itália, em 275 a. C., dedicava-se, ele próprio, ao trabalho agrícola, recusando o ouro oferecido pelos Samnitas, pois queria, sobretudo, conquistar os que possuíam ouro²⁸. Por isso, Catão dedicou-se também ao trabalho, desde cedo, até porque assim conseguia poupar nas despesas domésticas²⁹. Por influência de Valério Flaco³⁰, convencido das qualidades que ele patenteava, Catão haveria de enveredar pela vida pública. Resta-nos referir um outro paradigma de Catão: Fábio Máximo, que ajuda a delinear a sua carreira e a própria oposição a Cipião Africano³¹.

Tendo em conta este traço do carácter de Catão, Plutarco considera que no trato com os outros, se deve usar, sobretudo,

²⁴ Cf. *Catão Censor* 4.2.

²⁵ Cf. *Catão Censor* 5.1: Plutarco critica a austeridade e a rigidez de Catão; note-se que, confundindo-se com a austeridade, Catão também ficou conhecido pela sua *severitas*: em *Catão Censor* 17.7, como sinal desse seu modo de ser, Plutarco conta o episódio anedótico do momento em que Catão expulsou Manílio do Senado por este ter beijado, em plena luz do dia, a esposa na presença da sua filha.

²⁶ Cf. *Catão Censor* 2.1-3.

²⁷ Cf. *Sobre a velhice* 55.

²⁸ *Catão Censor* 2.2; Valério Máximo também conta esta história (4.3-5).

²⁹ Cf. *Catão Censor* 1.5 e 2.3.

³⁰ Cf. *Catão Censor* 3.1-4.

³¹ Cf. *Catão Censor* 3.5-6

a *philanthropia*³², podendo, por isso, as atitudes de Catão ter duas razões possíveis³³: *megalopsychia* ('grandeza de espírito') ou *mikrologia* ('mesquinhez').

Rival de Cipião³⁴, que era conhecido pelo seu filo-helelismo³⁵, Catão mostra toda a sua firmeza e objetividade pela maneira como reage à vitória e ao êxito³⁶, uma vez que, contrariamente à maioria, não se entregou aos prazeres e à ociosidade, antes pelo contrário, continuou na vida pública, procurando novos desafios para demonstrar a sua *arete*, tanto na advocacia (*synegoria*) como nas campanhas militares³⁷. Rigoroso no exercício da *politeia*, Catão manteve-se ativo até ao final da sua vida³⁸ — princípio que Plutarco elogia e defende nos tratados políticos — sabendo, por exemplo, enfrentar com “brandura e filosofia”³⁹, a morte do filho.

Por fim, saliente-se que a biografia de Catão nos permite ter uma perspetiva, por parte de um grego, da situação política e social de Roma numa fase conturbada da República. Quando reflete sobre as razões da corrupção na sociedade romana, não se aponta a luxúria e a cultura helénica como causas, mas o

³² Cf. *Catão Censor* 5.5.

³³ *Catão Censor* 5.7.

³⁴ Cf. *Catão Censor* 11.4

³⁵ Quanto ao helenismo de Cipião, vide Henrichs (1995) 250; o estudioso lembra que Xerxes, aos olhos de um grego também ele bárbaro, fez a mesma reflexão (cf. Hdt. 3.14 e 9.16); Cipião parece ter a consciência de que a vitória em Cartago será no futuro substituída pela queda do *imperium*, uma visão cíclica da vida que se encontra abundantemente na tragédia grega.

³⁶ cf. *Catão Censor* 19.6: reprova o louvor por estátuas (cf. *Conselhos políticos* 820B e E).

³⁷ *Catão Censor* 11.4.

³⁸ cf. *Catão Censor* 24.11; vide ainda *Alexandre* 40.2, quase igual a *Demóstenes* 22.3 (*alopos e praos*).

³⁹ *Catão Censor* 24.10.

ὄγκος ('orgulho') e a δύναμις ('poder', 'autoridade')⁴⁰. Como muitas vezes sucede, a escrita de Plutarco tem um objetivo didático e a lição dos problemas da República serviria também para os tempos do Império, em que Plutarco escreve, e não apenas para os governantes romanos, mas também para as elites gregas. Quanto a Catão, faltou-lhe uma maior capacidade para interpretar as mudanças que se iam instalando na sociedade, mantendo-se rigoroso e conservador nos seus princípios, ainda que nem sempre com total coerência, e preferindo atribuir à *paideia hellenike* a culpa pela deterioração moral. Na verdade, não era a cultura que estava a corromper Roma, mas a *philoploutia*, como Plutarco tão bem consegue demonstrar nesta biografia, mas cuja reflexão se iniciara já na de Aristides.

⁴⁰ *Comparação Aristides-Catão* Censor 1.3); em *Comparação Nícias-Crasso* 1.4, por sua vez, a *philoploutia* é um indicador da deficiente *paideia*.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDA DE CATÃO CENSOR

1.1. Dizem¹ que a família de Marco Catão era oriunda de Túsculo², mas tinha residência e vivência, antes das atividades militares e da política, em terras dos antepassados cerca dos Sabinos. Ao que parece os antepassados eram por completo desconhecidos, pois o próprio Catão louvava o pai Marco como bom homem e militar, e diz-se que o avô de Catão conseguiu muitas vezes prémios de valor e tendo perdido cinco cavalos de guerra nas batalhas recuperou a honra a partir do dinheiro do Estado por causa da sua valentia³. 2.⁴ Têm por costume os Romanos de chamar ‘homens novos’ os que a sua fama não é oriunda da família, mas que começam a ser conhecidos por eles próprios, assim também chamam a Catão, mas ele dizia que era novo para o comando⁵ e a fama, mas muito antigo para os feitos e méritos dos antepassados. 3.⁶ No princípio,

¹ O início desta biografia é muito semelhante ao da biografia de Catão que Cornélio Nepos escreveu.

² Cidade próxima de Roma.

³ Parece não haver dúvidas de que a família de Catão teria uma boa situação económica.

⁴ Plutarco explica que Catão é um *καινὸς ἄνθρωπος* pelo facto de a sua *doxa* não vir do *genos*, mas dos seus próprios méritos. Em Roma, o *homo nouus* era o primeiro da família a atingir as mais altas magistraturas, passando depois a fazer parte, juntamente com os seus, da *nobilitas*. Como nos conta Plutarco, para Catão atingir essas magistraturas muito contribuiu o apoio dos Valérios. Refira-se, por fim, que também Cícero e Mário foram *homines noui*.

⁵ Em grego, *arche*. Também se pode traduzir por ‘exercício político’.

⁶ Plutarco diz-nos que no princípio era chamado por Prisco, o

era chamado pelo terceiro dos nomes, que não era Catão, mas Prisco, e depois teve o sobrenome Catão pela sua autoridade⁷.

4. A sua aparência era ruiva e de olho claro, como o que fez o epigramazinho demonstrou de forma não gentil⁸:

ruivo, o que tudo morde, de olho cinzento⁹, nem morto
Perséfone aceita a Pórcio no Hades.

5. Tendo sido desde o início acostumado ao trabalho pessoal¹⁰, a um regime de vida equilibrado e à expedição militar, ele tinha uma aparência de corpo muito harmoniosa, que associava em igual medida a força e a saúde. Treinava e preparava o discurso¹¹ como um segundo corpo e um instrumento, de belezas únicas, necessário para um homem que não tinha intenção de viver de forma humilde nem sem ação¹², pois, nas aldeias e pequenas cidades vizinhas, ele defendia cada um que o solicitasse, e no princípio parecia ser um intrépido litigante, para depois ser também um retor competente. 6. Com base nisso, era evidente, para os que mais se relacionavam com ele, uma seriedade¹³ e resolução de carácter que requeriam feitos

terceiro nome, mas recebeu o sobrenome *catus*, que em latim significa habilidoso (Ῥωμαῖοι γὰρ τὸν ἔμπειρον κάτον ὀνομάζουσιν).

⁷ Em grego, *dynamis*.

⁸ Epigrama de autor desconhecido.

⁹ Cf. Platão, *Fedro* 253e.

¹⁰ Por oposição ao trabalho que recorre a escravos.

¹¹ Refere-se a ‘eloquência’.

¹² Em *Da educação das crianças* 7B também se relaciona *logos* e *soma*: “Tal como o corpo [*soma*] deve não só ser saudável, mas também forte, igualmente o discurso [*corpo*] deve não apenas estar isento de erros como ainda ser vigoroso”.

¹³ Em grego, *baros*; refere-se à *gravitas* latina, que tem também o sentido de ‘dignidade’ ou ‘seriedade’.

grandiosos e funções políticas de comando. 7. De facto, não só, segundo parece, oferecia o seu contributo livre de pagamento para os juízos e contendas, mas nem revelava desejar como algo importante a fama que lhe vinha destas contendas, querendo muito mais ter boa reputação nos combates contra inimigos e em campanhas militares; por isso, apesar de jovem, tinha o corpo cheio de feridas dos opositores. 8. Na verdade, ele próprio conta¹⁴ que, com dezassete anos, integrou, pela primeira vez, uma campanha militar, no tempo em que o afortunado Aníbal incendiava a Itália¹⁵. Nos combates, ele evidenciava a violência com as mãos, firmeza e solidez com os pés e altivez no rosto. Tratava os inimigos com um discurso arrogante e com uma voz robusta, discernindo de forma correta e provando que muitas vezes se derrubam mais os inimigos com estas coisas do que com espadas. 9. Nas caminhadas, levando ele próprio as armas, seguia a pé, um único criado acompanhava-o, carregando-lhe a provisão dos alimentos¹⁶; diz-se que com ele nunca se aborreceu, nem o censurou ao servir-lhe o pequeno almoço ou o almoço, mas que ele mesmo colaborava a maior parte das vezes e ajudava na preparação depois de realizadas as tarefas militares. 10. Nas campanhas, bebia água, exceto alguma vez que, por estar com sede, pedia vinagre¹⁷ ou, por faltar a força, tomava um pouco de mau vinho.

¹⁴ Cf. fr. 188 M.²⁹ (referência do Thesaurus Linguae Graecae, doravante TLG).

¹⁵ Segundo C. Nepos, *Catão* 1.2, foi na Batalha de Trasimeno, em 217 a. C., que Catão obteve a primeira condecoração militar, ou seja, com dezassete anos como refere Plutarco.

¹⁶ Em grego, *diaita*.

¹⁷ Água misturada com vinagre era a bebida normal para o soldado romano; em latim, o vocábulo é *posca*.

2.1. Perto das terras dele estava a herdade que pertencia a Mânio Cúrio, que triunfou por três vezes¹⁸. Caminhando repetidamente até ela e observando não só a pequenez do terreno como a simplicidade da casa, compreendeu o tipo de homem que, sendo o maior do Romanos, submetido os mais belicosos dos povos e expulsado a Pirro¹⁹ de Itália, cavava ele próprio aquele pequeno terreno e habitava naquela herdade após três triunfos. 2. Ali os embaixadores Samnitas, encontrando-o sentado junto à lareira a cozer os nabos, lhe ofereceram muito ouro. Porém, ele mandou-os embora, dizendo que em nada precisava de ouro aquele que achava suficiente aquela refeição e que para ele seguramente mais belo do que ter ouro era vencer aqueles que o tinham²⁰. 3²¹. Catão saiu dali a refletir sobre estas coisas e, observando de novo a casa, as terras, os criados²² e o modo de vida, aumentou o trabalho pessoal e eliminou a extravagância²³.

Quando Fábio Máximo²⁴ tomou a cidade de Tarento²⁵, Catão, ainda um jovem, servia em campanha ao seu cuidado;

¹⁸ Mânio Cúrio venceu os Samnitas e os Sabinos, em 290 a. C., e Pirro, no ano 275 a. C.; foi cônsul em 290, 275 e 274 a. C.

¹⁹ Rei do Epiro e primo de Alexandre Magno. Com a derrota, em 275 a. C., regressou ao Epiro.

²⁰ Valério Máximo também conta esta história (4.3-5); em Cícero, *Sobre a velhice* 16.55, Catão diz o mesmo.

²¹ Plutarco tece algumas considerações, um pouco vagas, sobre a *paideia* de Catão, associando-a a valores morais.

²² Refere-se quase de certeza a escravos.

²³ Em grego, *poluteleia* (por oposição a *euteleia* ou a *litos* (cf. 2.1)).

²⁴ Cf. 3.4; em *Conselhos Políticos* 805E, Plutarco explica que ambos cresceram junto de homens célebres e experientes, Aristides junto de Clístenes e Catão de Máximo.

²⁵ Aníbal perdeu a cidade de Tarento para Fábio Máximo em 209.

aí encontrou-se com Nearco²⁶, um estrangeiro da escola dos Pitagóricos, e apressou-se diligentemente a participar nas suas lições. 4. Ao ouvir este homem falar de temas sobre os quais também Platão²⁷ se debruçou, filósofo que considerava o prazer a maior atração do mal e o corpo a primeira desgraça para a alma, cuja libertação e purificação por meio da reflexão mais isola e afasta a alma dos sofrimentos do corpo, Catão preferiu, sobretudo, a simplicidade e a moderação. 5. De resto, conta-se que começou tarde a estudar a cultura grega²⁸, pois já tinha uma idade muito avançada quando pegou nos livros em língua grega, e que tirou proveito para o estudo da retórica um pouco de Tucídides e mais de Demóstenes. 6. Contudo, as suas composições estão, de forma equilibrada, adornadas com variados princípios e histórias dos Gregos, e nos apotegmas²⁹ e nas sentenças aproxima-se em muito da tradução da expressão grega.

3.1. Havia um patrício³⁰, um dos Romanos mais importantes e poderosos, extraordinário como se vislumbrava o aparecimento da virtude, com boa disposição a apoiá-lo e a levá-lo para a fama: Valério Flaco³¹. 2. Este tinha terras que

²⁶ Este encontro com Nearco, quando Catão e Fábio Máximo estava, próximos, apenas é referida por Cícero, *Sobre a velhice* 4.10 e 12.39. Isto poderá indicar que Plutarco usou como fonte Cícero, mesmo que de forma indireta.

²⁷ Cf. *Timeu* 69d.

²⁸ “litteras Graecas senex didici” (Cícero, *Sobre a velhice* 8.2); Cícero procura enfatizar a familiaridade de Catão com a cultura helénica, citando vários autores gregos ao longo do tratado *Sobre a velhice* (Homero, Hesíodo, Semónides, Sófocles, Sólon e Platão, entre outros).

²⁹ Cícero, *Sobre os deveres* 1.29, refere que Catão foi autor de uma coleção de *Apotegmas*; cf. Plutarco, *Apotegmas de reis e imperadores* 198D-199F.

³⁰ Em grego, *eupatrides*; cf. Plutarco, *Publicola* 18 e *Fábio Máximo* 16.

³¹ Em 195 a. C., acompanhou Catão no consulado.

tocavam as de Catão, ao ficar a saber pelos seus criados o trabalho pessoal e o estilo de vida dele, admirou-se ao relatarem-lhe que logo ao nascer do dia ia para o Fórum e disponibilizava-se para os que estavam necessitados; depois, regressava ao seu terreno, envergando uma túnica sem mangas³² no Inverno e trabalhando durante o Verão nu, junto dos criados, e sentado com eles comia o mesmo pão e bebia o mesmo vinho; também se admirou ao recordarem muitas outras provas da sua bondade³³, moderação e alguns discursos sentenciosos³⁴; por isso, mandou convidá-lo para jantar³⁵. 3. A partir daqui, [Valério Flaco] passou a relacionar-se com ele e percebeu o seu carácter distinto e refinado, que, como uma planta, necessitava de tratamento e de terra com qualidade; por isso, impeliu-o e persuadiu-o a entrar em contacto com a política em Roma. Assim, tendo descido à cidade, ele próprio de imediato conseguiu admiradores e amigos por causa das ações como advogado, e, tendo Valério lhe conferido muita honra e poder, atingiu em primeiro lugar o cargo de tribuno militar³⁶ e depois de questor³⁷. 4. A partir dessa altura, sendo já muito conhecido e com notabilidade, concorreu às mais importantes magistraturas com o próprio Valério, e com ele foi cônsul³⁸ e, depois, censor³⁹.

De entre os cidadãos mais velhos, juntou-se a Fábio Máximo, que gozava de grande reputação e tinha grande

³² Em grego, *exomis*; cf. A. Gélio 6(7).12.3.

³³ Em grego, *epieikeia*; *clementia*, em latim.

³⁴ Refere-se aos conhecidos apotegmas de Catão; cf. 2.6.

³⁵ Em grego, *deipnos*.

³⁶ Em grego, *chiliarchia*; *tribunus militum*, em latim.

³⁷ Plutarco usa o verbo *tamieuo* ('ser ou tornar-se questor') e não o substantivo *tamia*; em latim, *quaestor*; Cf. Plutarco, *Numa* 9.

³⁸ Em grego, *hypatos*; *consul*, em latim.

³⁹ Em grego, *timetes*; *censor*, em latim.

poder, mas preferindo sobretudo o seu modo e estilo de vida, como os mais belos exemplos. 5. Por isso, sem problema se assumiu como adversário do grande Cipião⁴⁰, que, embora na altura fosse ainda jovem, se opunha ao poder de Fábio e parecia ter inveja dele. Porém, tendo sido enviado como questor para a guerra na Líbia, como via o homem a aproveitar a habitual extravagância e a gastar lascivamente o dinheiro em armas, [Catão] falava abertamente com ele, dizendo que o mais importante não era o dinheiro gasto, mas que assim destruía a simplicidade ancestral dos soldados, ao se voltarem para prazeres e luxos que são superiores à necessidade. 6. Ao responder Cipião que, por levar as velas cheias⁴¹ para a guerra, em nada tinha necessidade de um questor tão rigoroso, pois devia dar uma palavra à cidade pelas ações e não pelo dinheiro gasto, Catão partiu para a Sicília e, com Fábio, apregoando no Senado⁴² o incalculável dinheiro gasto por Cipião e o passar tempo de forma pueril em palestras e teatros, como se não fosse um comandante militar, mas um participante em festivais públicos; Catão conseguiu obter que fossem enviados tribunos da plebe⁴³ para o conduzirem a Roma, se porventura as denúncias fossem verdadeiras. 7. Então, Cipião, exibindo a vitória na preparação da guerra e mostrando que era agradável com os amigos nos tempos livres, mas de modo algum era frívolo em relação às coisas sérias e importantes para a humanidade do estilo de vida, saiu por mar para a guerra.

⁴⁰ Refere-se a Públio Cornélio Cipião Africano Maior.

⁴¹ ou ‘velas a toda a velocidade’.

⁴² Em grego, *synedrion*; *senatus*, em latim.

⁴³ Em grego, *demarchos*; *tribunus plebis*, em latim; Cf. Plutarco, *Coriolano* 7.

4.1. Aumentou muito a força de Catão graças à sua eloquência, e muitos chamavam-lhe ‘Demóstenes romano’⁴⁴, porém, o seu estilo de vida era o facto mais nomeado e célebre. 2.⁴⁵ A sua intensidade a falar abria já para os jovens uma disputa comum e muito desejada, mas submetendo-se ao ancestral trabalho pessoal, recebendo com alegria uma refeição frugal, um pequeno-almoço frio, uma toga⁴⁶ simples, uma casa plebeia e admirando não necessitar mais de coisas supérfluas do que as possuir, era algo raro; já então, não se conservando a pureza da política⁴⁷ por causa da sua grandeza, mas por ter poder em muitos assuntos e seres humanos, misturando os hábitos de muitos e recebendo, de todas as partes, exemplos de estilos de vida. 3. Por isso, era com razão que [os Romanos] admiravam Catão, pois viam os outros quebrarem perante as fadigas e tornarem-se doces com os prazeres, enquanto ele, pelo contrário, era invencível perante ambos, não só durante o tempo em que ainda era jovem e ambicioso, mas também quando já era muito velho, após o consulado e o triunfo, como um atleta que atinge a vitória e se mantém firme na ordem do seu exercício e permanece sempre igual até ao fim⁴⁸.

⁴⁴ Cf. Apiano, *Ibéria* 39.

⁴⁵ Sobre a degeneração do poder, vide também *Péricles* 15.1-2; em *Címon* 17.9 e *Gracos* 20.1, há referências a conflitos políticos moderados e, em *Péricles* 11.2-3, *Alcibiades* 13.5, *Nícias* 6.1, *Fócion* 34.6 e *Marcelo* 35.1, a lutas mais intensas.

⁴⁶ Em grego, *esthes*; *toga*, em latim.

⁴⁷ Refere-se à República.

⁴⁸ A emulação de um modelo, como complemento da *paideia*, é orientada no sentido de aqueles que pretendem desempenhar funções relevantes na *politeia* da cidade seguirem os bons *exempla* nas suas *praxeis* e não apenas em palavras, num processo contínuo e muito exigente, mesmo após algum feito merecedor de louvor, assim o considera

4. Ele dizia⁴⁹ que nunca tinha usado uma toga mais cara do que cem dracmas⁵⁰, que bebia o mesmo vinho dos trabalhadores, mesmo quando era pretor⁵¹ e cônsul, que procurava alimento para o jantar no mercado⁵² por trinta asses⁵³, e isso por causa da cidade⁵⁴, de forma a fortalecer o corpo para as campanhas militares; 5. tendo recebido em herança uma tapeçaria da Babilônia de cores variadas, de imediato a vendeu; nenhuma das suas casas de campo estava rebocada, nem comprava um escravo por mais de mil e quinhentas dracmas, por não necessitar de escravos delicados nem formosos, mas laboriosos e fortes como os palafreiros e os boieiros. Ele pensava que ao se tornarem aqueles velhos era preciso vendê-los e não alimentar inúteis. 6. Numa palavra, nenhuma das coisas supérfluas é barata, mas o que não necessita considera-o caro, mesmo que o vendesse por um asse. Prefira comprar mais terras aráveis e de pasto do que regadas e alisadas⁵⁵.

5.1. Uns atribuíam estas ações à mesquinhez do homem, mas outros sustinham que se restringia dentro dos seus próprios meios por causa da correção e moderação dos outros.

Temístocles após Milcíades ter dado provas da sua audácia (cf. *Como reconhecer progressos na virtude* 84B).

⁴⁹ Cf. fr. 72 M.9 (referência do TLG).

⁵⁰ Plutarco usa a designação da moeda grega aplicada a um romano, ao contrário do que fará de seguida ao usar o vocábulo ‘asse’.

⁵¹ Usa o verbo *stratego* que muitas vezes, e neste contexto, significa ‘ser pretor’, tal como na biografia de António (6); em latim, *praetor*.

⁵² Em grego, *agora*; refere-se ao espaço comercial que integrava o Fórum.

⁵³ Moeda romana de baixo valor, pois seria a décima parte de um denário romano. É estranho que aqui use este vocábulo, quando acima tinha optado por usar a moeda grega.

⁵⁴ Pela República.

⁵⁵ Pode também ter o sentido de ‘limpas’.

No entanto, eu atribuo ao carácter muito obstinado o abuso dos criados como bestas e depois bani-los e vendê-los ao chegarem à velhice⁵⁶, e de alguém que pensa que nada mais há em comum entre o ser humano que a necessidade⁵⁷. 2. Não obstante, vemos que a bondade ocupa um espaço mais alargado do que a justiça. Na verdade, somos dispostos pela natureza a usar a lei e a justiça apenas com os seres humanos, mas em relação ao bom trato e à graça até dos seres irracionais são por vezes próprios, tal como brota da fonte abundante a doçura. Pois, em relação ao bom ser humano, cuida dos cavalos desfalecidos pelo tempo e dos cães não apenas quando são crias, mas também quando são velhos. 3.⁵⁸ O povo de Atenas, quando construiu o Hecatômpedon⁵⁹, observou atentamente as mulas que mais se aplicavam às tarefas e libertou-as para pastar em liberdade e soltas; dizem que uma delas, descendo por si mesma

⁵⁶ Note-se como Plutarco assume aqui uma interpretação pessoal do *ethos* de Catão.

⁵⁷ Ou seja, considera-se que Catão tem uma perspetiva utilitarista das relações humanas.

⁵⁸ A *polis* não está isenta de defeitos, embora o texto não deixe de marcar a filantropia dos Atenienses (cf. *Aristides* 27.4-7 e *Pelópidas* 6.5); nos tratados *No banquete* 720C e *Sobre o E de Delfos* 384D-E, Atenas surge como a cidade de maior nível cultural, mas, por aquilo que escreve em *Conselhos políticos* 799C, a *polis* também tem defeitos:

Por exemplo, o povo Ateniense tem uma inclinação para a cólera, que facilmente transforma em piedade, pois quer mais conjeturar de imediato do que aprender com tranquilidade. Tal como considera muito benévolo auxiliar os homens desprezados e humildes, também acolhe e prefere as palavras com humor e engraçadas; regozija-se principalmente com aqueles que o louvam, mas pouco se irrita com os que zombam dele; é terrível com os seus governantes, mas revela-se humano até com os inimigos.

⁵⁹ Templo construído na zona onde seria edificado o Pártenon. Tinha este nome por ter ‘cem pés’ de largura. Sem estar concluído, foi destruído pelo Persas em 480 a. C.; Plutarco refere-se a este templo também na biografia de Péricles (13.7).

para os trabalhos, andava com as mulas que conduziam os carros para a acrópole e que ia à frente como se fosse ao comando e a incentivar; por isso, [os Atenienses] decidiram por voto que fosse sustentada, até ao fim da vida, com dinheiro público⁶⁰. 4. Também os túmulos dos cavalos de Címon⁶¹, com os quais venceu três vezes em Olímpia, estão perto do memorial deste. Assim sucede a muitos outros com cães criados e acostumados a viver em casa, como é o caso do velho Xantipo⁶², que o enterrou no promontório que até agora chamam de ‘Túmulo do cão’, pois ele nadou ao lado da trirreme até Salamina, quando o povo abandonou a cidade⁶³. 5. Na verdade, não devemos usar o ser vivo como sapatos ou utensílios, que se atiram fora quando está roto e desgastado com o uso, mas, se não por nenhum outro interesse que diz respeito à humanidade, é necessário acostumar-se de antemão a ser benévolo⁶⁴ e agradável com aqueles. 6.⁶⁵ Eu certamente que não venderia um boi de trabalho por causa da velhice, e ainda menos um homem ancião, afastado do lugar em que se criou ou do estilo de vida habitual por troca de pequenas moedas, e que é, além disso, tão inútil para os compradores como para os vendedores. 7. Mas

⁶⁰ Esta *chreia* acaba por ser um elogio de Plutarco à generosidade dos Atenienses.

⁶¹ Trata-se do avô de Címon, a quem Plutarco dedicou uma biografia.

⁶² É o pai de Péricles; história também contada na biografia de Temístocles (10.10).

⁶³ Refere-se ao momento da batalha de Salamina, em 480 a. C., quando os Persas invadiram a Ática; cf. Heródoto 8.4.

⁶⁴ Em grego, *praos*.

⁶⁵ 5.6-7: A análise do *ethos* de uma personagem serve também para Plutarco revelar o seu próprio *ethos*, em alguns casos diferente, como acontece em relação a Catão Censor.

Catão, como se fosse um jovem nestas coisas, conta⁶⁶ que, no seu consulado, abandonou na Ibéria até o cavalo que usou nas campanhas, para que não fosse cobrado à cidade o dinheiro da passagem do cavalo. Se estas coisas se devem certamente atribuir quer à grandeza de espírito, quer à mesquinhez, é possível usar um argumento persuasivo [quer para uma, quer para outra].

6.1. Era um homem enormemente admirável em outros aspetos da moderação. Quando ele estava ao comando tomava para si e os seus não mais do que três medimnos áticos⁶⁷ de trigo⁶⁸ por mês, e para as mulas não menos do que três medimnos de cevada por dia. 2. Tendo recebido o comando da província⁶⁹ da Sardenha⁷⁰, enquanto pretores, antes dele, estavam acostumados a usar tendas, camas e roupas pagas pelo erário público, sobrecarregados não só com muito cuidado e por um grande número de amigos, mas também com dinheiro gasto em refeições e preparativos, Catão operou uma alteração incrível da economia. 3. Assim, ele não permitiu despesa pública para ninguém, pois ele próprio, caminhando sem o carro de bestas, visitava habitualmente as cidades, e acompanhava-o um funcionário público⁷¹, que tratava da toga e da taça das libações para o serviço religioso. 4. Desta maneira, ele revelava-se nestas situações complacente e simples com aqueles que estavam debaixo do seu comando, de forma diversa ele correspondia com rigidez e gravidade, sendo inexorável em matéria

⁶⁶ Fr. 54 M.29 (referência do TLG).

⁶⁷ Um medimno ático equivale a cerca de 52 litros.

⁶⁸ Em grego, *pyros*; *triticum vulgare*, em latim.

⁶⁹ O vocábulo *eparchia* equivale a *provincia* em latim.

⁷⁰ Sabe-se que foi em 198 a. C., na qualidade de pretor.

⁷¹ Em grego, *demosios*; o vocábulo pode aplicar-se a qualquer escravo público, com um sentido semelhante ao de *doulos*.

de justiça e, além disso, correto e frontal quanto às ordens de comando⁷², de forma que nunca foi o governo dos Romanos mais temido e amado para aqueles [os habitantes da Sardenha].

7.1. A eloquência⁷³ deste homem parece ter tido uma forma que é a seguinte: era ao mesmo tempo graciosa e terrível⁷⁴, agradável e opressiva, artificiosa⁷⁵ e austera, sentenciosa e litigiosa, como Platão⁷⁶ conta que Sócrates⁷⁷, por fora, era reservado⁷⁸, semelhante a um sátiro⁷⁹ e aos que conversavam com ele parecia ser insolente, enquanto, no seu interior, estava cheio de seriedade e qualidades que provocavam lágrimas nos que o ouviam e alteravam o coração. 7.2. Por essa razão, não sei em que se baseiam os que afirmam que a eloquência de Lísias se assemelha mais à de Catão⁸⁰. 7.3. Contudo, convém que estas coisas sejam distinguidas por aqueles que percebem mais das formas de eloquência dos Romanos, nós apenas registamos uma pequena parte dos feitos para serem recordados, pois pensamos que o carácter dos seres humanos se manifesta muito mais pela eloquência do que pela aparência, como alguns defendem⁸¹.

⁷² Em latim, *edictum*.

⁷³ Em grego, *logos*.

⁷⁴ Em alguns contextos, pode ter o sentido de ‘veemente’.

⁷⁵ Com o sentido de usar a palavra para enganar ou com o objetivo de burlar.

⁷⁶ Cf. *Banquete* 215a-b.

⁷⁷ Cf. 20.3. 23.1; vide ainda *Aristides* 1.9, 27.3-4; de facto, uma vida simples pode ser combinada com a política.

⁷⁸ Por vezes, aplica-se a ‘homem comum’ ou ‘homem rude’.

⁷⁹ Cf. *Banquete* 221e.

⁸⁰ Cícero, *Bruto* 16.63, compara Lísias e Catão.

⁸¹ Para Plutarco, a palavra tem mais valor do que a imagem exterior ou o corpo; em *Conselhos políticos* 820B-F, reprova a necessidade de se honrar alguém por meio de uma estátua, uma vez que estas suscitam a inveja, um dos grandes males da sociedade, além de que não resistem ao tempo e podem sempre ser destruídas, como as de Demétrio de Falero;

8.1. Num certo momento, estando destinado a dissuadir o povo romano que ansiava inoportunamente o subsídio medido de milho⁸² e a sua distribuição, empregou as seguintes palavras: “Cidadãos, é difícil falar a um estômago que não tem ouvidos”. 2. Falando contra a extravagância, disse que era difícil salvar uma cidade na qual um peixe se vende por mais do que um boi. 3. Também disse que os Romanos eram parecidos às ovelhas, pois aquelas cada uma por si não obedecem, mas juntas umas às outras seguem os que as guiam, e por isso disse: “de igual modo também vós considerais, de forma individual, que não é preciso seguir os conselheiros, mas em conjunto deixai-vos guiar por aqueles”⁸³. 4. No que diz respeito ao poder das mulheres, afirmou: “Todos os homens mandam nas mulheres, nós [os Romanos] sobre todos os homens e as mulheres sobre nós”, isto é, sem dúvida, uma adaptação dos apotegmas de Temístocles⁸⁴. 5. Na verdade, por o filho lhe dar muitas ordens

cf. *Catão Censor* 19.6; em *Sobre a necessidade de o filósofo conversar especialmente com os governantes* 776C-D, defende que o objetivo do discurso filosófico não é erguer estátuas, mas gerar a ação, que deve ser pautada pela beleza, pela inteligência, pela grandeza de espírito, pela doçura e pela simplicidade; o próprio Alexandre havia recusado que se fizesse uma imagem dele no Monte Atos, na Trácia, pois serão as conquistas que imortalizarão o seu nome (cf. *Sobre a fortuna ou a virtude de Alexandre* 335C-E). Na verdade, as palavras ou discursos são, por vezes, mais reveladores do carácter de um indivíduo do que os feitos (cf. *Sobre a fortuna ou a virtude de Alexandre* 330E (cf. *Apotegmas de reis e imperadores* 172D), *Fócion* 5 e *Comparação Demóstenes-Cícero* 1.4) e do que a própria fisionomia (cf. *Catão Censor* 7.3; *Conselhos para preservar a saúde* 137E); vide H. Tracy (1941-2) 213-6.

⁸² Em latim, usa-se a expressão *praefectus annonae*.

⁸³ Ideia semelhante surge em Isócrates, *Sobre a paz* 52.

⁸⁴ Se neste caso é Temístocles, o rival de Aristides, a fonte de Catão, Plutarco, em *Catão Censor* 24.8, serve-se de Pisístrato para uma outra máxima.

por meio da mãe, aquele disse: “Mulher, os Atenienses mandam nos Gregos, eu nos Atenienses, tu em mim, o nosso filho em ti, logo tem cuidado com a sua autoridade, pois ele, ainda que não seja dotado de raciocínio, é o que tem mais poder entre os Gregos”. 6. Catão disse que o povo Romano inscrevia os valores não só nas peças purpúreas, mas também nos hábitos de vida. Afirmou ele: “Tal como os tintureiros tingem mais aquela que vêem que agrada, assim também os jovens aprendem e imitam aquilo que possa ser seguido de um elogio vosso”. 7. Se eles se tivessem tornado grandes pela virtude e pela moderação, ele exortava-os a não mudar para algo pior, mas se tivesse sido pelo mau temperamento e pelo vício, exortava-os a mudar para algo melhor; na verdade, já se tinham tornado suficientemente grandes por ação daquelas. 8. Catão disse que aqueles que muitas vezes ambicionavam governar, como se desconhecessem o caminho, sempre procuravam caminhar junto de *lictors*⁸⁵, para não se perderem. Repreendia os cidadãos que elegiam muitas vezes os mesmos para governar⁸⁶. 9. Disse: “Pareceis, em verdade, não ter em grande conta exercer o governo ou não ter muitos que sejam merecedores de o exercer”. 10. Quanto a um dos seus inimigos que parece que levava uma vida reprovável e ignóbil, ele disse: “A mãe dele acredita que é maldição, não um voto⁸⁷, deixá-lo sobre a terra”. 11. Indicando um que tinha vendido as terras herdadas junto ao mar, fingira admirá-lo como se fosse mais forte do que o mar e afirmou: “De facto, o que aquele purgou com dificuldade, este fez desaparecer

⁸⁵ Em grego, *rabdouchos*; o *lictor* era um funcionário público romano que acompanhava os magistrados, uma função que já existia desde a Monarquia.

⁸⁶ Ou ‘para as magistraturas’.

⁸⁷ Também pode ter o sentido de ‘desejo’.

facilmente”. 12. Quando o rei Êumenes visitou Roma⁸⁸, o Senado⁸⁹ acolheu-o de forma extraordinária e surgiu por ele contestação e rivalidade por parte dos mais importantes, mas Catão era evidente como o olhava com reserva e se mantinha vigilante com ele. 13. Quando alguém disse: “É, sem dúvida, bom e amigo dos Romanos⁹⁰”, ele respondeu: “Que seja, mas por natureza essa espécie animal [rei] é carnívora”. 14. Afir-mava Catão que nenhum dos reis ditos felizes era digno de se comparar a Epaminondas⁹¹, Péricles, Temístocles, Mânio Cúrio ou Amílcar, um dos chamados Barca. 15. Dizia que os inimigos o invejavam, porque se levantava cada dia de noite e, negligenciando os interesses pessoais, dedicava-se aos assuntos públicos. 16. Ele dizia que deseja mais ser privado de recompensa por agir bem do que não ser corrigido por agir mal; 17. ainda acrescentava que concedia o perdão a todos os que se enganavam, exceto a ele próprio.

⁸⁸ Esta visita ocorreu no ano 172 e teve como objetivo alertar o Senado para o poder de Perseu, rei Macedônio, na Grécia.

⁸⁹ Em grego, *synkletos*; também Políbio (21.1.3) ou Estrabão (3.4.20) usam este vocábulo.

⁹⁰ O termo *philoromaïos* também é usado por Plutarco na biografia de Crasso (21).

⁹¹ Plutarco não esconde a admiração que tem pelo seu compatriota da Beócia, que considera ser o maior dos Helenos. Só Alexandre supera as numerosas referências que faz a Epaminondas nas *Vidas Paralelas* e nos *Tratados Morais*; Cf. *Pelópidas* 3.6, 7.5, 25.4, 26.1, 29; *Agesilau* 27.6-28.2 (Plutarco refere claramente a admiração que sentia pelo estrategista beócio, adversário acérrimo de Agesilau, pois ele possuía as características indispensáveis para comandar uma estrutura pan-helénica, e que lhe havia dedicado uma biografia, infelizmente perdida), 32.4, 35.2; *Timoleonte* 36.1; *Demóstenes* 20.1; *Fócion* 3.7; Epaminondas, morto em Mantinea (362 a.C.), era conhecido pela aplicação da filosofia à vida política, e pela sua ação em prol da liberdade da sua cidade (vide, em particular, *Sobre o gênio de Sócrates* 576D-E e 585D; *Pelópidas* 3.6, 4. e *Agesilau* 27.4).

9.1. Tendo os Romanos eleito três embaixadores para a Bitínia⁹², um era gotoso, o outro tinha a cabeça côncava⁹³ por causa da trepanação⁹⁴ e do corte, e o terceiro parecia ser estúpido, Catão, rindo com desdém, disse que a embaixada enviada pelos Romanos não tinha pés, nem cabeça, nem coração⁹⁵. 2. Tendo-lhe sido feito o apelo por Cipião⁹⁶, a pedido de Políbio, a propósito dos exilados da Acaia⁹⁷, como se gerou um grande debate no Senado, uns a favor de lhes ser concedido regresso, outros opondo-se, Catão levantando-se disse: “Como se não tivéssemos o que fazer, passamos o dia inteiro a inquirir sobre uns velhinhos Gregos, se são enterrados os cadáveres por coveiros nossos ou pelos da Acaia”⁹⁸. 3. Tendo sido votado o regresso dos homens, os que são próximos de Políbio deixaram passar poucos dias e tentaram, de novo, entrar no Senado, de maneira que os exilados recebessem as honrarias que antes tinham na Acaia, e sondaram a opinião de Catão. Sorrindo, disse que Políbio, como Ulisses, queria de novo entrar na caverna do Ciclope, por se ter ali esquecido do cascozinho e do cinturão. 4. Também dizia que os prudentes obtinham mais proveito dos néscios do que os néscios dos prudentes. Na verdade, estes defendem-se dos erros daqueles, mas aqueles

⁹² Embaixada enviada em 169 a. C. à Bitínia, região situada entre o Mar de Mármara e o Mar Negro. Essa embaixada tinha como objetivo apoiar as negociações entre o rei da Bitínia, Prússias II, e o seu filho Nicomedes, que pretendia retirar o poder ao pai.

⁹³ Ou ‘vazia’.

⁹⁴ Técnica de perfurar o crânio com o trépano, um instrumento cirúrgico.

⁹⁵ Em latim *cor*, local onde se encontra a inteligência.

⁹⁶ Trata-se de Cipião Emiliano.

⁹⁷ Depois da batalha de Pidna (168 a. C.), mais de mil aqueus foram deportados para a Itália.

⁹⁸ fr. 189 M.29 (referência do TLG).

não imitam os sucessos destes. 5. Sobre os jovens, dizia que se compraziam mais os ruborizados do que os pálidos; quanto ao soldado, dizia que não precisava do que movia as mãos a marchar e os pés a lutar, nem do que roncava mais alto do que dava um grito [de guerra]. Reprovando um obeso, dizia: “Como se pode tornar um corpo assim útil para a cidade, que está todo ocupado do meio da garganta até às virilhas e pelo estômago? 7. Rejeitando um amante de prazeres que queria relacionar-se⁹⁹ com ele, ele afirmava que não podia viver com um homem que tenha um palato com uma percepção mais aguçada¹⁰⁰ do que o coração. 8. Do amante, dizia que a sua alma vivia num corpo estranho¹⁰¹. 9. Ele próprio dizia que se tinha sentido arrependido em toda a sua vida por três vezes: uma quando confiou um segredo a uma mulher; outra quando foi pelo mar quando era possível ir por terra; a terceira por ter permanecido um dia indisposto. 10. A um velho malicioso, disse: “Homem, não adiciones às muitas vergonhas da velhice a desonra própria da maldade”. 11. A um tribuno que incorreu numa falsa acusação de envenenamento, e que propunha uma lei má e usava a força, ele disse: “Jovenzinho, não sei o que é pior: beber o que misturas ou ratificar o que escreves”. 12. Injuriado por um homem que tinha levado uma vida licenciosa e vil, ele disse: “Para mim, a luta contigo é desigual. Na verdade, tu ouves e dizes os abusos facilmente e de forma indiferente, mas para mim dizê-los é odioso e ouvi-los é inesperado”. Assim, esta é a classe de coisas memoráveis de Catão.

⁹⁹ O verbo grego σύνειμι pode significar relacionamento sexual, noutros casos é usado para transmitir a ideia de ‘viver com alguém’ ou para traduzir a ideia de um relacionamento social ou de alguém que acompanha outro indivíduo.

¹⁰⁰ Ou ‘mais sensível’.

¹⁰¹ Ou ‘alheio’, ‘num outro corpo’.

10.1. Designado cônsul com Valério Flaco¹⁰², seu amigo e companheiro, tomou posse das províncias que os Romanos chamam de Hispânia Citerior. Ali, enquanto submetia uma parte dos povos e se unia cordialmente a outros por meio da eloquência, atacou-o um grande exército de Bárbaros e correu o risco de ser expulso de forma vergonhosa. Por isso, pediu a aliança com os vizinhos Celtiberos. 2. Tendo estes pedido uma recompensa de duzentos talentos pela ajuda, todos os outros consideraram não suportável que os Romanos acordassem uma recompensa com os Bárbaros pelo apoio, mas Catão afirmou que não era extraordinário. Pois, se vencessem, devolveriam o pagamento aos inimigos, não por eles próprios, se, no entanto, fossem derrotados, não haveria quem pedisse, nem a quem pedir. 3. Venceu esta batalha com autoridade e teve sucesso em outras coisas de forma brilhante. Políbio¹⁰³ afirma que, comandados por ele, suprimiram, num só dia, as muralhas das cidades junto ao rio Bétis¹⁰⁴. Estas eram em grande número e estavam repletas de homens belicosos. O próprio Catão¹⁰⁵ refere que tomou, na Ibéria, mais cidades do que os dias que aí passou, e isto não é vanglória, se de verdade¹⁰⁶ o seu número total era de quatrocentas. 4. Aos soldados que já tinham tirado muito

¹⁰² Foram designados cônsules no ano 195 a. C.

¹⁰³ 19.1. As variadas referências a Políbio provam o conhecimento que Plutarco tinha da sua obra, usando o historiador de Megalópolis como fonte válida, e.g. *Filopémen* 16.4 (cf. Políbio 21.32.3), embora também haja casos em que o critique: *Da fortuna dos Romanos* 325F (cf. Pol. 2.18.3) e *Emílio* 15.5 (cf. Políbio 29.14).

¹⁰⁴ Refere-se ao Guadalquivir. No entanto, Apiano (*Ibéria* 41) e T. Lívio (34.17) indicam o rio Ebro, localização mais correta para esta ação militar.

¹⁰⁵ HRR I 92 (referência do TLG).

¹⁰⁶ A ressalva de Plutarco pode estar relacionada com a tendência de Catão para se vangloriar; a este propósito vide 14.2.

benefício na campanha militar, distribuiu por cada homem uma libra de prata, dizendo que era melhor que muitos Romanos regressassem com prata do que poucos na posse de ouro. Ele disse que do que foi conquistado nada veio para ele, salvo o que bebia e comia. 5. Afirmou: “Não acuso os que desejam tirar benefício destas coisas, mas quero mais competir em virtude com os melhores do que em bens com os mais ricos e em avareza com os mais avarentos”. 6. Não só a ele, mas também aos que estavam junto dele, preservava-os puros de toda a ganância. Tinha cinco servos junto dele nas campanhas. Um deles, com o nome de Pácio, comprou três jovens de entre os prisioneiros de guerra. Tendo Catão tido conhecimento, ele estrangulou-se antes de Catão chegar. Depois, tendo vendido os jovens, Catão deu ao erário público o valor deles.

11.1. Quando ele ainda se encontrava na Ibéria, Cipião o Grande, que era seu inimigo e que queria apoderar-se do seu sucesso e assumir as ações na Ibéria, conseguiu ser designado como sucessor daquela província. Tendo-se apressado em rapidamente pôr fim ao governo de Catão. 2. Preparando uma proteção com cinco grupos de soldados¹⁰⁷ e quinhentos cavaleiros, submeteu o povo dos Lacetanos¹⁰⁸, e, a seiscentos de entre os desertores que mandou vir, executou-os. 3. Sendo irônico, ele disse a Cipião, que se queixava destes acontecimentos, que dessa forma Roma seria maior se os primeiros em virtude dos notáveis e maiores não desistissem a favor dos que não tinham valor e os plebeus, como ele próprio era, competissem em virtude com aqueles que vinham à frente em linhagem e

¹⁰⁷ Aqui Plutarco usa o termo *ὀπλίτης*; nesta parte, Plutarco faz referência à tática militar romana designada por *cohors*, em que agia uma divisão de soldados.

¹⁰⁸ Povo que vivia na zona dos Pirinéus e Tarragona.

reputação. 4. Não obstante o Senado ter votado nem mudar nem remover o que tinha sido determinado por Catão, o governo de Cipião, tendo diminuído mais a sua própria reputação do que a de Catão, passou de forma infrutífera quanto à falta de ação e ao ócio; porém, Catão, depois de ter triunfado, não relaxou nem dissolveu a sua virtude, pois não agiu como a maioria dos que competem não pela virtude, mas pela reputação, que quando chegam às honras mais elevadas e obtêm o consulado e triunfos, e já preparados o resto da vida para o prazer e o ócio abandonam os assuntos públicos; ele [Catão], no entanto, como os que se empenham pela primeira vez na política e estão sequiosos de honrarias e reputação, esforçando-se desde outro¹⁰⁹ início, forneceu, indiferenciadamente, aos amigos e cidadãos o que necessitavam, sem renunciar à advocacia, nem às campanhas militares.

12¹¹⁰ .1. Assim, enquanto embaixador, colaborou com o cônsul Tibério Semprônio¹¹¹ na Trácia e no Istro¹¹², e, como tribuno militar¹¹³, partiu para a Hélade com Mânio Acílio contra Antíoco o Grande¹¹⁴, que causou medo aos Romanos como

¹⁰⁹ Refere-se a um ‘novo início’.

¹¹⁰ Cf. Plutarco, *Aristides* 2.1; vide ainda *Teseu* 6.8, *Alexandre* 5.5, *Coriolano* 4.3, *Demóstenes* 5.4 e *Filopémen* 3.1; em *Flaminino* 20.1, Plutarco diz-nos que Flaminino foi, por sua vontade, tribuno militar após ter sido cônsul.

¹¹¹ Deverá ser um erro de Plutarco, uma vez que, segundo T. Lívio (24, 46), Tibério Semprônio exerceu a função de cônsul, em 194, na Gália Cisalpina, e não na Trácia e no Istro.

¹¹² Refere-se ao rio Danúbio.

¹¹³ Foi em 191 que Catão exerceu pela segunda vez a função de tribuno militar; embora T. Lívio (36, 17) afirme que foi como legado.

¹¹⁴ Trata-se de Antíoco III, rei da Síria, entre os anos 223 e 187; liderou várias conquistas na Ásia Menor até ao Helesponto, além da Trácia.

nenhum outro depois de Aníbal. 2. Na verdade, pouco faltou para que ele assumisse, desde o início, toda a Ásia, que tinha pertencido a Seleuco Nicátor¹¹⁵, pois, por ter Antíoco tornado submissos numerosos e belicosos povos bárbaros, sentiu-se impelido a atacar os Romanos, como se fossem ainda os únicos dignos de lutar contra ele. 3. Depois de tornar numa causa plausível a liberdade dos Helenos, que nada necessitavam, mas que eram, recentemente, livres e autônomos de Filipe e dos Macedônios graças aos Romanos¹¹⁶, avançou com o seu poder militar; de imediato, a Hélade sentia uma agitação e estava em suspenso, corrompida pelos demagogos por meio de esperanças depositadas no rei. 4. Então, Mânio enviou legados às cidades e Tito Flaminino, como está escrito na vida daquele¹¹⁷, conteve, sem distúrbios, a maioria dos revoltosos e acalmou-os; Catão colocou do seu lado os Coríntios, os Patras e até os Egieus¹¹⁸. 5¹¹⁹. Catão passou a maior parte do tempo em Atenas, e con-

¹¹⁵ Um dos *diadochoi* de Alexandre Magno e que fundou a dinastia síria; também referido em *Aristides* 6.2.

¹¹⁶ Como Plutarco desenvolve na biografia de Flaminino (15.1), a Grécia foi declarada livre nos Jogos Ístmicos do ano 196, após a derrota de Filipe V da Macedónia em Cinoscéfalas; vide ainda T. Lívio 33, 32.

¹¹⁷ *Flaminino* 15.

¹¹⁸ T. Lívio (35, 50) não imputa este papel a Catão, uma vez que atribui a Flaminino o papel de manter a Acaia fiel aos Romanos.

¹¹⁹ 12.5-7: Plutarco, ao relatar a ação de Catão como tribuno militar, na Grécia, refere que ele terá proferido, segundo uma fonte (λέγεται), um discurso em língua grega, embora o próprio Plutarco não concorde (dado que parece contradizer *Catão Censor* 2.5, onde, seguindo fontes que não cita, afirma que Catão aprendeu Grego na velhice; ou então, Catão teria aprendido Grego antes de chegar à velhice), preferindo aceitar que ele usou um tradutor (ἐρμηνεύς). Nesse discurso, teria louvado os valores pátrios, chegando mesmo a trocar de Postúmio Albino, autor de uma obra histórica em Grego, por este ter pedido desculpa pelo uso dessa língua. Os ouvintes gregos admiraram a *brevitas* de Catão, enquanto o tradutor era lento e usava muitas palavras, ficando, assim,

ta-se que há um discurso dele em que fala ao povo em Grego, em que admirava a virtude dos antigos Atenienses e que, com gosto, havia contemplado a cidade por causa da beleza e grandeza. Isto não é verdadeiro, mas que falou aos Atenienses por meio de um intérprete, embora ele próprio estivesse apto a falar, permanecendo fiel aos costumes pátrios e gozando com os que admiravam as coisas Helénicas. 6. Por exemplo, riu-se de Postúmio Albino¹²⁰ que tinha escrito uma obra histórica¹²¹ em Grego e pedia desculpa por isso, dizendo que lhe devia ser concedido o perdão, se tinha sido compelido por um decreto dos Anfictiões a empreender a obra¹²². 7. Conta-se que se admiraram os Atenienses com a rapidez e a clarividência da sua

evidenciada uma oposição entre Gregos e Romanos, que o final do capítulo sublinha: “pensava-se de um modo geral que as palavras saíam aos Helenos dos lábios, mas aos Romanos do coração”; ainda sobre a questão de Catão saber falar Grego e quando aprendeu, A. Astin (1978) 159-161, 166-8, e E. Gruen (1995) 56-9 rejeitam que Catão não soubesse falar Grego, possibilidade que algumas fontes antigas referidas por Cícero *Lucílio* 5 e *Da velhice* 8.26 colocam, preferindo realçar que Catão, como os aristocratas romanos do seu tempo, tinha uma cultura que também incluía a *paideia* grega, embora gostasse de ostentar a sua atitude romanófila; o mais provável é que tenha aprendido grego já em idade avançada.

¹²⁰ Sobre a imitação que A. Postúmio Albino fez dos Gregos, vide Políbio 39.1. e Aulo Gélíio 11.8; note-se que as *Origines*, inaugurando um novo conceito historiográfico contrário ao dos *Annales* dos Pontífices, são a primeira obra histórica a ser escrita em língua latina, de acordo com aquilo que nos foi legado, demonstrando assim o seu autor que a sua língua já tem suficiente nível literário para veicular a sua própria história.

¹²¹ *Historia* com o sentido de “narração” ou “compilação de narrações”, em especial quando Plutarco se refere às fontes (cf. *Teseu* 26.3, *Rómulo* 2.8, *Emílio* 19.7, *Pompeio* 37.3, *Demóstenes* 30.1, *António* 82.4, *Temístocles* 32.4).

¹²² Refere-se à Anfictionia de Delfos. Teria para Catão um significado especial, apesar de já não manter a sua atividade.

forma de expressão. De facto, aquilo que ele pronunciava com brevidade, traduzia o intérprete alongadamente e por meio de muitas palavras.

13.1. Antíoco, depois de bloquear o estreito junto às Termópilas com a legião¹²³ e de juntar paliçadas¹²⁴ e muralhas às defesas naturais dos lugares, acreditando que assim evitava a guerra, sentou-se, e os Romanos desesperavam, completamente, por usar a força nas fileiras da frente; Catão, porém, pondo no pensamento aquele cerco e estratégia de envolvimento¹²⁵ persa¹²⁶, pôs-se a caminho pela noite, tomando uma parte do exército. 2. Quando chegaram ao cimo, o prisioneiro que era guia desviou-se do caminho e perdendo-se em lugares difíceis e escarpados provocou nos soldados medo e terrível desânimo, e Catão, vendo o perigo, ordenou a todos os outros que ficassem tranquilos e esperassem; então, tomando consigo um tal Lúcio Málio, homem extraordinário a escalar montanhas, avançou com muito sofrimento e perigo numa noite sem lua¹²⁷ e escura, por oliveiras silvestres e rochas que se erguiam, tendo a visão turvada e com muitas interrupções¹²⁸, até que chegaram a uma vereda, que se acreditava que ia dar abaixo do acampamento dos inimigos, e puseram sinais em algumas partes erguidas¹²⁹, bem visíveis, que se elevavam sobre o Calídromo. 3. Desta forma, tendo de novo regressado atrás, recolheram o

¹²³ Em grego, *stratopedon*.

¹²⁴ Em latim, *vallum*.

¹²⁵ Usa o mesmo termo em *Temístocles* 12 e *Flaminino* 4.

¹²⁶ Cf. Heródoto 7.215-224; segundo Plutarco, Catão teria conhecimento da estratégia militar persa, que não encontra eco na obra de T. Lívio.

¹²⁷ Ou 'noite escura'.

¹²⁸ Ou 'cortes', 'falhas'.

¹²⁹ Parece tratar-se de sinais colocados no topo de algo semelhante a 'vigas' de madeira.

exército, e levando-o para os sinais alcançaram aquela vereda, puseram-se em marcha, mas depois de eles terem avançado um pouco interromperam por terem sido surpreendidos por um precipício; e de novo gerorava-se perplexidade e medo, pois não sabiam nem eram capazes de ver se estavam perto dos inimigos. 4. Já o dia brilhava e alguém pensou ouvir uma voz, e logo observaram de cima a paliçada helénica e a guarda avançada por baixo do precipício. Então, tendo ali colocado o exército, Catão ordenou que chegassem os Firmanos¹³⁰, sem os outros, aos que considerou sempre fiéis e devotados. 5. Depois de terem corrido juntos e se colocarem à volta dele, disse: “Quero que seja apanhado um homem vivo dos inimigos e procurar saber quem são os que fazem vigilância na linha da frente, qual a sua quantidade, qual a ordem ou a disposição dos outros e a preparação com que nos esperam. Porém, é necessário que esta ação seja um saque com rapidez e audácia, à semelhança dos leões sem armas que avançam confiantes contra animais medrosos”. Depois de Catão ter falado, de imediato os Firmanos, movendo-se de onde estavam, correram pelo monte abaixo contra os guardas da linha da frente; e, caindo sobre eles de forma inesperada, confundiram e dispersaram todos, tendo capturado um com as suas armas confiaram-no a Catão. 7. Informado por este que a restante força permanecia nos desfiladeiros junto do seu rei, os que vigiavam das extremidades eram seiscentos Etólios selecionados, ele [Catão] desprezando a pequenez e ao mesmo tempo a negligência, de imediato marchou contra eles com o toque da trombeta e também com o grito de guerra, desembainhando, em primeiro lugar, a espada.

¹³⁰ Habitantes de Firmo, na zona do Adriático, a sul de Ancona.

Aqueles como os viram a avançar desde a parte alta, fugindo para o grande acampamento, espalharam por todos a desordem.

14.1. Nesse momento, também Mânio usava a força, desde baixo, contra as muralhas e lançando a força [militar] em conjunto pelos desfiladeiros, e Antíoco, por sua vez, atingido na boca por uma pedra, que fez cair os seus dentes, por estar a sentir uma dor extrema retrocedeu com o cavalo e nenhuma parte do exército conteve os Romanos, mas ainda que a fuga fosse por caminhos e trilhos impraticáveis e difíceis, sofrendo quedas e escorregadelas com os pântanos profundos e as rochas escarpadas, deslizando para aqueles sítios por meio dos desfiladeiros e impelindo-se em conjunto uns e outros com medo do golpe e do ferro dos inimigos, aniquilaram-se a eles próprios. 2. Catão¹³¹, segundo parece, sempre foi alguém que não poupava o elogio privado e não fugia da jactância em público como consequência dos grandes feitos, mas colocava a maior importância nessas ações, e dizia ele próprio aos que o viram quando perseguia e golpeava os inimigos que lhe vinha à mente que Catão não devia ao povo tanto quanto o povo a Catão, e que o próprio cônsul Mânio exultando com a vitória recebeu-o com um abraço demorado, ainda por causa da exultação, e gritava de alegria, que nem ele nem todo o povo poderiam igualar com recompensas os bons serviços¹³² de Catão. 3. Logo depois do combate, levando a própria mensagem com a notícia da contenda, foi enviado a Roma; navegou com sucesso para Brundísio¹³³, daí atravessou em um dia até Tarento, e viajando outros quatro, ao quinto chegou a Roma a partir do mar e anunciou, pela primeira vez, a vitória. 4. Encheu a cidade de

¹³¹ HRR I 92 (referência do TLG).

¹³² Refere-se aos serviços públicos de Catão.

¹³³ Hoje tem o nome de Brindisi.

festividade e sacrifícios, e o povo de orgulho, capaz de dominar toda a terra e o mar.

15.1. Estas são talvez as mais reputadas de entre as ações bélicas de Catão. Quanto à sua atividade política, parece que comandava uma parte não digna de pouco valor em matéria de acusações¹³⁴ e refutações¹³⁵ de delinquentes, ele próprio, de facto, acusou muitos, assistiu a outros que acusavam e preparou-os, por completo, para que acusem, como no caso de Petílio contra Cipião. 2. Mesmo assim, não podendo matá-lo, ele conseguiu colocar por terra as acusações por causa da grandeza da sua família e da honesta sensatez¹³⁶, porém Catão, juntando-se aos acusadores, aplicou a Lúcio, irmão dele, uma multa de muito dinheiro para o erário público; não tendo ele como escapar¹³⁷ e correndo o perigo de ser encarcerado, foi libertado, com dificuldade, por meio de uma apelação dos tribunos. 3. Também se diz que Catão, aparecendo a um certo juvenzinho que tinha desonrado um inimigo do defunto pai e que caminhava pelo Fórum depois de um ação judicial, saudou-o com a mão direita e disse-lhe que era preciso oferecer esses sacrifícios aos progenitores, não cordeiros nem cabritos, mas lágrimas e condenações de inimigos. 4. Não obstante, nem ele próprio se manteve de forma inocente na atividade política¹³⁸, mas quando dava aos inimigos uma oportunidade, ele passava a vida a ser julgado e a correr riscos. Na verdade, conta-se que se livrou dos quase cinquenta¹³⁹ processos em que foi acusado, a últimas das vezes já tinha oitenta e seis anos. Neste

¹³⁴ Em grego, *kategoria*.

¹³⁵ Em grego, *elenchos*.

¹³⁶ Na edição do TLG, esta frase tem uma lacuna.

¹³⁷ Numa tradução mais livre: 'não tendo ele forma de pagar'.

¹³⁸ Ou 'na vida pública'.

¹³⁹ Na *História Natural* 7.27.100, Plínio refere quarenta e quatro.

processo disse algo que ficou na memória: como é penoso para quem viveu entre uns homens defender-se de outros¹⁴⁰. 5. E isto não significou o fim das contendas, mas completados outros quatro anos, moveu uma acusação contra Sérvio Galba, quando já tinha noventa anos. Como Nestor¹⁴¹, é possível que tenha chegado à terceira geração com vida e no ativo. Depois de ter competido muitas vezes com o grande Cipião na atividade política, continuou com Cipião o jovem, que era neto daquele por adoção, filho de Paulo que combateu¹⁴² Perseu e os Macedónios.

16.1. Depois de dez anos de consulado, Catão candidatou-se ao cargo de censor¹⁴³. Esta magistratura é o zénite de toda a honra e a realização de alguma maneira da atividade política, permitindo, entre outro tipo de autoridade, o escrutínio dos costumes e dos modos de vida. 2. De facto, eles [Romanos] consideravam que o casamento, alguma da procriação, os regimes de vida e o simpósio não deviam ser permitidos sem regras e sem inquirição, como se cada um seguisse o seu desejo e vontade, considerando que se vê mais a forma de ser de um homem nesses assuntos do que nas ações públicas e políticas; eles elegiam de entre os chamados patrícios e plebeus um guarda, conselheiro e punidor, para que ninguém se desviasse para os prazeres e fosse além do costume pátrio e do modo de vida habitual. 3. Chamavam a estes censores, que tinham

¹⁴⁰ Esta sentença também é referida por Plutarco em *Sobre se um ancião deve participar na política* 784D.

¹⁴¹ Rei de Pilos que, apesar da sua avançada idade, participou na Guerra de Troia.

¹⁴² O verbo *katapolemeo* também significa ‘reduzir’, logo pode também traduzir-se ‘que derrotou Perseu e os Macedónios’.

¹⁴³ Foi censor em 184; cf. T. Lívio 39. 43-44.

poder para retirar a ordem equestre¹⁴⁴ a alguém e para expulsar do Senado os que viviam de forma licenciosa e indisciplinada. Eles, recebendo os valores das propriedades, inspecionavam-nos e separavam nos registos as famílias e as idades¹⁴⁵, mas esta magistratura tinha outros grandes poderes. 4. Por isso, também se opondo os que talvez fossem os mais notáveis e os primeiros dos senadores, enfrentaram Catão na sua candidatura. Na verdade, a inveja¹⁴⁶ incomodava os patrícios, que consideravam todos que a nobreza de nascimento seria ultrajada por homens ignóbeis, de origem, que ascenderiam a uma extrema honra e poder; porém, os que tinham consciência dos seus costumes perversos e da mudança dos hábitos pátrios receavam a austeridade desse homem, que, no poder, seria implacável e gravoso. 5. Por isso, tendo eles ficado de acordo e estando preparados apresentaram sete opositores a Catão para a candidatura, que adulavam a população com auspiciosas esperanças, como se ela precisasse de ser governada de forma complacente e para o prazer. 6. Em sentido contrário, Catão sem dar mostras de qualquer moderação, mas, a partir da tribuna¹⁴⁷, ameaçava diretamente os maliciosos e clamava que a cidade necessitava de uma grande purificação; pedia que muitos, se fossem sensatos, elegessem não o mais agradável dos médicos, mas o mais veemente. 7. Esse era ele próprio e um dos patrícios, Valério Flaco. Pois, cortando e queimando o luxo e a languidez, como

¹⁴⁴ À letra: “tinham o poder para retirar o cavalo”.

¹⁴⁵ Deve ser uma referência aos direitos de cidadania; o *census* consistia na classificação dos eleitores e contribuintes, distribuindo os cidadãos por classes. Note-se que o vocábulo *censos* tem o mesmo radical de *censor*, tal como o radical do vocábulo grego *timetes* ('censor') está relacionado com a estimativa da fortuna ou pagamento (cf. *timema*).

¹⁴⁶ Ou 'ódio'.

¹⁴⁷ Em grego, *bema*.

a Hidra¹⁴⁸, ele pensava que apenas com aquele poderia fazer algo útil, pois cada um dos outros, por usar a força, governaria mal, porque recearia os que governam bem. 8. De tal maneira o povo Romano era, em verdade, grande e digno de grandes demagogos, que não teve medo da inflexibilidade¹⁴⁹ e do orgulho deste homem, mas repelindo aqueles que eram agradáveis e que pareciam fazer tudo com graciosidade elegeu Flaco, juntamente com Catão, que o povo ouvia não como se pedisse a magistratura, mas como se já fosse magistrado e desse ordens.

17. 1. Assim, Catão inscreveu como cabeça de lista¹⁵⁰ ao Senado o companheiro no cargo e o amigo Lúcio Valério Flaco, e expulsou deste conselho muitos outros, como Lúcio Quíncio, que tinha sido antes cônsul durante sete anos, irmão de Tito Flaminino que combateu contra Filipe, que lhe dava mais fama do que o consulado. 2. Teve a seguinte razão para o expulsar. Tendo recebido um jovem que o acompanhava desde o tempo de infância, Lúcio tinha-o sempre junto de si, até quando conduzia como comandante do exército, com tanta honra e força como nenhum dos mais importantes amigos e familiares tinha junto dele. Contudo, sucedia que ele comandava uma província consular¹⁵¹. 3. Num banquete, o jovem, que estava reclinado¹⁵² junto dele, como era costume, manifestava uma ou outra adulação ao homem que se deixava levar

¹⁴⁸ A similitude com a Hidra é um pouco duvidosa, mas Plutarco recorre à imagem da Hidra de Lerna em outras biografias: *Gracos* 42.2 e *Pirro* 19.7.

¹⁴⁹ Ou ‘intensidade’, ‘coragem’.

¹⁵⁰ Plutarco usa o mesmo verbo (*prographo*) em *Demétrio* 10, *Emílio* 38 e *Flaminino* 18.

¹⁵¹ Em grego, *eparchia hypatike*; *provincia consulares*, em latim.

¹⁵² Plutarco usa o verbo *sunkatakeimai*, tal como Platão no *Banquete* 191e, que pode estar associado à atividade sexual.

facilmente com o vinho, e confessava que o amava de tal modo que afirmou: “embora houvesse um espetáculo de gladiadores¹⁵³ na minha pátria, que eu não tinha visto antes, eu lancei-me para ti, ainda que desejasse ver um homem a ser degolado”. 4. Lúcio, retribuindo a afetuosidade, disse: “Mas graças a isso, não te reclines junto de mim triste, eu me curarei”. E ordenando que um dos que tinha condenado à morte fosse levado para o banquete e que o servo¹⁵⁴ tivesse por perto um machado, perguntou novamente ao seu amante se queria vê-lo ferido. Como respondeu que queria, ordenou cortar o pescoço do homem. 5. Com efeito, isto é o que a maioria conta, e é também o que Cícero escreveu no diálogo *Da velhice*¹⁵⁵ pela própria descrição de Catão. Lívio¹⁵⁶, porém, conta que o executado era um desertor Gálata e que Lúcio não matou o homem por meio de um servo, mas ele próprio com as suas mãos, e que isso está escrito no discurso de Catão.

Tendo sido Lúcio expulso do Senado¹⁵⁷ por Catão, o irmão, que o suportava mal, recorreu ao povo e pediu a Catão que explicasse a razão da expulsão. 6. Tendo dito e descrito o sucedido no banquete, Lúcio tentava negá-lo, mas quando Catão o convidou para um acordo¹⁵⁸, ele levantou-se. E aí se reconheceu que foi merecidamente condenado. Porém, tendo havido um espetáculo no teatro, e Lúcio, quando passou junto do lugar

¹⁵³ Em grego, *monomachos*.

¹⁵⁴ Neste caso, usa a palavra *hyperetes*, que em Atenas era aquele que prestava apoio ao *hoplites*.

¹⁵⁵ 12.42 (referência do TLG); cf. J. Powell (1988: 27-28) e vide *Flaminino* 18.

¹⁵⁶ 39.42 (referência do TLG).

¹⁵⁷ Usa o vocábulo *boule* ('conselho'), mas estará a referir-se ao Senado.

¹⁵⁸ Talvez este acordo envolvesse dinheiro.

para o cônsul e se sentou longe, suscitou a compaixão entre o povo, que gritando o forçaram a mudar de lugar, como se fosse possível corrigir e atenuar o sucedido¹⁵⁹. 7. Expulsou do Senado¹⁶⁰ outro expectável candidato a cônsul, Manílio, porque beijou a mulher dele durante o dia, à vista da filha. Ele disse que a sua mulher de modo algum o abraçava, exceto se trovejasse muito, e disse em jeito de brincadeira que era feliz quando Zeus trovejasse.

18.1. Também Lúcio, irmão de Cipião, um homem que tinha triunfado, sentia por Catão um motivo odioso por ter sido privado por ele da ordem equestre¹⁶¹. De facto, pensou-se que fez tal coisa para insultar o falecido Cipião Africano. 2. Porém, importunou muitos, em especial, com o corte da extravagância, que não era possível tirar diretamente¹⁶², pois muitos já estavam dominados e corrompidos por ela; mas indo em redor forçou que valorizassem dez vezes o preço do vestido, do carro, da cosmética feminina, dos utensílios para a casa, cujo custo ultrapassava para cada um as mil e quinhentas dracmas, querendo Catão que a partir de maiores custos também eles tivessem maiores contribuições¹⁶³; 3. e também aumentou os impostos três bronzes¹⁶⁴ por mil, para que renunciassem, uma vez oprimidos pelos impostos¹⁶⁵ e observando os corretos e frugais que, em iguais condições, pagavam menos ao erário público. Por isso, eram rudes para com ele os que suportavam os impostos por causa do luxo e eram igualmente rudes os que

¹⁵⁹ Semelhante versão na biografia de Flaminino (19.8).

¹⁶⁰ Plutarco repete o uso de *boule*.

¹⁶¹ Tal como em 16.3.

¹⁶² Ou 'por completo'.

¹⁶³ Em grego, *eisphora*; trata-se de um imposto a favor do Estado.

¹⁶⁴ Três asses.

¹⁶⁵ Neste caso, usa o vocábulo *epibole*.

evitaram o luxo por causa dos impostos. 4¹⁶⁶. Na verdade, muitos consideram o corte da riqueza uma forma de prevenir a sua ostentação. Mas, ostenta-se com coisas extravagantes, não com as necessárias. Isto dizem que foi o que mais admirou o filósofo Aríston¹⁶⁷, que se considerasse os que tinham conseguido extravagâncias mais felizes do que os que possuíam as coisas necessárias e úteis. 5. Contudo, o tessálio Escopas¹⁶⁸, tendo um dos amigos lhe pedido algo que não era verdadeiramente útil, dizendo que não pedia coisas necessárias e úteis, respondeu: “Em verdade, eu sou feliz e rico com as coisas inúteis e extravagantes”. Deste modo, a ambição da riqueza não está ligada a uma paixão natural, mas é uma intervenção com origem na opinião vulgar e externa.

19. 1. No entanto, dando pouca atenção aos que o acusavam, Catão ainda mais aumentou a tensão ao cortar os canais que captando, inadvertidamente, a água pública que corria e a levavam para as casas e jardins privados, ao derrubar e deitar abaixo quantas edificações que avançavam para o espaço público, ao reduzir os pagamentos nos contratos para

¹⁶⁶ 18.4-5: o desejo pela riqueza ou pela luxúria não é algo que está, por inerência, na alma, mas é uma doença que aí se infiltra devido a razões externas e, além disso, o dinheiro, só por si, não explica a degeneração moral; *António* 24.9 e *Camilo* 2.6. Quando questiona as razões da corrupção na sociedade romana, na biografia de Catão Censor, Plutarco não aponta a luxúria e a cultura helénica como causas, mas o ὄγκος e a δύναμις (cf. *Comparação Aristides-Catão Censor* 1.3); em *Comparação Nícias-Crasso* 1.4, por sua vez, a φιλοπλουτία é um indicador da deficiente *paideia*.

¹⁶⁷ I p. 89 n. 398 Arn. (referência do TLG); tendo em conta o princípio estoico enunciado, deve tratar-se de Aríston de Quios.

¹⁶⁸ Um dos protetores do poeta Simónides de Ceos; Plutarco repete esta história no tratado *Sobre o amor à riqueza* 527C.

a execução dum trabalho¹⁶⁹ e ao subir ao máximo os preços dos impostos¹⁷⁰ com as vendas. Produziu para si, por causa destas coisas, muito ódio. 2. Os que eram amigos de Tito Flaminino, juntos contra Catão, anularam no Senado¹⁷¹ os pagamentos decididos e os arrendamentos dos templos e dos serviços públicos, como se tivessem sido decididos de forma não proveitosa, e provocaram os mais audaciosos dos tribunos entre o povo a acusar Catão e a penalizá-lo com uma multa de dois talentos. 3. Também muitos se opuseram à construção da basílica, que aquele ergueu com fundos públicos no Fórum¹⁷², ao pé da Cúria¹⁷³ e lhe chamou “Basílica Pórcia”. 4. Porém, parece que o povo recebeu com admiração a censura dele. Tendo-lhe dedicado pelo menos uma estátua no templo da Saúde, não se inscreveu nela as campanhas militares nem o triunfo de Catão, mas uma inscrição que se pode traduzir assim: “Porque, ao tornar-se censor, restaurou de novo para o correto, com métodos úteis, hábitos moderados e ensinamentos, a política Romana, que se tinha desviado e inclinado para o pior”. 5. Não obstante, ele escarnecia, no princípio, dos que desejavam estas coisas, e dizia que eles se esqueciam, ao orgulhar-se com grandeza dos trabalhos dos escultores e dos pintores, que as mais belas imagens dele levavam os cidadãos nas almas. 6. Aos que se admiravam por ele não ter estátuas, enquanto muitos sem reputação as tinham, disse: “Em verdade, eu desejo mais que perguntem por que razão não tenho estátua do que por que razão tenho”. Em geral, não julgava digno de um

¹⁶⁹ Ou ‘empreitada’.

¹⁷⁰ Em grego, *telos*.

¹⁷¹ Usa novamente o vocábulo *boule*.

¹⁷² Em grego, *agora*.

¹⁷³ Em grego, *bouleuterion*; Plutarco, *Cícero* 31; este edifício foi queimado em 52 a. C.

cidadão de bem aceitar o louvor, se não fosse isso útil para o Estado¹⁷⁴. Não obstante, elogiou-se a si próprio mais do que todos; ele precisamente disse que os que erravam em algo na sua vida e, por conseguinte, eram repreendidos, afirmavam que não era conveniente acusá-los. Na verdade, não eram Catões. E alguns que intentavam, não de forma ordenada, imitar as ações dele eram chamados de ‘Catões desajeitados’¹⁷⁵; e afirmava que nas ocasiões mais perigosas o Senado olhava para ele como para um piloto na navegação, e muitas vezes, se não estivesse presente, adiavam indicar os que mereciam mais atenção¹⁷⁶. Certamente outros dão testemunho destas coisas sobre ele. Na verdade, teve uma grande reputação na cidade e durante a vida por causa da eloquência e da velhice¹⁷⁷.

20.1. Foi, de facto, um bom pai, um homem extremoso para a mulher e um administrador nada desprezível, que empreendeu esta tarefa não de forma acessória, como algo insignificante e trivial. Por isso, penso que é necessário também expor quanto fez de bem em relação a estas coisas. 2. Na verdade, casou com uma mulher¹⁷⁸ mais nobre do que rica, pensando que ambas têm igualmente dignidade¹⁷⁹ e magnanimidade, mas as nobres de nascimento, por se envergonharem com as ignomínias, são mais obedientes aos maridos em relação às virtudes. 3. Dizia que o marido que batia na esposa ou o filho punha as mãos nos bens sagrados mais puros. No elogio, considerava mais um bom esposo do que um grande

¹⁷⁴ Em grego, *koinos*.

¹⁷⁵ Ou ‘desastrados’.

¹⁷⁶ Este símile é várias vezes repetido por Plutarco: por exemplo, *Pérgles* 2.1-4 e *Filopémen* 17.3.

¹⁷⁷ Ou pode referir-se mais em concreto à ‘longevidade’.

¹⁷⁸ Chamava-se Licínia.

¹⁷⁹ Ou ‘gravidade’.

senador. Em verdade, ele não admirava outra coisa no antigo Sócrates a não ser o facto de, mesmo tendo uma mulher difícil e filhos estúpidos, passar a vida com temperança e brandura¹⁸⁰. 4. Depois de nascer o filho, Catão não teve nenhuma ocupação obrigatória, a não ser as de âmbito público, que o privara de assistir à mulher a dar banho e a envolver em cueiros o recém-nascido. 5. Ela, na verdade, criou-o com o seu próprio leite. Por ter amamentado muitas vezes os filhos dos escravos, com esta alimentação em comum ela conquistou a benevolência deles para com o filho. Quando o filho começou a ter capacidade de compreensão, Catão tomou-o e ensinou-lhe as primeiras letras, embora tivesse um bom mestre, o escravo de nome Quílon, que ensinava muitas crianças. 6. Mas não julgava digno, como ele próprio disse, que o filho ouvisse ignomínias de um escravo ou que este lhe puxasse a orelha por aprender com lentidão, e nem que ficasse a dever favores a um escravo por causa de uma matéria tão importante. Assim, o próprio Catão foi o mestre do filho nas primeiras letras¹⁸¹, o professor de leis, o mestre de ginástica, e não só ensinou o filho a lançar dardos, a combater com armas pesadas e a montar a cavalo, como também a bater com a mão fechada, a manter-se firme no calor e no frio, e a vencer na travessia a nado os rápidos e os redemoinhos do rio. 7. Diz-se que escreveu ele mesmo as *Histórias* com a sua própria mão e em letras grandes, de modo que o filho começasse, em casa, a tirar proveito, desde criança, da experiência dos seus antepassados. Na presença do

¹⁸⁰ Em 23.1, repete opinião pouco favorável em relação a Sócrates.

¹⁸¹ Outros exemplos, em Plutarco, de pais que educam os filhos: *Emílio* 5.5, *Fócion* 20 (neste caso, é sobretudo educação ética) e *Cícero* 44.3-7 (tem uma boa relação com o filho, mas não parece ter qualquer intervenção na sua instrução moral).

filho, evitava usar palavras ignominiosas, tal como na presença das virgens sagradas a que chamam Vestais. 8. Catão jamais tomou banho com o filho. Isto parece que era um costume comum entre os Romanos, pois também os sogros evitavam tomar banho com os genros, envergonhando-se de se revelarem e de se desnudarem. Não obstante, aprendendo de imediato com os Gregos a desnudarem-se, eles, em sentido inverso, levaram os Gregos a praticar isso também com as mulheres. 9. Assim foi o belo trabalho de Catão para modelar e formar o filho para a virtude, posto que em relação ao zelo era irrepreensível e a alma condescendia com uma bondade natural, mas o corpo parecia muito frágil para realizar esforço, o que relaxou a sua extrema intensidade e conteve o estilo de vida¹⁸². 10. Embora fosse assim, era um bom homem nas campanhas militares e combateu, de forma brilhante, na batalha contra Perseu¹⁸³, sendo Paulo a comandar. Depois, caindo a espada por um golpe ou deslizando da mão por causa da humidade¹⁸⁴, sentindo pressão, voltou-se para alguns dos companheiros e, tomando-os para junto de si, foi novamente em direção aos inimigos. 11. Tendo iluminado o lugar com muita luta e grande violência, descobriu-a com dificuldade entre muitas pilhas de armas e corpos de mortos de amigos e inimigos amontoados por igual. Também por isso, o general Paulo se admirou com a criança, e há uma carta do próprio Catão em que louva, excessivamente, a veneração e o apego do filho pela espada. 12. E mais tarde, o jovem casou com a filha de Paulo, Tércia,

¹⁸² Note-se a relação entre *paideia* e *ethos*; cf. Plutarco, *Díon* 10.1-2 e *Bruto* 1.1-3.

¹⁸³ Refere-se à Batalha de Pidna.

¹⁸⁴ Ou 'suor'.

irmã de Cipião¹⁸⁵, tendo-se misturado com uma família tão importante, não menos por causa de si do que pelo seu pai. Sem dúvida, a diligência de Catão com o filho teve um fim digno.

21.1.¹⁸⁶ Ele adquiriu muitos escravos¹⁸⁷, comprando dos prisioneiros de guerra os mais jovens e capazes ainda de ser criados e educados, como os cachorros ou os potros¹⁸⁸. Destes, nenhum saiu para outra casa, a não ser que o enviassem o próprio Catão ou a mulher. Questionado um deles sobre o que fazia Catão, nada respondeu, somente que não sabia.

¹⁸⁵ Tércia era filha de Emílio Paulo e irmã de Cipião Emiliano (cf. *Emílio* 10.6-9).

¹⁸⁶ Veja-se, nesta secção, como a diferença de atitude entre Gregos e Romanos é assim realçada, se compararmos este relato com a forma humana com que os animais são tratados pelos Gregos (*Catão Censor* 5.3-5), ao contrário de Catão, que não teve qualquer pejo em abandonar o cavalo (*Catão Censor* 5.7) que usou nas campanhas por terras da Hispânia, para poupar o dinheiro do seu transporte. O uso de um animal para descrever o *ethos* de Catão e elucidar os ouvintes/leitores pode estar relacionado com o facto de na época imperial haver vários espetáculos com animais (cf. *Sobre a inteligência dos animais* 963C), por exemplo as *uenationes*, e de ser necessário reconhecer o afeto que Plutarco sentia por eles (cf. R. Barrow (1967) 112-117; vide C. Pelling (1989) 215), a propósito do anti-helenismo de Catão e da estrutura da biografia para pôr em relevo o efeito que a cultura helénica provocou nos Romanos, a ponto de se considerar essencial para o êxito destes.

¹⁸⁷ Em grego, *oiketes*; neste caso, não parece haver dúvidas de que se refere a escravos.

¹⁸⁸ Cf. *Da educação das crianças* 3E-F, em que se citam dois versos de Focílides que bem ilustram este tema: na sequência deste último texto, se citam dois versos de Focílides que bem ilustram este assunto:

χρὴ παῖδ' ἔτ' ἐόντα
καλὰ διδάσκειν ἔργα.

É necessário que ainda na infância
aprendam as ações virtuosas.

2. Queria que o escravo fizesse algo de necessário em casa ou que dormisse, e Catão gostava, especialmente, dos que dormiam, pensando que eram mais dóceis do que os que estavam levantados e que, tendo beneficiado do sono, serviam melhor em qualquer ação do que aqueles que estavam necessitados dele. 3. Por pensar que os escravos cometiam mais atos imprudentes em consequência dos prazeres sexuais, ordenou, fixando um valor, que se relacionassem com as criadas, mas que não se aproximassem de nenhuma outra mulher. No princípio, quando ainda era pobre e servia no exército, não se irritava com nada relacionado com a alimentação, mas denunciava que o mais reprovável era entrar em disputa com um servo por causa do estômago. 4. Mais tarde, tendo aumentado as suas ações, passando a organizar festins de amigos e companheiros, punia com uma correia, logo depois da refeição, os que tinham prestado serviço ou preparado qualquer coisa de forma muito negligente¹⁸⁹. Ele procurava sempre que os escravos tivessem uma disputa e diferença entre eles, por suspeitar e recluir a concórdia entre eles. Castigava os que pareciam ter feito algo merecedor de pena de morte, que depois de julgados, eram mortos perante todos os criados, se fossem condenados. 5. Entregando-se a ganhar dinheiro com mais intensidade, passou a considerar que a agricultura era mais uma forma de passar tempo do que uma atividade proveitosa, depositando os capitais em negócios seguros e sólidos, e assim comprou tanques, águas termais, lugares com acesso para os cardadores, mecanismos¹⁹⁰ de resina, um terreno que tinha pastagens naturais e bosques; a partir destes lhe vinha muito dinheiro

¹⁸⁹ Cícero (*Cato* 14.46) não faz referência a estes castigos após a refeição com os amigos.

¹⁹⁰ Pode também referir-se a fábricas de produção de resina.

a ponto de não poder, por Zeus, como ele próprio disse, ser prejudicado. 6. Também usou o mais caluniado dos empréstimos, o dos assuntos navais, da seguinte maneira: ordenou que aqueles que pedem dinheiro emprestado se organizassem numa comunidade de muitos. Quando chegaram a cinquenta e outros tantos barcos, ele próprio tinha uma quota por meio do liberto Quíncion, que auxiliava na transação dos empréstimos e navegava com ele. 7. Assim, o risco não era sobre o todo, mas sobre uma pequena parte, com grandes proveitos. Ele também dava dinheiro aos que de entre os servos queriam. Eles compravam crianças, depois, exercitando-as e ensinando-as a expensas de Catão, vendiam-nas após um ano. 8. Catão também ficava com muitas, que, tendo em conta o que fora pago, comprava-as dando um valor maior. Estimulando o seu filho para estas atividades, ele dizia que não era próprio de um homem, mas de uma mulher viúva, diminuir algum dos recursos. Mas ainda é mais veemente aquilo de Catão, ao ter tido a coragem de dizer que um homem admirável e divino para a fama é aquele que deixa nas contas mais bens que juntou do que aqueles que recebeu em herança.

22.1. Quando já era velho, chegaram a Roma os embaixadores de Atenas¹⁹¹, entre eles os filósofos Carnéades, da Academia, e o estoico Diógenes, para interceder contra uma certa multa, por condenação dos Siciónios, que tinha o valor de quinhentos talentos, aplicada ao povo de Atenas, tendo sido condenados sem comparecer¹⁹² pelos acusadores de Orópio¹⁹³. 2. De imediato, os mais amantes de letras entre os jovens apressaram-se a ir para junto destes homens e acompanharam-nos,

¹⁹¹ Chegaram a Roma em 155 a. C.

¹⁹² Ou seja, 'sem defesa'.

¹⁹³ Ou 'Oropo'.

escutando e admirando-se com eles. Era sobretudo a graciosidade de Carnéades, cujo poder era grande e a fama não era inferior ao seu poder, conseguindo grandes e generosos auditórios, que encheu a cidade, como o sopro do clamor, e a notícia espalhou-se: que um homem Grego, maravilhoso a ponto de apaixonar¹⁹⁴, encantando e submetendo todos, lançou aos jovens um desejo extraordinário; por meio do qual, tendo-se afastado de outros prazeres e ocupações, eles entusiasmaram-se pela filosofia. 4. Estes acontecimentos agradavam aos outros Romanos, que viam os jovens a receber a cultura grega e a acompanhar com admiração os maravilhosos homens. 5. Catão, pelo contrário, irritava-se desde o início com a forma como o ardor pelos discursos deles percorria a cidade, temendo que os jovens, mudando a sua ambição, preferissem mais a fama por aquilo que se diz do que pelos atos e campanhas militares. Como a reputação dos filósofos crescia na cidade e um homem ilustre, Gaio Acílio, traduziu, por sua própria diligência e desejo, os primeiros discursos deles perante o Senado, Catão resolveu afastar, por conveniência, todos os filósofos da cidade; 6. e, entrando no Senado, repreendeu os magistrados por uma embaixada ali permanecer com homens inativos, que podem, com facilidade, convencer sobre tudo o que quiserem. 7. Era, pois, necessário decidir algo rapidamente e votar sobre a embaixada, para que eles, voltando para as suas escolas¹⁹⁵, conversassem com os filhos dos Gregos, enquanto os jovens ouviam, como antes, as leis e os magistrados romanos.

23.1. Como alguns acreditam, ele não fez estas coisas por estar irritado com Carnéades, mas, de uma forma geral, entrava em choque com a filosofia e injuriava, com prodigalidade, toda

¹⁹⁴ O vocábulo grego remete para ‘perturbação mental’.

¹⁹⁵ Em grego, *scholē*.

a arte e cultura helénicas. Ele também disse que Sócrates era um charlatão e que se esforçou, conforme lhe permitia a sua maneira de ser, por tiranizar a pátria, dissolvendo os hábitos, e por arrastar e mudar os cidadãos para opiniões adversas às leis. 2. Gozando com a ocupação que Isócrates fazia do tempo livre, disse que os seus discípulos envelheciam junto dele, como se, no Hades junto de Minos, fizessem uso das artes e pronunciassem juízos. Convencendo o filho contra o que era helénico, ele usava um tom muito arrogante para um ancião, semelhante ao anúncio de um oráculo ou de um vaticínio, na medida em que temia que os Romanos, ao serem contagiados pelas letras gregas, fossem derrotados nas suas empresas. 3. Porém, o tempo vem provando que esta blasfémia dele é vã, pois a cidade atingiu o topo nas suas ações quando tinha como familiar o conhecimento e toda a cultura dos Gregos. Não só odiava aqueles que de entre os Gregos filosofavam, mas também desconfiava daqueles que exerciam a medicina em Roma; 4. e, tendo ouvido, segundo parece, a resposta que Hipócrates¹⁹⁶ deu ao convite, com muitos talentos, do grande rei, de que ele jamais se mostraria disponível para os bárbaros inimigos dos Gregos, Catão, por este motivo, dizia que este juramento era comum a todos os médicos e exortava o filho a se proteger deles todos; afirmava, ainda, que havia escrito ele mesmo um tratado com o qual cuidava e curava os doentes de casa. 5. De modo algum prescrevia o jejum a alguém, mas alimentava-os com legumes e pequenos bocados de carne de pato, de pombo e de lebre. 6. Na verdade, esta alimentação era ligeira e benéfica para os que estavam enfermos, não fosse o facto de os que assim comem terem muitos sonhos. Ele próprio dizia que,

¹⁹⁶ IX p. 316 L. (referência do TLG).

seguindo tal cuidado e regime, tinha saúde, além de conseguir manter saudáveis os da sua casa.¹⁹⁷

24.1. Em relação a isto, parece que não ficou sem castigo divino. Na verdade, ele perdeu a mulher e o filho. Mas ele, tendo uma constituição firme de corpo, com vigor e força, manteve-se por mais tempo, de maneira que, mesmo sendo velho, tinha relações sexuais, de forma regular, com alguma mulher, e contraiu casamento que não era oportuno para a idade, pelo seguinte. 2.¹⁹⁸ Tendo perdido a sua mulher, levou a cabo o casamento do seu filho com a filha de Paulo, irmã de Cipião, e ele, estando viúvo, relacionava-se com uma escrava¹⁹⁹, que secretamente ia ter com ele. No entanto, ao ter numa casa pequena uma recém-casada, havia conhecimento deste assunto, e numa ocasião uma mulherzinha, com aparência muito confiante, passou de forma ativa cerca do quarto, e o jovem nada disse, observando-a com muito azedume e voltando a cara, o que não escapou ao velho. 3. Ora, como não percebeu que

¹⁹⁷ Plínio, *História Natural* 29.14; a crítica que Catão faz à *paideia* e aos médicos gregos terá sido desenvolvida por Catão no seu livro *Ao filho Marco*, que reuniria conselhos sobre várias matérias para a instrução do seu filho; vide, a este propósito, A. Astin (1978) 332-340 e E. Gruen (1995) 76-80; é opinião corrente que esse livro seria uma espécie de enciclopédia, onde se coligiam ensinamentos sobre medicina, legislação, agricultura, retórica ou estratégia militar.

¹⁹⁸ 24.2-9: Se, durante a narrativa biográfica, Plutarco não esconde a sua admiração pela dedicação de Catão à família, e os esforços que ele fez por transmitir a que considerava ser a melhor *paideia*, termina a *synkrisis* com uma análise moral, pouco abonatória, sobre o segundo casamento de Catão, com uma jovem de baixa condição, que o Queronense acha pouco digno de um ancião com um filho já casado, aduzindo várias considerações éticas que só servem para fazer sobressair o carácter impoluto da *arete* de Aristides.

¹⁹⁹ O vocábulo *paidiske* também pode significar ‘prostituta’; cf. Heródoto 1.93 e Plutarco, *Péricles* 24.

eles estavam desagradados com a situação, não os acusou, nem os censurou, mas descendo, como era costume, com amigos para o Fórum, e chamando com voz alta por Salónio, um dos seus secretários, que estava ali e integrava o cortejo, perguntou-lhe se uniria a sua jovem filha com um noivo. 4. Ao responder-lhe o homem que não o faria sem antes o consultar, Catão disse: “Eu, na verdade, encontrei para ti um genro apropriado, se não, por Zeus, te desagrada a idade. Pois, não é repreensível quanto às outras coisas, mas é muito velho”. 5. Então, como Salónio lhe ordenava que ponderasse estas coisas e desse a jovem²⁰⁰ a quem a preferisse, pois sendo cliente dele e necessitando da sua solicitude, Catão, sem qualquer demora, disse que era para ele próprio que lhe pedia a donzela²⁰¹. 6. No início, parece que a resposta deixou espantado o homem, por considerar Catão longe do casamento, além de ele mesmo estar longe da família de um cônsul e da ligação a vencedores. Mas, vendo que Catão o tratava com cuidado, feliz o aceitou, e, descendo de imediato ao Fórum, fizeram os esposais²⁰². 7. Na celebração do casamento, o filho de Catão, tomando os amigos mais próximos, perguntou ao pai se, porventura, por censura ou tristeza graças a ele, trazia para casa uma madrasta. Gritando, Catão respondeu: “Evita palavras de mau augúrio, meu filho! De facto, são dignas de admiração para mim todas as tuas coisas e não de condenação. Desejo mais filhos para mim e cidadãos como estes para a pátria”. 8. Dizem que Pisístrato, o tirano de Atenas, pronunciou antes esta sentença, quando deu aos filhos adultos uma segunda

²⁰⁰ Em grego, *kore*.

²⁰¹ Em grego, *parthenos*.

²⁰² Equivale em latim a *vadimonium facere*: contrato público que era acordado entre as partes.

esposa²⁰³, a argólida Timonassa, de quem dizem que lhe deu Iofonte e Tessalo. 9. Após o casamento, Catão teve um filho, a quem puseram o nome Salónio, derivado da mãe. 10. O filho mais velho morreu como general²⁰⁴ e, muitas vezes, Catão recorda-o nos livros como sendo um homem bom; diz-se que suportou esse infortúnio com brandura e filosofia, e que não se tornou, por causa disso, mais débil para os assuntos políticos. 11²⁰⁵. De facto, não se cansou, como mais tarde Lúcio Lucúlo e Metelo Pio, de se dedicar à causa pública por causa da velhice, acreditando na política como serviço público²⁰⁶, nem como antes Cipião, o Africano, que voltou as costas ao povo por causa de se opor à inveja contra a sua fama, a partir de uma mudança que o levou, para o resto da vida, a ter um fim livre da política; tal como alguém convenceu Dionísio a acreditar que a tirania é a mais bela mortalha, Catão tornou a política a mais bela atividade da sua velhice, e, quando estava num momento de ócio, entregou-se a escrever livros e a trabalhar na agricultura, para descansar e se entreter²⁰⁷.

25.1. Com efeito, escrevia tratados de vários temas e histórias. Quando ainda era jovem dedicava-se à agricultura e por necessidade – ele dizia que tinha recorrido apenas a dois meios

²⁰³ Cf. *Temístocles* 32.

²⁰⁴ O vocábulo *strategos* pode também ser usado para designar o cargo de ‘pretor’; segundo Cícero, *Tusculanas* 3.70, seria essa a função do filho de Catão.

²⁰⁵ Plutarco louva Catão pela sua dedicação ao serviço público (*leitourgia*), por ser algo vitalício; *Sobre se um ancião deve ter atividade política* 791C: “Pois a atividade política não é nenhum serviço público que tem o que se pede como fim, mas é o tipo de vida de um animal domesticado, social e político, e que nasceu para viver o tempo que lhe está destinado em prol da cidade, do bem e dos homens”.

²⁰⁶ Em grego, *leitourgia*.

²⁰⁷ *Alex.* 40.2, quase igual a *Dem.* 22.3 (*alopos e praos*).

de ganhar a vida, à agricultura e à parcimónia²⁰⁸ – , mas, naquele momento, o que vinha do campo dava uma forma de passar o tempo e contemplação das coisas. 2. Também compôs um livro sobre agricultura, no qual escreveu sobre a preparação de pães achatados²⁰⁹ e conservação da fruta, gloriando-se por ser extraordinário e peculiar em tudo. 3. No campo, também a comida era muito abundante. De facto, ele chamava em cada ocasião os amigos dos campos vizinhos e dos lugares próximos, e convivia com eles alegremente, não apenas se relacionava de forma agradável e amável com os da sua idade, mas também com os jovens, já que era, seguramente, experiente em muitos assuntos e por ter conhecido muitos documentos e discursos dignos de serem ouvidos. 4. Ele acreditava que a mesa era das coisas mais importantes para fazer amigos; por um lado, muita honra introduzia nela de cidadãos belos e bons, e, por outro, muito esquecimento de inúteis e perversos, não dando Catão entrada no banquete à censura nem ao elogio a favor deles.

26.1. Pensa-se que a última das suas atividades políticas foi a destruição de Cartago, embora tenha colocado um fim nesta empresa o jovem Cipião, mas conduzindo a guerra, sobretudo, com o conselho e opinião de Catão, a partir da seguinte causa. 2. Catão foi enviado aos Cartagineses e ao numida Massanassas²¹⁰, que guerreavam entre si, para examinar os motivos da disputa. Ele era, de facto, amigo do povo²¹¹ desde o início, mas aqueles fizeram um pacto após terem sido derrotados por Cipião, tendo sido castigados com a redução²¹² de poder e

²⁰⁸ Ou ‘moderação’, ‘poupança’.

²⁰⁹ Seriam bolos lisos, sem altura, ou pães sírios, sem fermento; referido em Aristófanes, *Cavaleiros* 1219.

²¹⁰ Ou ‘Massinissas’ (cf. Montanari (2015)).

²¹¹ Entende-se que o numida era aliado dos Romanos.

²¹² Em grego, *aphairesis*, que pode significar redução de liberdade.

com o pesado tributo de dinheiro²¹³. 3. Encontrou a cidade não como os Romanos pensavam, arruinada e com modesta atividade, mas em que abundavam homens na flor da idade, repleta de grandes riquezas e cheia de armamento de todo o gênero e de equipamentos militares, e nada pequena era a sua humildade em vista destas coisas; então, pensara que não era o momento oportuno para os Romanos tratarem e decidirem os assuntos dos Numidas e de Massanassas, mas, se não tomassem a cidade que desde o início era inimiga e insubmissa, com um crescimento incrível, haveria de novo semelhantes perigos. 4. Então, tendo regressado rapidamente, Catão ensinou ao Senado que as derrotas e os infortúnios passados dos Cartagineses não retiraram tanto o poder quanto a irracionalidade, e que tornavam possível que eles não estivessem mais débeis, mas mais experientes para empreender os combates; e já os confrontos com os Numidas preconizavam os que fariam contra os Romanos, pois a paz e os pactos fazem com que fique inativo o nome da guerra, enquanto se aguarda por uma oportunidade.

27.1. Em relação a estes assuntos, também contam que Catão, agitando a toga²¹⁴, deixou cair, propositadamente, figos da Líbia no Senado, logo se admirando da sua grandeza e beleza, e disse que a região que produzia tais frutos estava a três dias de navegação de Roma. 2. Já o mais violento era aquilo que ao manifestar, em algum momento, a sua opinião sobre um determinado assunto, juntava ao já dito o seguinte: “Parece-me que Cartago não deve existir”²¹⁵. Por oposição,

²¹³ Refere-se a um tributo imposto aos Cartagineses, após a derrota na batalha de Zama.

²¹⁴ *Tebenna* ou *tebennos*, equivale a *toga* em latim.

²¹⁵ Trata-se da conhecida expressão *delenda est Carthago* ('Cartago deve ser destruída').

Públio Cipião, chamado Nasica, sempre terminava a dizer e a proclamar: 3. “Parece-me que Cartago deve existir”. De facto, segundo parece, este via como o povo cometia muitas faltas por insolência, que por causa do seu sucesso e orgulho era difícil de conter, e arrastando, com violência, toda a cidade por causa do seu poder até onde se inclinasse pelos impulsos, queria que ao menos este medo, tal como a rédea, refreasse o moralizador com a audácia da maioria, acreditando que o poder dos Cartagineses era muito pequeno para se superiorizar aos Romanos, mas demasiado grande para ser menosprezado. 4. Porém, isto parecia terrível a Catão, uma vez que sentia a ameaça da sempre grande cidade, sobre o povo que estava em furor báquico e vacilante muitas vezes por causa da autoridade, mas, agora, estando sóbria e punida pelos infortúnios, não parecia ter terminado por completo os medos externos da sua hegemonia, abandonando-se os recursos para os erros internos. 5. Deste modo, diz-se que Catão causou a terceira e última guerra contra os Cartagineses²¹⁶, mas iniciando-se o combate ele morreu, depois de profetizar quanto ao destino de um homem que colocaria fim à guerra e que ele seria nesse momento jovem, mas enquanto tribuno militar que servia no exército demonstrava não só ações de inteligência, mas também de audácia nos confrontos. 6. Tendo estas ações sido reportadas a Roma, Catão, ao tomar conhecimento, disse as seguintes palavras²¹⁷:

Apenas este está consciente, mas aqueles agitam-se como sombras.

²¹⁶ Refere-se à 3ª Guerra Púnica, declarada por Roma em 149 a. C. Catão morreu antes de a guerra ter terminado, mas convencido de que Cipião Emiliano destruiria Cartago.

²¹⁷ *Odisseia* 10, 495.

7. Sem dúvida, Cipião confirmou esta sentença rapidamente por meio das suas ações.

Catão deixou como descendente um filho do segundo casamento, o qual dissemos que tinha o sobrenome de Salónio, e um neto do filho falecido. Salónio morreu como pretor²¹⁸, enquanto Marco, seu filho, foi cônsul. Este, por sua vez, era avô do filósofo Catão²¹⁹, homem que pela sua virtude e fama foi o mais distinto do seu tempo.

²¹⁸ Neste contexto, *strategos* usado de forma isolada pode significar ‘pretor’; tal como em Dionísio de Halicarnasso 2.6.

²¹⁹ Note-se como Catão de Útica merece o título de *philosophos*, ainda que para Plutarco este seja sobretudo um homem de Estado, íntegro e mais propenso à ação do que à teoria; cf. *Conselhos políticos* 811A-B. Plutarco analisa sobretudo a ação política de Catão de Útica por não estar muito interessado em tecer considerações sobre a ligação que este tinha com o Estoicismo, até porque não concordava com muitas das ideias dessa corrente filosófica.

(Página deixada propositadamente em branco)

COMPARAÇÃO ENTRE ARISTIDES E CATÃO CENSOR

1.1.¹ Depois de narrados os feitos dignos de memória, a comparação de toda a vida deste com toda a vida do outro não permite ver com facilidade a diferença, que desaparece com as muitas e grandes semelhanças. 2². Mas, se é necessário dividir a comparação com uma parte para cada um dos dois, como um poema ou uma pintura, é comum a ambos que, não a partir de uma origem com recursos, chegaram à política e à fama por meio da virtude e da qualidade. Parece que Aristides se tornou proeminente quando Atenas ainda não era grandiosa e quando ele lidava com demagogos e estrategos com riquezas ainda proporcionais e uniformes. 3³. Nesta

¹ A referência nesta primeira secção da *synkrisis* à ajuda recebida de companheiros, tal como em *Comparação Sólon-Publicola* 3.3, *Comparação Pelópidas-Marcelo* 2.2-3 ou *Comparação Pércles-Fábio Máximo* 1.1-5

² Várias vezes se realça nas *synkriseis* o papel dos rivais; cf. *Comparação Nícias-Crasso* 2.4, *Comparação Díon-Bruto* 4.1-4 ou *Comparação Sertório-Êumenes* 1.6-9.

³ Catão Censor, por exemplo, participou em combates mais grandiosos do que Aristides, mas do ponto de vista moral talvez a vida do Ateniense esteja mais isenta de faltas, embora a sabedoria política de Catão tenha tido mais resultado prático; sobre a natureza dupla do sucesso romano, vide *Da glória dos Atenienses* 345E, 348E e *Flaminino* 11.5; registem-se, a propósito desta matéria, as palavras de S. Swain (1989a) 508: “The idea that ἀρετή needs the additional factors τύχη and δύναμις τελεσιουργός (*Sol.-Publ. synk.* 3.5, *Dion* 1.3) is fundamental to Plutarch’s thought elsewhere and to his conception here of Rome’s rise to greatness”; o mesmo estudioso, num outro artigo (1989b) 272-302, defende que Plutarco acreditava num passado pré-determinado e que o sucesso de Roma se devia à providência divina.

altura, o rendimento mais alto era de quinhentos medimnos, o segundo de trezentos [os cavaleiros] e o terceiro [os zeugitas] de duzentos⁴. Quanto a Catão, vindo de uma pequena cidade e tendo um estilo de vida rústico, lançou-se, tal como ao imenso pélago, à política em Roma, quando já não exerciam a função de líderes Cúrio, Fabrício e Atílio, nem a cidade admitia como governantes e demagogos a pobres que a partir do arado e da enxada, e trabalhando por si só, subissem à tribuna, mas tinha por costume olhar para as famílias mais importantes, ricas, os donativos⁵ e aspirações a cargos⁶, e gozava por orgulho e também por poder dos que tinham valor para a governar. 4. Não era igual ter por rival a Temístocles, que não era de uma família distinta e que tinha posses medianas – na verdade, dizem que a sua fortuna era de cinco ou três talentos quando se iniciou na política – que competir pelos primeiros lugares com Cipiões Africanos, Sérvios Galbas e Quíntios Flamininos, não tendo mais incentivo que apenas uma voz que se exprimia abertamente em favor dos justos.

2.1. Além disso, Aristides em Maratona e de novo em Plateia era um dos dez estrategos⁷, enquanto Catão foi eleito segundo cônsul de entre muitos oponentes, segundo censor, ultrapassando sete opositores brilhantes e dos primeiros em importância. 2. Aristides não foi o primeiro em nenhum dos sucessos, mas Milcíades ocupou o primeiro lugar em Maratona,

⁴ Cf. *Aristides* 1.3.

⁵ *Nome* equivale em latim a *donativa*.

⁶ Igual vocábulo é usado na biografia de Emílio (38).

⁷ Na biografia de Aristides, refere que Temístocles teve mais poder na batalha de Salamina (8.1), enquanto Aristides assumiu essa função na de Plateias (11.1), embora, como se explicou em nota a esses passos, os dez estrategos tinham poderes idênticos.

Temístocles em Salamina e, em Plateias, conta Heródoto⁸ que Pausânias arrebatou a mais bela vitória; até os Sófanes, Amínias, Calímacos e Cinegiros disputaram o segundo lugar com Aristides, distinguindo-se, de forma magnificente, naqueles confrontos. 3. Catão, pelo contrário, enquanto cônsul, não só obteve o primeiro lugar pela sua força⁹ e conhecimento durante a campanha Ibérica, mas também como tribuno militar nas Termópilas, sendo outro cônsul, obteve a glória da vitória, tendo aberto aos Romanos os grandes portões contra Antíoco e por ter dirigido, pela retaguarda, uma guerra contra o rei que olhava apenas para diante. De facto, aquela vitória, que é uma empresa conhecida de Catão, expulsou a Ásia da Hélade e abriu, assim, a passagem a Cipião. 4. Nos combates que travaram, ambos permaneceram invencíveis, mas enquanto Aristides, condenado ao ostracismo e vencido por Temístocles, fracassou na política, Catão, por sua vez, tendo a todos por opositores, que, como se diz numa expressão, eram em Roma os mais poderosos e importantes, opondo-se a eles, como um atleta, até à velhice, conservou-se sem cair. 5. Tendo defendido e acusado em muitos processos públicos, ganhou a maioria e escapou de todos, pois tinha, como defesa¹⁰ da sua vida e instrumento ativo, a eloquência¹¹, a qual com mais justiça do que sorte e génio¹² do homem alguém atribuiria o facto de nada sofrer contra a dignidade. De facto, Antípatro¹³ confirmou algo valioso em relação ao filósofo Aristóteles, ao escrever sobre ele,

⁸ 9.64.

⁹ À letra: ‘pelo seu braço’.

¹⁰ Parece-nos, neste contexto, ser o sentido do vocábulo *problema*.

¹¹ Note-se o *logos* enquanto *problema* (‘defesa contra algo’) e *organon* (‘instrumento’).

¹² *Daimon*: força divina que acompanha o homem.

¹³ FHG II 338; na *synkrisis* do par *Alcibiades-Coriolano* 3.3, Plu-

depois da morte, que o homem também tinha, além de outros, o dom da persuasão.

3.1.¹⁴ Que, em verdade, o ser humano não adquire nada mais completo do que a virtude política, é incontestável. A maioria deposita uma parte não pequena dela na economia. Pois, a cidade, sendo uma composição e soma de casas, ganha força para os assuntos públicos com as vidas privadas dos cidadãos prósperos; por isso, também Licurgo¹⁵, tendo banido o dinheiro e ouro de Esparta, instituiu entre eles o costume de uma moeda de ferro fundido pelo fogo e não afastou os cidadãos da economia, mas proibiu as sumptuosidades, as falsidades, as extravagâncias da riqueza, de modo que houvesse para todos abundância das coisas necessárias e úteis, como nenhum outro legislador previu, preocupando-se na comunidade do Estado mais com o necessitado, o que não tem habitação e o pobre que vive com alguém, do que com o opulento e o imoderado. 2¹⁶. Pois bem, parece que Catão não foi em nada mais indolente na administração da casa do que da cidade. Em verdade, ele também aumentou os seus próprios recursos, constitui-se como mestre para os outros em economia caseira e

tarco cita mesmo as palavras de Antípatro da Macedónia, general de Filipe e de Alexandre, com as mesmas palavras que aqui usa.

¹⁴ A *politeia* como a virtude mais perfeita que um homem pode alcançar; em *Numa* 5-6, Numa recusa assumir o reino por se considerar um filósofo, mas o pai tenta demovê-lo, argumentando que, para um sábio como ele, a governação é uma oportunidade de origem divina, que permitirá fazer uso da justiça e dos mais nobres valores.

¹⁵ Vide a ação do legislador espartano na biografia que Plutarco lhe dedica, em especial as secções 8 e 9.

¹⁶ Note-se como nem sempre os vocábulos *paidagogos* e *didaskalos* designam aqueles que ensinam a leitura ou a escrita, pois, em alguns passos, adquirem um sentido metafórico, como neste caso, de economia e agricultura.

agricultura, coligindo sobre estes assuntos muitos e úteis conselhos. Aristides, por sua vez, caluniou a justiça com a pobreza, como se o que leva à ruína e dá origem a mendigos fosse mais útil para todos do que para os que a praticam. 3. Ainda que Hesíodo, apelando-nos, falou muitas vezes sobre a justiça e, em conjunto, sobre a economia, e censurou a ociosidade como um princípio de injustiça, de igual modo, em Homero¹⁷, bem se compôs sobre isto:

Não era amante do trabalho,
nem do trabalho doméstico, onde se alimentam nobres filhos,
mas sempre amei as naus equipadas com remos,
guerras, lanças bem polidas e flechas,

como se aqueles que negligenciam as suas casas também abrissem caminho à injustiça. 4. Pois, não é verdade, como dizem os médicos que o azeite é o mais benéfico para a parte externa do corpo, mas o mais prejudicial para a parte interior, que, do mesmo modo, o justo seja mais útil para os outros e descuidado consigo próprio e com as suas coisas privadas, mas parece que quanto a isto Aristides se descuidou na sua atividade política, se, como a maioria conta, nem providenciou deixar um dote para as filhas nem o pagamento das suas próprias cerimónias fúnebres. 5. Por seu lado, a casa de Catão forneceu a Roma pretores e cônsules até à quarta geração. De facto, os seus netos e até os filhos destes exerceram os mais altos cargos. Quanto à família de Aristides, tendo ocupado o primeiro lugar entre os Gregos, a muita e penosa pobreza conduziu uns para as tabuletas dos trapaceiros, outros foram forçados a estender

¹⁷ Cf. *Odisseia* 14, 222-225.

as mãos em refeições públicas por necessidade, e a nenhum permitiu ter nada de brilhante, nem digno daquele homem.

4.1. Isto tem, em princípio, discussão? A pobreza não é de modo algum uma vergonha por si mesma, mas apenas quando é uma evidência da preguiça, da intemperança, da irreflexão e da opulência. Mas, quando a pobreza está unida a um homem moderado, laborioso, justo, corajoso e devotado ao serviço público com todas as virtudes, é um sinal de grandeza de espírito e de magnanimidade. 2. Com efeito, não é possível realizar grandes ações prestando atenção a coisas pequenas, nem auxiliar muitos necessitados quando o próprio necessita de muitos. O maior recurso para o exercício político não é a riqueza, mas a autarcia, que, não levando a negligenciar os assuntos de Estado, de forma alguma precisa, em particular, de coisas inúteis. Na verdade, a divindade é, por completo, autossuficiente¹⁸, de entre as virtudes humanas o que reduz a necessidade ao mínimo, isso é o mais perfeito e divino. 3. Tal como o corpo bem equilibrado em relação ao vigor não necessita de vestes, nem de comida refinada, assim também a casa e a vida que têm saúde se administram com aquilo que existe. É preciso que a posse seja proporcional à necessidade, pois o que reúne muitas coisas, apesar de necessitar de poucas, não é autossuficiente, mas se não necessita, é frívolo ao procurar o que não deseja, ou se o deseja, é um desafortunado que se priva da fruição por mesquinhez. 4. Com prazer, questionaria o próprio Catão: se a riqueza provoca deleite, por que, apesar de possuíres muitos bens, te orgulhas em satisfazer-te com coisas medianas? Se é magnífico, como é, apreciar um pão que se obtém, beber o mesmo vinho que os trabalhadores

¹⁸ Plutarco usa o adjetivo *aprosdees*.

do campo e os servos¹⁹ bebem, e não precisar de adornos de púrpura nem de uma casa estucada, pois nem Aristides, nem Epaminondas, nem Mânio Cúrio, nem Gaio Fabrício deixaram para trás aquilo que convém ao renunciarem a deleitar-se com a posse de bens cujo uso desaprovavam. 5. De facto, não era necessário para um homem, que tinha tornado os nabos²⁰ o mais prazeroso alimento e cozido por ele próprio, enquanto ao mesmo tempo a sua mulher amassava farinha de cevada, tagarelar tantas vezes sobre um asse e escrever com que trabalho alguém se tornaria rico com rapidez. Grandes qualidades são a simplicidade e a autossuficiência, porque se remove, ao mesmo tempo, o desejo e a preocupação com as coisas supérfluas. 6. Também por isso, contam que, no juízo de Cálías, Aristides disse que convém envergonhar-se com a pobreza dos que são, involuntariamente, pobres, mas dos que são voluntariamente, como ele, convém ter orgulho. 7. Assim, é absurdo pensar que a pobreza de Aristides é por causa da preguiça, ele que poderia ser rico sem fazer nada de vergonhoso, mas apenas espoliar o cadáver de um bárbaro ou apoderar-se de uma tenda²¹. Sobre estes assuntos era isto que havia a dizer.

5.1. As campanhas militares de Catão, com grandes ações, não juntaram nada grande, enquanto entre as de Aristides estão as mais belas, extraordinárias e principais das ações dos Gregos, ou seja, Maratona, Salamina e Plateias²². 2. Não seria, sem

¹⁹ Segundo o LSJ, o vocábulo pode ter o significado de ‘escravos’, mas o dicionário de Montanari (2015) não coloca essa hipótese.

²⁰ O vocábulo grego *goggulis* (em latim, *brassica rapa*) também significa o mesmo género de pão que é referido em 25.2.

²¹ *Skene*, tal como em *Aristides* 5.6, refere-se a uma tenda onde teriam guardado as riquezas.

²² Note-se como Plutarco considera Maratona, Salamina e Plateias as mais brilhantes e importantes ações dos Gregos; cf. *Flaminino* 11.3-7.

dúvida, justo comparar Antíoco a Xerxes, nem as muralhas destruídas das cidades Ibéricas com tão numerosos falecidos, tanto na terra como no mar. Nestas coisas, Aristides não foi inferior a ninguém, mas concedeu a fama e as coroas aos que tinham mais necessidade disso, como se não tivesse interesse pela riqueza e pelos bens, porque ele já era indiferente a todas estas coisas.²³ Eu não censuro Catão por se exaltar sempre e colocar-se a ele próprio o primeiro de todos. No entanto, afirmou num discurso que elogiar-se a si próprio, tal como censurar-se, é errado, mas parece-me mais perfeito, com respeito à virtude, aquele que não necessita que outros o elogiem do que aquele que muitas vezes se elogia a si mesmo.²⁴ 4. Ser indiferente a honras é não pequeno recurso para o afável exercício da política, e o desejo de honras é, por oposição, penoso e muito gerador de inveja. Aristides afastou-se totalmente deste desejo, enquanto Catão participou dele por completo. Aristides, tendo cooperado em coisas importantes com Temístocles e escoltado, num certo sentido, o seu cargo de estratega, endireitou Atenas, enquanto Catão, por se opor a Cipião, quase desbaratou e arruinou a campanha militar dele contra os Cartagineses, na qual destruiu o invencível Aníbal; por fim, maquinando sempre algumas insídias e falsas acusações, baniu Cipião da cidade e enredou o seu irmão numa desonrosa acusação por roubo.

6. 1. Sem dúvida, Catão embelezou sempre a prudência com os maiores e mais belos elogios, enquanto Aristides

²³ Sobre o elogio, em *Címon* 2.4-5, Plutarco mostra a sua intenção de respeitar a verdade e de não esconder os defeitos das suas personagens, mesmo daquelas que merecem os mais nobres elogios, até porque a perfeição humana é algo em que Plutarco parece não acreditar.

²⁴ Ou 'parece-me que aquele que não necessita que outros o elogiem é mais perfeito em relação à virtude do que aquele que muitas vezes se elogia a si mesmo'.

preservou-a como algo verdadeiramente intocável e puro; porém, o casamento do próprio Catão, ao mesmo tempo contra a sua honra e idade, espalhou uma não insignificante e malévola acusação sobre isto. 2. De facto, dar já tão velho ao filho adulto e à sua mulher como noiva a jovem filha do seu servo e que prestava serviço público por um salário não é próprio de um pai virtuoso, mas quer o fizesse por prazer, quer por ira, vingando-se do filho por meio da hetera, a ação e o alegado motivo são vergonhosos. Sendo irónico com o jovem, ele recorreu a um argumento que não era verdadeiro. 3. Se, na verdade, quisesse gerar filhos igualmente nobres, era necessário que ele tivesse contraído um nobre casamento²⁵, verificado desde o início, em vez de se satisfazer, enquanto passou despercebido, em dormir com uma mulher ilegítima e banal²⁶, mas quando foi descoberto, tornou seu sogro o que era mais fácil de persuadir, não aquele que lhe daria uma união mais honrosa.

²⁵ Semelhante ideia é expressa no início do tratado *Da educação das crianças*, sobre o *genos* e a necessidade de escolher uma boa mulher para ter filhos.

²⁶ Pode ter o sentido de ‘partilhada’.

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

- Artacho, M. B. (2001), “La vida de Arístides. Aproximaciones a la idea de justicia”. in A. Pérez Jiménez & F. Casadesús (Eds.), *Estudios sobre Plutarco. Misticismo y Religiones Místicas en la Obra de Plutarco (Actas del VII Simposio Español sobre Plutarco, Palma de Mallorca, 2-4 nov. 2000)*, Madrid-Málaga, 337-344.
- Astin, A. (1978), *Cato the Censor*. Oxford.
- Barrow, R. (1967), *Plutarch and his Times*. London.
- Beneker, J. (2004/2005), “The theory and practise of ostracism in Plutarch’s *Lives*”. *Ploutarchos* n.s. 2: 3-10.
- Duff, T. (2002), *Plutarch’s Lives: Exploring Virtue and Vice*. Oxford.
- Flacelière, R. & Chambry, É. (1969), *Plutarque. Vies. Tome V: Aristide-Caton l’Ancien. Philopoemen-Flamininus*, Paris.
- Frazier, F. (1996), *Histoire et Morale dans les Vies parallèles de Plutarque*. Paris.
- Frazier, F. (1987), “À propos de la composition des couples dans les Vies parallèles de Plutarque”. *RPh* 61: 65-75.
- Gruen, E. (1986r), *The Hellenistic World and the Coming of Rome*. Berkeley, Los Angeles & London.
- Gruen, E. (1995), *Culture and National Identity in Republican Rome*. Ithaca & New York.
- Gruen, E. (2006), “Greeks and non-Greeks”. in G. Bugh (Ed.), *The Cambridge Companion to the Hellenistic World*. Cambridge, 295-314.
- Guzmán Hermida, J. & Martínez García, Ó. (2007), *Plutarco. Vidas Paralelas IV: Aristides-Catón, Filopemén-Flaminino, Pirro-Mario*. Madrid.

Henrichs, A. (1995), "Graecia capta: Roman Views of Greek Culture". *HSCP* 97: 243-261.

Leão, D. (2003), *Aristóteles. Constituição dos Atenienses*. Lisboa.

Limentani, I. C. (1964), *Vita Aristidis*. Firenze.

Montanari, F. (2015), *The Brill Dictionary of Ancient Greek*. English Edition edited by M. Goth & C. Schroeder. Leiden.

Ramón Palerm, V. (1992), *Plutarco y Nepote: Fuentes e Interpretación del Modelo Biográfico Plutarqueo*. Zaragoza.

Pelling, C. (1989), "Plutarch: Roman heroes and Greek culture". in M. Griffin & J. Barnes (Eds.), *Philosophia Togata. Essays on Philosophy and Roman Society*, Oxford, 199-232.

Pelling, C. (2002a), "Truth and fiction in Plutarch's Lives". in *Plutarch and History*, Swansea, 143-170.

Pelling, C. (2002b), "Synkrisis in Plutarch's Lives". in *Plutarch and History*, Swansea, 349-363.

Pérez Jiménez, A. (1980), "Pobreza, justicia y patriotismo en la *Vida de Aristides* de Plutarco", *Sodalitas* 1: 145-153.

Pérez Jiménez, A. (2004), "Los héroes de Plutarco y su elección entre la justicia y la utilidad", L. de Blois *et al.* (Eds.), *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*. Leiden & Boston, 127-136.

Pimentel, C. (1997), *Catão Censor*. Coleção Vultos da Antiguidade, nº 5, Mem Martins.

Pinheiro, J. (2006), "O exercício da virtude na vida pública: o exemplo de Aristides". *Classica* 25: 23-34.

Pinheiro, J. (2013), *Tempo e Espaço da Paideia nas Vidas de Plutarco*. Coimbra.

Ribeiro Ferreira, J. (1992), *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*. Lisboa.

- Stadter, P. A. (1997), "Plutarch's Lives: the statesman as moral actor". in C. Schrader, V. Ramón & J. Vela, *Plutarco y la Historia (Actas del V Simposio Español sobre Plutarco, Zaragoza, 20-22 de junio de 1996)*, Zaragoza, 65-81.
- Stadter, P. A. (2000: 493-510), "The Rhetoric of Virtue in Plutarch's Lives", in L. Van der Stockt (Ed.), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch, Acta of IVth International Congress of The International Plutarch Society, Leuven, July 3-6, 1996*, Louvain.
- Swain, S. (1989a), "Plutarch's De fortuna romanorum". *CQ* 39 (1989), 504-516.
- Swain, S. (1989b), "Plutarch: Chance, Providence, and History". *AJP* 110 (1989), 272-302.
- Swain, S. (1992), "Plutarchan Synkrisis". *Eranos* 90: 101-11.
- Swain, S. (1998r), *Hellenism and Empire. Language, Classicism, and Power in the Greek World, ad 50-250*. Oxford.
- Teodorsson, S.-T. (1997), "Ethical historiography. Plutarch's attitude to historical criticism". in C. Schrader *et al.* (Ed.), 439-47.
- Valgiglio, E. (1992), "Dagli 'Ethicà' ai 'Bioi' in Plutarco". *ANRW* II.33.6: 3963-4051.
- Van der Valk, M. (1982), "Notes on the composition and arrangement of the Biographies of Plutarch". *Studi i Onore di A. Colonna, Ist. Di Filologia class.*, 301-337.
- Velázquez Fernández, A. E. (2001), "Presencia y ausencia del educador en las *Vidas* de Plutarco". in A. Pérez Jiménez & F. Casadesús (Eds.), *Estudios sobre Plutarco. Misticismo y religiones Místicas en la Obra de Plutarco (Actas del VII Simposio Español sobre Plutarco, Palma de Mallorca, 2-4 nov. 2000)*, Madrid-Málaga, 441-450.
- Xenophontos, S. (2016), *Ethical Education in Plutarch. Moralising Agents and Contexts*. Berlin.

Whitmarsh, T. (2001), *Greek Literature and the Roman Empire: the Politics of Imitation*. Oxford.

_____ (2005), *The Second Sophistic*. Greece & Rome, New Surveys in the Classics n° 35, Oxford.

ÍNDICE DE NOMES

Na listagem, incluímos os nomes próprios referidos nas duas biografias (*Arist.* e *Cat.*) e na *synkrisis* (*Comp.*).

- | | |
|--|--|
| Acaia, <i>Cat.</i> 9.2, 9.3 | Arimnesto, <i>Arist.</i> 11.5, 11.6, 11.8 |
| Actéon, <i>Arist.</i> 11.3 | Aristides, <i>passim</i> |
| Agásias Acarneu, <i>Arist.</i> 13.3 | Aristogíton, <i>Arist.</i> 27.6 |
| Aimnesto, <i>Arist.</i> 19.1 | Aríston de Ceos, <i>Arist.</i> 2.3 |
| Ajântide, <i>Arist.</i> 19.6 | Aríston de Quios, <i>Cat.</i> 18.4 |
| Alalcoménio, <i>Arist.</i> 21.3 | Aristóteles, <i>Arist.</i> 27.3; <i>Comp.</i> 2.5 |
| Alcibíades, <i>Arist.</i> 7.3, 27.2 | Aristóxeno, <i>Arist.</i> 27.3 |
| Alcméon, <i>Arist.</i> 25.10 | Arnaces, <i>Arist.</i> 9.6 |
| Alexandre, <i>Arist.</i> 11.9, 15.3; <i>Cat.</i> 15.5 | Arquéstrato, <i>Arist.</i> 1.3, 1.6 |
| Alópece, <i>Arist.</i> 1.1 | Artabazo, <i>Arist.</i> 19.5 |
| Amílcar, <i>Cat.</i> 8.14 | Ártemis, <i>Arist.</i> 20.6, 20.7 |
| Amonfáreto, <i>Arist.</i> 17.2, 17.3, 17.4, 17.6 | Ásia, <i>Arist.</i> 9.5; <i>Cat.</i> 12.2; <i>Comp.</i> 2.3 |
| Andrócrates, <i>Arist.</i> 11.3, 11.8 | Asopo, <i>Arist.</i> 11.2, 15.2 |
| Anfiarau, <i>Arist.</i> 3.5, 19.1, 19.2 | Atenas, <i>Arist.</i> 10.3, 11.7, 20.3, 25.3, 25.9, 26.1, 27.6 |
| Aníbal, <i>Cat.</i> 1.8, 12.1, <i>Comp.</i> 5.4 | Ática, <i>Arist.</i> 5.5, 8.1, 10.7, 11.5, 11.8 |
| Antágoras de Quios, <i>Arist.</i> 23.5 | Babilónia, <i>Cat.</i> 4.5 |
| Antíoco, <i>Cat.</i> 12.1, 12.2, 13.1, 14.1; <i>Comp.</i> 2.3, 5.2 | Beócia, <i>Arist.</i> 8.1 |
| Antióquida, <i>Arist.</i> 1.1, 5.4 | Bétis, <i>Cat.</i> 10.3 |
| Antípatro, <i>Comp.</i> 2.5 | Bitínia, <i>Cat.</i> 9.1 |
| Aquiles, <i>Arist.</i> 7.8 | |

- Brundísio, *Cat.* 14.3
- Cálias, *Arist.* 5.7, 5.8, 25.4, 25.6, 25.7, 25.8; *Comp.* 4.6
- Calícrates, *Arist.* 17.8
- Calídro, *Cat.* 13.2
- Calístenes, *Arist.* 27.3
- Carnéades, *Cat.* 22.1, 22.2, 23.1
- Cartago, *Cat.* 26.1, 26.2, 27.2, 27.3
- Catão Censor, *Cat. passim*
- Celtiberos, *Cat.* 10.1
- Címon, *Arist.* 10.10, 23.1, 23.2, 25.10; *Comp.* 5.4
- Cipião Africano, *Arist.* 3.5, *Cat.* 3.5, 3.6, 3.7, 11.1, 11.3, 11.4, 15.1, 15.5, 18.1, 24.11; *Comp.* 5.4
- Cipião Emiliano, *Cat.* 9.1, 15.5, 20.12, 24.2, 26.1, 26.2, 27.7; *Comp.* 2.3
- Citéron, *Arist.* 11.4, 11.7, 14.1
- Cleócrito, *Arist.* 8.6, 20.2
- Clidemo, *Arist.* 19.6
- Clístenes, *Arist.* 2.1
- Core/Perséfone, *Arist.* 11.3, 11.6
- Corinto, *Arist.* 20.2
- Cratero da Macedónia, *Arist.* 26.1, 26.4
- Críton, *Arist.* 1.9
- Damócrates, *Arist.* 11.3
- Dámon, *Arist.* 1.7
- Dario, *Arist.* 5.1
- Dátis, *Arist.* 5.1
- Delfos, *Arist.* 11.3, 20.4, 20.5
- Delos, *Arist.* 25.3
- Deméter, *Arist.* 11.3, 11.5, 11.6
- Demétrio de Falero, *Arist.* 1.2, 1.8, 1.9, 5.9, 26.3, 26.4, 26.5, 27.3
- Demóstenes, *Cat.* 2.5, 4.1
- Diofanto de Anfítrope, *Arist.* 26.3
- Diógenes (estóico), *Cat.* 22.1
- Díon de Siracusa, *Arist.* 1.4
- Dioniso, *Arist.* 1.3, 9.2
- Egina, *Arist.* 8.2
- Elêusis, *Arist.* 11.5
- Emílio Paulo, *Cat.* 15.5, 20.10, 20.11, 20.12, 24.2
- Epaminondas, *Arist.* 1.4; *Comp.* 4.4
- Escopas, *Cat.* 18.5
- Esparta, *Arist.* 10.3, 17.10, 20.2, 23.7; *Comp.* 3.1
- Êsquilo, *Arist.* 3.5
- Êsquines Lamptreu, *Arist.* 13.3, 25.9
- Estesilau, *Arist.* 2.4
- Euclides, *Arist.* 1.6
- Eufrântides, *Arist.* 9.2
- Êumenes, *Cat.* 8.12
- Euquidas, *Arist.* 20.5, 20.6
- Euribíades, *Arist.* 8.2, 8.5
- Europa, *Arist.* 9.5

- Fábio Máximo, *Cat.* 2.3, 3.4, 3.5, 3.6
 Fenipo, *Arist.* 5.10
 Filipe, *Cat.* 12.3, 17.1
 Gaio Acílio, *Cat.* 22.5
 Hades, *Cat.* 23.2
 Hecatômpedon, *Arist.* 5.3
 Helesponto, *Arist.* 9.5, 10.1
 Heródoto, *Arist.* 16.1, 19.7
 Hesíodo, *Comp.* 3.3
 Hipérbolo, *Arist.* 7.3, 7.4
 Hipócrates, *Cat.* 23.4
 Hipsíon, *Arist.* 11.4
 Hísias, *Arist.* 11.6
 Hispânia, *Cat.* 10.1
 Homero, *Comp.* 3.3
 Íaco, *Arist.* 26.4
 Ibéria, *Cat.* 5.7, 10.3, 11.1; *Comp.* 2.3, 5.2
 Idomeneu, *Arist.* 1.8, 4.4, 10.9
 Iofonte, *Cat.* 24.8
 Istro, *Cat.* 12.1
 Isócrates, *Cat.* 23.2
 Itália, *Cat.* 1.8, 2.1
 Jacíntias, *Arist.* 10.8
 Jerónimo de Rodes, *Arist.* 27.3
 Lemnos, *Arist.* 27.6
 Leócrates, *Arist.* 20.1
 Leóntida, *Arist.* 5.4
 Lesbos, *Arist.* 23.4
 Lêucon, *Arist.* 11.3
 Líbia, *Cat.* 3.5, 27.1
 Licínia, *Cat.* 20.2
 Licurgo, *Arist.* 2.1; *Cat.* 3.1
 Lisímaco, *Arist.* 1.1, 1.6, 25.5, 27.2, 27.3, 27.4
 Lúcio Lucúlo, *Cat.* 24.11
 Lúcio Málio, *Cat.* 13.2
 Lúcio Quíncio Flaminino, *Cat.* 17.1
 Manílio, *Cat.* 17.7
 Mânio Acílio, *Cat.* 12.1
 Mânio Cúrio, *Cat.* 2.1, 8.14; *Comp.* 4.4
 Maratona, *Arist.* 5.1, 5.6, 5.10, 16.4, 16.5; *Comp.* 2.1, 2.2, 5.1
 Mardónio, *Arist.* 5.10, 10.1, 10.6, 14.1, 14.8, 15.2, 15.4, 16.6, 16.7, 17.2, 17.5, 19.1
 Masístio, *Arist.* 14.5, 14.6, 14.8
 Massanassas, *Cat.* 26.1, 26.3
 Menécio, *Arist.* 20.7
 Metelo Pio, *Cat.* 24.11
 Milcíades, *Arist.* 5.1, 5.2, 5.3, 16.5, 26.5,
 Minos, *Cat.* 23.2
 Mirónides, *Arist.* 10.10, 20.1
 Mirto, *Arist.* 20.7, 27.3
 Nearco, *Cat.* 2.3
 Néocles, *Arist.* 2.1
 Nestor, *Cat.* 15.5
 Nícias, *Arist.* 7.3
 Olímpia, *Cat.* 5.4

Olimpiodoro, <i>Arist.</i> 14.5	Quílon, <i>Cat.</i> 20.5
Oresteus, <i>Arist.</i> 10.9	Quíncion, <i>Cat.</i> 21.6
Orópio/Oropo, <i>Cat.</i> 22.1	Quios, <i>Arist.</i> 23.4
Pácio, <i>Cat.</i> 10.6	Salamina, <i>Arist.</i> 8.2, 9.1, 10.7, 16.5; <i>Cat.</i> 5.4; <i>Comp.</i> 2.2, 5.1
Panécio, <i>Arist.</i> 1.6, 26.4	Salónio, <i>Cat.</i> 24.3, 24.5, 24.9, 27.7
Pátroclo, <i>Arist.</i> 20.7	Samos, <i>Arist.</i> 23.4
Pausânias, <i>Arist.</i> 11.2, 11.3, 14.3, 15.5, 15.6, 16.1, 16.2, 17.3, 17.4, 17.6, 17.7, 17.10, 18.1, 18.2, 18.5, 20.3, 23.1, 23.2, 23.3, 23.5, 23.6	Sandace, <i>Arist.</i> 9.2
Pelópidas, <i>Arist.</i> 1.4	Sardenha, <i>Cat.</i> 6.2
Pérgides, <i>Arist.</i> 1.7, 24.4, 24.5, 25.9, 26.5; <i>Cat.</i> 8.14	Sardes, <i>Arist.</i> 5.1
Perseu, <i>Cat.</i> 15.5, 20.10	Seleuco Nicátor, <i>Cat.</i> 12.2
Petílio, <i>Cat.</i> 15.1	Sérvio Galba, <i>Cat.</i> 15.5
Pisandro, <i>Arist.</i> 11.3	Sicília, <i>Cat.</i> 3.6
Platão, <i>Arist.</i> 1.4, 25.9; <i>Cat.</i> 2.4, 7.1	Sócrates, <i>Arist.</i> 1.9, 27.3, 27.4; <i>Cat.</i> 7.1, 20.3, 23.1
Plateias, <i>Arist.</i> 1.8, 5.10, 11.1, 11.4, 11.9, 13.1, 17.4, 18.1, 19.8, 21.1, 23.6	Tarento, <i>Cat.</i> 2.3, 14.3
Políbio, <i>Cat.</i> 9.2, 9.3, 10.3	Temístocles, <i>Arist.</i> 2.1, 2.5, 3.1, 3.2, 4.3, 4.4, 5.4, 7.1, 8.1, 8.3, 8.5, 8.6, 9.5, 9.6, 22.3, 24.6, 25.10, 26.5; <i>Cat.</i> 8.4, 8.14; <i>Comp.</i> 1.4, 2.2, 2.4, 5.4
Polícrite, <i>Arist.</i> 27.3	Teofrasto, <i>Arist.</i> 25.2
Poliido, <i>Arist.</i> 11.3	Teogíton, <i>Arist.</i> 20.2
Postúmio Albino, <i>Cat.</i> 12.6	Tércia, <i>Cat.</i> 20.12
Pótamo, <i>Arist.</i> 27.6	Termópilas, <i>Cat.</i> 13.1; <i>Comp.</i> 2.3
Pritaneu, <i>Arist.</i> 27.2	Tessália, <i>Arist.</i> 8.1
Psitália, <i>Arist.</i> 9.1, 9.4	Tessalo, <i>Cat.</i> 24.8
Ptoo, <i>Arist.</i> 19.2	Tibério Semprônio, <i>Cat.</i> 12.1
Públio Cipião (Nasica), <i>Cat.</i> 27.2	Timonassa, <i>Cat.</i> 24.8
	Tisâmeno da Élide, <i>Arist.</i> 11.3
	Tito Flaminino, <i>Cat.</i> 12.4, 19.2

Trácia, <i>Cat.</i> 12.1	Vestais, <i>Cat.</i> 20.7
Tucídides, <i>Arist.</i> 24.4; <i>Cat.</i> 2.5	Xantípides, <i>Arist.</i> 5.10
Túsculo, <i>Cat.</i> 1.1	Xantipo, <i>Arist.</i> 10.10; <i>Cat.</i> 5.4
Ulíades de Samos, <i>Arist.</i> 23.5	Xenófilo, <i>Arist.</i> 1.6
Valério Flaco, <i>Cat.</i> 3.1, 3.3, 3.4, 10.1, 16.7, 17.1	Xerxes, <i>Arist.</i> 8.1, 10.1; <i>Comp.</i> 5.2

(Página deixada propositadamente em branco)

Em diferentes contextos, Aristides e Catão Censor são paradigmas de figuras históricas que se dedicaram à causa pública. Enfrentando obstáculos de diversa natureza, souberam, apesar dos oponentes à sua estratégia política, manter os seus valores. Por meio da *arete* e da *dynamis* distinguiram-se na *políteia* e atingir a *doxa*. No entanto, como é muitas vezes inerente à atividade política, isso contribuiu para o ostracismo de Aristides e também Catão Censor conseguiu suscitar a inimizade em vários sectores da sociedade romana. Plutarco, selecionando um conjunto de ações, evidencia um aspeto que é transversal na história do pensamento político: o coletivo e o privado. Aristides, mais do que Catão Censor, consegue valorizar o sentido coletivo da sua ação política em detrimento do bem-estar individual. O que para alguns pode ser falta de ambição, para Aristides é respeito pela justiça e pelo coletivo. Quanto a Catão Censor, distingue-se pelo sucesso com que gere o privado, o que pode ser um sinal de mesquinhez ou grandeza de espírito. No exercício das suas funções políticas, procuraram ambos manter uma conduta moral exemplar, ainda que condicionados por diferentes circunstâncias pessoais e também sociais.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

